



 **CAPES**
Memórias Brasileiras
Biografias

TRAJANO MARGARIDA

poeta do povo



Luana Teixeira e Lucésia Pereira
Org.



EDITORA CRUZ E SOUSA



Trajano Margarida: poeta do povo



Financiado com recursos Capes, Edital "Memórias Brasileiras: biografias"

Expediente

Editora Cruz e Sousa

Coordenação editorial: Fábio Garcia

Pesquisa e organização: Luana Teixeira e Lucécia Pereira

Diagramação: Mariane Ventura

Revisão textual e final: Luana Teixeira

Capa e arte final: Pedro MC (77 Letras)

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Alzemi Machado – CRB 14/677

I758 Trajano Margarida: poeta do povo...Luana Teixeira, Lucécia Pereira (Organizadoras).
Florianópolis: Editora Cruz e Sousa, 2019.
340 p.; 16 x 23cm

Inclui bibliografia
ISBN : 978-85-907093-5-0

1. Literatura Brasileira - Poesia. 2. Literatura Catarinense - Poesia. 3. Literatura Catarinense –Escritores Negros. I. Teixeira, Luana. II. Pereira, Lucécia.

CDD B869.1

Esta obra foi produzida conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2012.

Direitos desta edição reservados à Editora Cruz e Sousa
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

Produção: Editora Cruz e Sousa

CNPJ: 31.806.126/0001-81

Servidão Leandro Manoel de Aguiar, 186, Rio Vermelho – Florianópolis

CEP: 88060-218

Fone: (48) 98500-9692

E-mail: contatoeditoracs@hotmail.com

Trajano Margarida: poeta do povo

Trajano Margarida

Sumário

SONETOS

Hoje.....	30
O que tu és.....	31
Ano novo	32
Adeus!	33
Mar revoltado	34
Santa.....	35
No dia em que tu partires	36
Pão	37
Secreta mágoa	38
Que importa?	39
A fumaça do meu cigarro	40
Volta!.....	41
Abandonada	42
Tanger dos sinos.....	43
Senhora.....	44
Miséria e dor.....	45
Esperança nova	46
Mágoas de Artista	47
A monja do Convento.....	48
Amanhã.....	49
Sofredores	50
Ao Exmo. Sr. Dr. Hercílio Pedro da Luz	51
Coisas da nossa terra	52
Confissão.....	53
Ano velho.....	54
Os cegos	55
A noiva	56
É tarde	57
Devolução.....	58

Verônica	59
Dia dos meus anos	60
Amor e medo	61
Máscara Comum.....	62
Pois sim.....	63
Palhaço	64
Saudação.....	65
As duas mães	66
A cigana	67
Nostalgias.....	68
Amor Materno.....	69
O bloco é outro	70
Novena de maio	71
Meus anos	72
No dia da procissão.....	73
Deixa-me	74
Procissão dos passos	75
O cego do cavaquinho	76
“Eterna Saudade”	77
Papai Noel	78
Mistérios d’ alma	79
Vela de cera (II)	80
Os dois morféticos	81
Presentes de Natal	82
Parabéns	85
Ressurreição.....	86
Em tempo.....	87
Soneto	88
Desilusão.....	89

TRÊS POR DIA.....	91
--------------------------	-----------

POEMAS, MARCHINHAS E TEXTOS

Desalento	142
As três lágrimas.....	143
13 de Maio de 1888	144
Senhor!.....	146
Na noite de S. João	147
Dia de Finados.....	149
Madrugada Morta	150
Carta aberta	153
Canção do “Figueirense”	156
Filhos da Lua	157
[Mocidade, alerta, alerta].....	158
Chupa, mas não engole.....	159
Flor da raça	160
Imprensa	161
Canto da Ratoeira	162
Andaluzas.....	162
Sertanejos	162
Tamanqueiras.....	163
Japonesas	163
Margaridas	163
Roceiras.....	163
Morro do Mocotó.....	164

LIVROS & FOLHETOS

O Natal do orfãozinho ou o presente de Jesus	167
Horas Tristes	181
A culpa é dos pais.....	185
Flores mortas.....	189
Pátria	199
A fome e a sede no Ceará	227
Reminiscências	243
Minha Terra.....	263
Carnaval.....	271
Brack	283
Paz	289
Trovas Catarinenses	297
Nelson	303
Cronologia da vida e obra	317
Bibliografia	322
Referências	326
Apontamentos sobre a obra	335
Nota da revisão	339

APRESENTAÇÃO

A publicação dessa obra, reunindo poemas e demais textos de Trajanos Margarida, é resultado de pesquisa realizada no âmbito do projeto “Afrodescendentes no Sul do Brasil: trajetórias associativas e familiares”. Desenvolvido em cooperação entre a Universidade Federal do Paraná, a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal de Pelotas, foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no Edital Memórias Brasileiras: Biografia.

Este livro é resultado de duas cuidadosas pesquisas históricas sobre Trajanos Margarida. A primeira delas foi iniciada em 1996 e concluída cinco anos depois sob a forma de dissertação de mestrado.¹ Em 2017, novas investigações foram iniciadas no âmbito de um projeto de pós-doutorado.² Ao longo desses trabalhos, inúmeros arquivos e acervos foram visitados e centenas de páginas de jornais e revistas folheadas para que fosse possível reunir sua obra.

É a primeira vez que os textos do poeta catarinense são publicados desde seu falecimento. Os escritos aqui apresentados foram produzidos entre 1913 e 1946. São compostos por 60 sonetos, 96 crônicas em verso denominadas *Três por dia*, 13 livretos, 13 marchinhas, sete poemas, um hino e um manifesto. Organizados em um único volume, trazem ao público a lírica e o pensamento de Trajanos Margarida. Uma jus-

ta homenagem a sua memória no momento em que se comemoram 130 anos de seu nascimento.

O poeta do povo

Pobre e neto de uma ex-escrava, Trajano Margarida nasceu em 16 de janeiro de 1889, em Florianópolis, onde viveu praticamente toda sua vida.³ Morreu nesta mesma cidade em 1946. Participou ativamente de sua vida cultural, coordenando pastorinhas, reunindo trovas sertanejas e organizando festivais culturais. Foi também um trovador urbano, um seresteiro e um popular e festejado cantor carnavalesco. Assim como ocorreu em outras partes do Brasil, as expressões musicais dirigidas ao carnaval de Florianópolis, como marchas e sambas, foram também provenientes dos grupos pobres da população. Embora suas letras musicais sejam conhecidas, é lamentável que suas serenatas não o sejam, pois antecederam ao aparecimento do rádio, de modo que não há registro sonoro de sua autoria, pelo menos até o momento. Resta-nos imaginar o timbre e o tom da voz comparada à “garganta de rouxinol notívago”.⁴

Na época de sua morte renderam-lhe homenagens públicas, lembrando saudosamente do poeta do povo, que, como uma cigarra, havia cantando sobre a cidade.⁵ Tais manifestações, entretanto, não impediram que sua tocante e inspiradora obra caísse em total apagamento por meio século. As razões disso são

diversas e entre elas sobressai o fato de que sua arte foi, e ainda é, um ato de resistência.

Em seus escritos denunciou a miséria, a injustiça, os preconceitos e a corrupção de seu tempo. Embora no conjunto de suas personagens encontrem-se sujeitos de todos os grupos sociais, o espaço de sua produção foi preenchido em grande parte pelo viver das camadas pobres da população, como em *Amanhã*, *O cego do cavaquinho* e *Sofredores*.⁶ Com esses atores sociais, Trajano Margarida compartilhou sua literatura, revelando através dela o lado dramático da cidade de Florianópolis, com sua pobreza incômoda e inconveniente, ante os anseios de progresso e modernização que deram o tom político e social a aquela época.⁷

Com ares de melancolia, Trajano versejou sobre os doentes, os velhos, os miseráveis e desvalidos, como em *Miséria e dor* e *Os dois morféuticos*.⁸ Trouxe à baila flagrantes da vida das mulheres pobres e o duro cotidiano das crianças, que tinham, nas vias públicas, o palco da faina diária, conforme o comovente e autobiográfico poema *Torradinho*.⁹ Mostrou também aspectos do viver comunitário dos morros da cidade, como o Mocotó. Trajano abriu uma janela para um mundo popular pouco estudado e conhecido com suas religiosidades, rituais e crenças, seus modos de trabalho e sobrevivência, entre os quais a lavagem da roupa suja da parte “respeitável” da cidade. Ao poetizar sobre essas vidas, Trajano realizou um ato político, evidenciando o abandono e o descaso em que viviam, no

que diz respeito à oferta de educação, trabalho, saúde e demais serviços básicos.

Seus textos eram publicados amiúde pelos jornais da terra e em modestos livretos que bancava, apesar dos parcos salários que recebia na condição de funcionário público do baixo escalão. Os vinte e três anos dessa carreira profissional, vividos junto a uma repartição pública em Florianópolis, foram marcados por tensões com os seus superiores. Trajano não protestou apenas pela bagatela dos vencimentos, mas escreveu sobre a velha e conhecida corrupção, com seus vícios e conchavos envolvidos na distribuição de cargos e promoções. Em virtude da censura ao que publicava nos jornais, o poeta recebeu diversas suspensões.¹⁰

Através do que experimentava em sua vida pessoal e pelo que captava no cotidiano, Trajano construiu um olhar diferenciado sobre a representação passiva dos trabalhadores urbanos. Sua percepção vai ao encontro do que mostram os jornais dos anos 1930, ou seja, o montante de greves e protestos, mesmo em uma época de desmobilização da força política dos trabalhadores, como revela o conjunto de textos intitulados *Três por Dia*.¹¹

Publicados nos anos de 1935, 1936 e 1939, nesses o poeta se valeu de um modo debochado e pitoresco para se referir a sua “amada terra”. No enredo destes versos encontramos diversas referências à cidade, seus aparatos, recantos de lazer, de trabalho e de religiosidade. Trajano descrevia de maneira despreziosa, simples e sem compromissos com estilos

ambientes que eram referências diárias por constarem dos itinerários obrigatórios do ir e vir citadino, como o mercado público e o bonde, ou até mesmo espaços de convivência e sociabilidade, como bares, cafês, cinemas e praças. Dada a constância de suas citações em *Três Por Dia*, deduz-se que o poeta era frequentador assíduo de lugares como a Confeitaria do Chiquinho e o Bar Miramar, reiteradamente citados nos trabalhos sobre a história e memória da cidade.

Para Trajano Margarida, estes locais eram fóruns onde se debatia sobre o carnaval, as contendas entre conhecidos, a carestia dos gêneros e a política. Esta, aliás, tem destacada presença em *Três Por Dia*. Percebe-se que o poeta nutria desânimo e desesperança, prenunciando, já no início da década de 1930, os ares repressivos que ganhariam maior força ao longo daqueles anos. Em suas cutucadas no *status quo*, subjazia uma crítica às pressões sociais e econômicas que recaíam sobre a população. Talvez por isso as “despreziosas” rimas de *Três Por Dia* tenham sofrido de um sintomático recolhimento entre os anos de 1937¹² e 1938. Quando as mesmas retornam, em 1939, não há então mais nenhuma referência direta ao governo ou a homens públicos. O poeta enfim pareceu render-se ao momento e ao desencanto.

Em *Três Por Dia* é possível identificar as mudanças e permanências pelas quais a capital do Estado passava em face da onda modernizadora, já analisada em estudos historiográficos.¹³ Nesse movimento, certas profissões e aparatos iam pouco a pouco perdendo

a sua conotação utilitária. Remanescentes do século XIX – como o Teatro Álvaro de Carvalho, o velho cemitério, o bondinho movido a tração animal, os pombeiros, os engraxates e os carregadores de piano – faziam sombra ao retrato futuro da urbe modernizada. Ainda elementos fundamentais ao funcionamento da cidade, certos lugares e ofícios passaram a representar uma nostalgia incômoda à vida moderna, elegante e higiênica que se buscava estabelecer para Florianópolis.

Trajano apercebia-se desse esforço e nas rimas de *Três Por Dia* registrou estas relações da vida sócio-cultural, amalgamando as suas experiências às dos diferentes grupos sociais. Seu lugar é ambivalente: ele tanto participa, vivenciando os acontecimentos, como assume o papel de mero narrador do frenesi urbano. A ausência de deslumbramento com as novidades e mudanças contrariava diversos outros autores de Florianópolis, que viam com entusiasmo as transformações em curso. Para o poeta, a modernidade era despojada de utopia.

Como dissemos, Trajano Margarida era parte marginal da literatura florianopolitana. Forjados na informalidade do cotidiano, seus versos representavam, para alguns críticos locais, correspondentes de uma arte menor.¹⁴ Tais juízos exemplificam uma polarização existente entre os literatos da cidade nos anos de 1920. Em um dos extremos, estavam autores ligados às elites intelectuais e políticas, que, em 1920, fundaram a Academia Catarinense de Letras (inicialmente nomeada Sociedade).¹⁵

Em oposição a esta, surgiram diversas agremiações, na maior parte, de vida efêmera, tal qual o Centro Catarinense de Letras, criado em janeiro de 1925, do qual Trajano Margarida foi membro fundador. Este reuniu alguns dos escritores que, por diversas razões, não frequentavam a Academia e tinham como proposta não se restringir a preconceitos de ordem estética, racial ou social. De fato, a frequência de escritores negros, como Antonieta de Barros, Ildefonso Juvenal e o próprio Trajano, ajudava a construir a imagem do Centro como espaço mais diversificado. A entidade foi uma opção institucional à Academia, mostrando que havia no mundo letrado uma concorrência de ideias em ebulição não necessariamente amalgamadas ao projeto cultural e político das elites locais.

Trajano Margarida viveu e produziu uma obra artística. Não é possível, do viver e do criar, extrair simples e objetivas conclusões. O poeta não criou fábulas para que houvesse uma moral da história, uma verdade final subjacente. O fato é que da relação entre o homem, sua obra e a cidade, foi possível contar histórias, ou acrescentar diferentes perspectivas a outras já contadas, enxergando novos personagens, novos cenários e novos pontos de vista.

O curioso é que o próprio Trajano, arauto mordaz das imperfeições do processo de modernização, é o autêntico herói urbano (anti-herói talvez), emblemático da modernidade. Vive as ruas, os jornais, os organismos do Estado. Violão em punho, escapou-lhe a rádio, mas não a vivência boêmia do bar no cais do

porto. Viveu o morro, o lado “errado” das cidades do século XX, e sempre, seja ou não por vontade própria, contemplou a modernidade de Florianópolis de dentro para fora.

O poeta negro

O trânsito pelas ruas da cidade, cantando, compondo e organizando eventos culturais não foi a única faceta de Trajano Margarida. O funcionário público, músico, trovador e poeta dedicou parte de sua vida à luta por acesso a direitos e melhores condições para a população negra da capital. Os primeiros indicativos desse engajamento remetem aos anos de 1914 e 1915. Então com 25 anos, Trajano Margarida uniu-se a Ildefonso Juvenal e Astrogildo Campos para organizar as celebrações do 13 de Maio no Teatro Álvaro de Carvalho.¹⁶ Vinte e seis anos passados da assinatura da Lei Áurea, a situação da população afrobrasileira pouco havia mudado. A abolição da escravidão, desacompanhada de qualquer política pública que visasse promover a diminuição da desigualdade no país e somada à difusão das teorias raciais e das políticas de branqueamento, impôs barreiras severas à população não-branca.¹⁷ Celebrá-la, em meados dos anos 1910, portanto, era uma forma de recolocar na arena política os princípios de inclusão que guiaram suas esperanças com o fim da escravidão (e, logo depois, com o regime republicano em 1889).

A afirmação da igualdade entre os seres humanos foi o tom dessas celebrações. Uma das estratégias, usada por artistas e intelectuais da época, como Trajano Margarida e Ildefonso Juvenal, foi relembrar os grandes homens negros que ajudaram a construir o Brasil. E trazer para a arte um olhar próprio sobre o passado escravista, valorizando o trabalhador cativo e sua experiência na formação da sociedade brasileira.¹⁸ Nos poemas de Trajano Margarida, o tema aparece delicadamente, como parte das memórias de sua avó Geralda, em *Novena de maio* e *Flor Preta*.¹⁹ A exaltação da Lei Áurea e a condição de cidadãos que os novos tempos prometiam aos ex-escravos foi o tom de *13 de Maio de 1888*.²⁰ Com versos ásperos e pungentes, criticou os antigos proprietários de escravos em *Senhor*.²¹

Por aqueles anos começou a ser posto em prática o projeto de erguer um monumento para João da Cruz e Sousa (1861-1898), o grande poeta simbolista. Embora Trajano não tenha seguido sua escola poética, a referência ao artista negro, nascido em Florianópolis (na época Desterro) e que lutou por apoio e reconhecimento diante de uma sociedade marcada por preconceitos de cor, foi fundamental em sua apreciação do conterrâneo.²² Trajano Margarida escreveu dois poemas para Cruz e Sousa: *É tarde* e *Coisas da nossa terra*. Finalizou este último com os versos: “e há de perder sempre, quem for poeta, negro e for catarinense”.²³ O poema traz a experiência do artista dos anos 1920, atualizando as interdições raciais sofridas pelo

poeta do fim do século XIX. A batalha contra a opressão racial continuava envolvendo a vida e o cotidiano da população em Florianópolis mais de três décadas passadas da abolição.

Esse clima de agitação política em torno da reivindicação por cidadania fez com que em janeiro de 1920 fosse fundado o Centro Cívico e Recreativo José Boiteux.²⁴ A associação declarou, em seu Estatuto, ser formada exclusivamente por “homens de cor”, termo comum para a autoidentificação entre a população afrodescendente de Florianópolis nas primeiras décadas do século XX.²⁵ Trajano Margarida foi eleito o primeiro presidente do Centro Cívico, que, estrategicamente, homenageava o Secretário de Interior e Justiça, José Boiteux, alçando-o a patrono. Essa aliança foi fundamental para que a entidade alcançasse um de seus grandes sucessos: realizar o monumento para Cruz e Sousa. A campanha para erguer a herma começou tão logo o Centro foi fundado e contou com mais de 100 listas de obtenção de donativos distribuídas. Ao fim do ano o valor necessário já havia sido recolhido e iniciou-se a elaboração da escultura, inaugurada em 1923.²⁶

Trajano participou ativamente da associação, sendo re-eleito presidente em 1924, quando a entidade havia sido renomeada Centro Cívico e Recreativo Cruz e Sousa. Outra ação do Centro na qual teve participação fundamental foi na escola noturna, criada ainda em 1920 e que perseverou até 1927. Ele, que iniciou sua vida profissional trabalhando como professor em

Florianópolis, Itajaí e Brusque, também foi responsável pelas classes da escola.²⁷ A manutenção de instituições de ensino era central nos projetos de luta pela igualdade empreendidos nessas associações.²⁸ Havia a compreensão de que a superação dos preconceitos de cor e de classe poderia ser alcançada pela instrução, que naqueles tempos ainda era muito timidamente assumida pelo Estado.

O engajamento político marcado por um contundente patriotismo foi uma característica comum entre os homens e mulheres que conduziam as associações negras das primeiras décadas do século XX. Ele está presente em vários versos do poeta catarinense, especialmente em *Pátria* (também nomeado *A Pátria e o Sorteado*), que contou com a considerável tiragem de duas mil cópias e recebeu inúmeros elogios da crítica em 1917.²⁹ Naqueles anos, começou a se aproximar do Partido Republicano Catarinense, especialmente de Hercílio Luz. A admiração pelo ex-governador foi expressa em um elogioso folheto denominado *Minha Terra*, amplamente distribuído em 1926, quando da inauguração da ponte que recebeu o nome do político (falecido dois anos antes).³⁰ Trajano Margarida também fez parte da comissão de propaganda da Liga Patriótica para eleição de Arthur Bernardes a presidente em 1922 e, no mesmo, ano foi aceito como sócio da Junta Republicana.³¹ Nas duas entidades teve ao seu lado os companheiros de Centro Cívico e Recreativo, Ildefonso Juvenal e André Pinheiro. Em 1929, fez intensa campanha pela eleição de Júlio Prestes, tendo

proferido vigoroso discurso em um “imponente comício operário” de Itajaí. Destacou o papel do negro na formação da nacionalidade brasileira, invocando seus “irmãos de cor” a aderirem à candidatura.³² Em artigo publicado no jornal *Republica*, intitulado *Carta aberta aos homens de cor da minha terra*, expôs para um público amplo os motivos pelos quais estes eleitores deveriam aderir à campanha de Júlio Prestes.³³

A trajetória política de Trajano, especialmente nos anos 1920, expressa um aspecto fundamental de sua vida: como as linhas de cor que demarcavam a sociedade brasileira na época foram fundamentais para sua experiência e como ele soube articular sua posição social de funcionário público (ainda que de terceiro escalão) a uma reivindicação mais ampla por cidadania e direitos da população afrodescendente de Florianópolis, contribuindo para sua articulação no início do século XX. A vida e obra do artista expressa o quanto ele esteve imerso em um contexto de lutas levado adiante pela população negra instruída no Brasil Pós-Abolição.³⁴ Com outros homens e mulheres na mesma posição, compartilhou um projeto de país diferente daquele que vinha sendo esboçado pelas elites governantes desde a Proclamação da República.³⁵ A aliança com os setores políticos dominantes, mais que um indício de aceitação, expunha o esforço para ocupar um papel ativo nesse processo, algo que, de fato, continuou sendo-lhe vedado e para o que o racismo em muito contribuiu.

Fora da arena política, o cronista do cotidiano imprimia em sua obra traços de sua percepção de mundo pautada pela aproximação com o povo e as questões raciais. Os versos de *Três por dia* são o mais contundente exemplo. Mas também pode-se perceber sua versatilidade na aproximação aos clubes esportivos de cunho popular e formados por afrodescendentes. Trajano fundou e escreveu o hino do Figueirense Football Club e representou, na capital, o Club Náutico Cruz e Sousa, associação negra de Itajaí.³⁶ E também no carnaval, sua grande paixão, não deixava de colocar, entre marchinhas despreten-siosas, questões que tocavam o dia a dia da população da capital. Por exemplo, nos versos de *Flor da raça*, canção carnavalesca, composta para o Bloco Brinca Quem Pode, reconhecido por congregar a população afrobrasileira da cidade e do qual Trajano era um dos organizadores.³⁷

Os últimos anos da vida do poeta foram voltados para questões de foro íntimo e tomados pela melancolia extrema que lhe atingiu após a morte do seu único filho, Nelson, em 1940. O falecimento repentino do poeta, em 1946, colocou fim à vida de um dos mais proficuos artistas da capital catarinense na primeira metade do século XX.

As dificuldades enfrentadas para publicar e vender sua obra, a falta de apoio para consagrar seu trabalho nos círculos literatos, a manutenção do preconceito destarte todo o esforço que Trajano e seus colegas fizeram em vida para que seus talentos fossem

reconhecidos para além das linhas de cor, classe e gênero certamente influenciaram no processo de apagamento da memória de um dos mais talentosos artistas catarinenses do século XX. *Trajano Margarida: poeta do povo* busca lutar contra esse esquecimento, resgatando e apresentando ao público do século XXI uma parte consistente da obra do inesquecível e talentoso artista.

Luana Teixeira

Lucésia Pereira

NOTAS

1 Parte das considerações aqui apresentadas acerca da vida e obra de Trajano Margarida, bem como a intrínseca relação do poeta com a cidade Florianópolis, estão desenvolvidas em: PEREIRA, 2001.

2 A pesquisa entre 2017 e 2019 compôs as atividades de estágio pós-doutoral, financiada pela Capes, realizada por Luana Teixeira junto ao projeto “Afrodescendentes no Sul do Brasil” e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

3 Cabe destacar que essa data de nascimento, corrente na bibliografia, segue SÃO THIAGO, 1957, que a menciona sem citar a fonte. No entanto, a certidão de óbito registra que no dia do seu falecimento ele estaria com 56 anos, o que remeteria ao nascimento em 1890.

4 O Dia, Florianópolis, ano XVII, n. 8.710, 02.08.17, p. 1.

5 CALLADO, 1945, p. 1; CASTIGADO pela publicação de um soneto, o popular poeta Trajano Margarida. A Gazeta, Florianópolis, ano I, n. 152, terça-feira, 19.02.1935, p. 1.

6 Revista Ilustrada, Florianópolis, ano 2, n. 13, junho de 1920; A Gazeta, Florianópolis, ano III, n. 625, segunda-feira, 05.10.1936, p. 2; O Estado, Florianópolis, ano VI, n. 2.001, quinta-feira, 03.03.1921, p. 1.

7 Análises sobre a trajetória de Trajano Margarida podem ser encontradas em: GARCIA, 2007; MARIA, 1997; PEREIRA, 2006, RASCKE, 2017.

8 O Imparcial, Florianópolis, ano 1, n. 5, 30.01.1916, p. 2; Dia e Noite, Florianópolis, ano IV, n. 325, 14.05.1939.

9 A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 336, terça-feira, 08.10.1935, p. 6. Compõe a obra *Reminiscências*.

10 De acordo com os livros de assentamento 8º, 10º e 16º da Secretaria da Fazenda, o funcionário Trajano Margarida foi suspenso em: 25.03.1919 por 15 dias, em 27.04.1919 por três dias, em 18.02.1935 por oito dias e em 28.11.1941 por três dias. Segundo consta no livro 10º de registros da Secretaria da Fazenda, p.71, os motivos das suspensões vão desde a “desobediência às ordens de seu chefe” até “publicação de um soneto satírico visando seus superiores hierárquicos e o governo”. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

11 Foram escritos em três quartetos, em geral acomodados na última folha do jornal, ou soltos de maneira aleatória por entre as suas páginas.

12 Ano da instauração do Estado Novo.

13 Ver principalmente: ARAÚJO, 1989.

14 Ver: BARBOSA, 1979, p. 173.

15 A mudança de nome ocorreu em 1924. SACHET, 1985.

16 O Estado, Florianópolis, ano I, n. 1, 13.05.1915, p. 1.

17 GUIMARÃES, 2009.

18 Sobre a obra de Ildefonso Juvenal, ver: GARCIA, 2019.

19 República, Florianópolis, ano I, n. 112, 31.07.1934, p. 1; A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 322, sábado, 21.09.1935, p. 6.

20 O Olho. Semanário Ilustrado. Florianópolis, ano I, n. 6, 13.05.1916.

21 O Imparcial, Florianópolis, ano I, n. 12, 13.05.1916, p. 3.

22 TEIXEIRA, 2019.

23 O Estado, Florianópolis, ano V, n. 1642, segunda-feira, 01.11.1920, p. 6; Revista do Centro Catarinense de Letras. n. 1, maio de 1925. Apud: BERTOLINO, 1993, p. 64.

24 BORGES, 2019; GARCIA, 2007; RASCKE, 2018.

25 Estatutos do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux. República, Florianópolis, ano XVI, n. 717, quinta-feira, 03.03.1921, p. 3.

26 Uma réplica da escultura, furtada em 2013, encontra-se hoje na Praça XV de Novembro, centro de Florianópolis. Ver: A Desterro de Cruz e Sousa. Disponível em: <<http://santaafrocatarina.sites.ufsc.br/santaafrocatarina/?>>. Acesso em 10.03.2019.

27 República, Florianópolis, ano XV, n. 503, sábado, 12.06.1920, p. 2.

28 DOMINGUES, 2011.

29 O Dia, Florianópolis, ano XVII, n. 8.661 (8.731), 22.08.17, p. 2. MARGARIDA, Trajano. *Pátria*: poemeto patriótico. Florianópolis: Officina Gráfica da Phenix, 1917.

30 MARGARIDA, Trajano. *Minha terra*: comemorando a inauguração da Ponte Hercílio Luz e rendendo uma pálide homenagem a seu grande idealizador. Ed. do autor, 1926.

31 República, Florianópolis, ano XVII, n. 974, 29.01.1922; n. 1.011, 18.03.1922.

32 República, Florianópolis, ano III, n. 874, 11.09.1929. O discurso não está incluso nessa obra por não ter sido transcrito.

33 A República, Florianópolis, ano 3, numero, 868(A), domingo, 01.09.1929, p. 4.

34 Sobre o assunto existem diversas pesquisas, como, por exemplo: GOMES; DOMINGUES, 2013; LONER et al., 2014; MATTOS; RIOS, 2005.

35 ALBERTO, 2017.

36 República, Florianópolis, ano XVII, n. 947, sábado, 24.12.1921, p. 3; O Estado, Florianópolis, ano VII, n. 2.188, 10.10.1921, p. 2. Ver também: CARDOSO; RASCKE, 2016.

37 República, Florianópolis, ano I, n. 267, quinta-feira, 07.02.1935, p. 6. Ver: RASCKE, 2018.



Acervo pessoal Fábio Garcia

Trajano Margarida

Sonetos

Hoje

Hoje sou infeliz! Meu peito sofre tanto,
É tamanha esta dor que sempre me tortura,
Que a alegria que eu tinha está desfeita em pranto,
Cruel, desalentado e cheio de amargura.

A estrada da paz, de flores, um encanto,
Onde sempre cantou minh'alma alegre e pura,
Hoje, espinhos possui, rasgando o peito santo,
D'um pobre sem guarida, infeliz criatura.

Até o próprio Deus a quem sempre eu pedia,
As venturas sem paz e gozos infinitos,
Parece que fez pouco em que tudo o q'eu dizia.

E vive esta minh'alma assim sem ter alento,
Fazendo-me infeliz, maldito entre os malditos.
Desde o dia em que a sorte foi-se como o vento.

O que tu és

A simples candidez do teu olhar;
Da tua boca os mágicos olores
A gentil expressão do teu andar,
Como quem anda sempre sobre flores;

Do teu cabelo negro e cor sem par;
Do teu vestido branco os esplendores;
Esse jeito que tens de arrebatat,
Como deusa gentil meiga d'amores;

Tudo isso faz minh'alma enlouquecer
E num salto d'amor faz-se elevar,
Aos páramos da dor e do sofrer.

Porque tudo ao te ver, tudo se encanta,
E junto a ti tristonho a soluçar,
Eu não sei s'és mulher, rainha, ou santa.

Ano novo

Que sejas da ventura o grande mensageiro,
E sejas do amor o sol tão almejado.
Que dê a cada lábio um riso verdadeiro,
E a todo coração um mundo iluminado.

Que sejas do oprimido o manto justiceiro,
E sejas da orfandade o pão tão desejado.
Que tornes cada lar em ninho prazenteiro,
D'um novo céu de amor de estrelas constelado.

Que extingas de nossa alma a dor que nos tortura,
E faças triste e mudo o eco dos canhões,
Que nossa alma compunge em sua alva candura.

Que extingas do universo a dor descomunal,
Que faças n'um abraço unirem-se as nações
Cantando um hino santo... A paz universal

Adeus!

Adeus!... Bem calmo e lento, enfim, te seja o mar,
Que em breve irás singrar. Bem calmo seja o vento
Que as velas de momento, irão sempre a lufar
Da nau em que a chorar, se vai meu pensamento.

Sereias a cantar, te sigam de momento,
De tua nau portento, o rasto que deixar.
Sereias a cantar, em doce entretenimento,
Te façam seja lento, o mar que hás de sulcar.

Adeus!... Que sejam sempre as noites de luar.
Que possas contemplar os risos da alvorada,
Bem junto à barca amada, amores a cantar.

Si não voltares mais... que importa? A soluçar
Aqui há de ficar minh'alma contristada,
Pedindo a Deus curva, a placidez do mar.

Mar revolto

Por que tu ruges tanto, ó poderoso oceano?
Quem sabe guardas n'alma algum secreto amor,
Que o dorso faz-te erguer nesse furor insano,
Causando medo ao mundo e ao mundo dando horror!

Por que tu brames tanto e tornas-te um tirano,
Lutando sem cessar em tão negro estertor?
Por que sempre a rugir tu vives todo o ano,
Despótico gigante, atlético senhor?

– Por que eu trago n'alma o ódio mais profundo,
Mais feroz e mais cruel, mais negro e mais ardente,
Que há em toda vida e vive em todo o mundo.

E esse ódio enfim que eu sinto e que estremeço,
É não poder tragar o céu de azul silente,
O céu maior que eu, que em prantos reconheço. –

Santa

Para o amigo Bastos

Quando ela um dia entrou no templo iluminado,
E aos pés da virgem mãe, curvou-se reverente;
O povo, calmo ao vê-la, estático e pasmado
Clamou: Oh! Que beleza! E como encanta a gente!

E tudo murmurava em prece admirado,
Daquela formosura assim tão resplendente,
Até o velho cura em êxtase encantado,
O coração sentiu pulsar-lhe ousadamente.

O próprio Cristo mudo, o Cristo de Carrara,
Ao vê-la enfim curvada aos pés da mãe divina,
Tão bela, tão sublime, e tão formosa e rara;

Ao ver daquele rosto a perfeição que encanta,
Quis os braços soltar da negra cruz ferina,
Quis curvar-se a seus pés, e quis chamar-lhe Santa.

No dia em que tu partires

Muito eu hei de chorar. Minha alma magoada,
Ao ver-te indo enfim, deixando-me sozinho,
Por certo há de fugir de sua sã morada,
E ir te acompanhar em prantos no caminho.

A lira em que eu cantei, tristonha, espedaçada,
Jamais há de ferir o som terno e meiguinho,
Com que saudava a rir a noite enluarada,
E alegre dava vida ao meigo rosmãozinho.

Não mais eu cantarei, nem mais terei alento.
Talvez que me transforme em “ais” o coração,
O másculo terror, o negro isolamento.

Muito eu hei de chorar. E as aves nos seus ninhos,
Ao ver-te tristemente em marcha p’ro sertão,
Dirão: Que Deus te guie em todos os caminhos.

Pão

Uma sílaba só tu tens, e no entanto,
Em ti resumes tudo o que se diz à vida.
Acalmas sempre a dor, e estancas todo o pranto,
D'uma alma sem consolo em mágoa compungida.

Do órfão sofredor, tristonho e sem guarida,
És seio divinal, és sol festivo, és canto.
Se alguém sentido chora a dor, de insana lida,
És muito mais que o sol, é confortável manto.

És belo, meigo e santo, és divinal gigante.
E tudo o que de puro existe à luz do mundo,
Não é igual a ti, não é; ó pão amante.

Três letras tão somente, eis os encantos teus.
És cura para o mal, és divinal profundo,
És vida, és ideal, és lar, és sol, és Deus.

Secreta mágoa

Ó mar! ó velho mar! ó mar forte, gigante.
Ó mar que mete medo! ó mar que causa horror!
Por que sempre raivoso, assim de instante, a instante,
Tu brames sem cessar com tão negro exterior?

Quem sabe tens, ó mar, alguma oculta amante,
Ou guardas dentro d'alma algum secreto amor?
Ó diz-me a causa, ó mar, porque sempre incessante,
Tu vives tão raivoso e cheio de pavor?

– Assim falava eu, ao revoltado oceano,
Que atroz, feroz e magoado em ódio convulsivo,
Tornava-se um cruel, despótico, tirano.

E num exterior de angústia, em frases de azedume,
Me disse, que sentia o coração ferido,
Das garras negras, vis, do másculo ciúme.

Que importa?

Fere mais, inda mais, maldita dor, maldita,
Dor que atroz atormenta e uma alma dilacera.
Hás de vê-la a sorrir desta tua desdita,
Verão, inverno, estio, outono e primavera.

Esfacela de vez, tens a sentença escrita,
Tu que és mais que o tufão, q'és horrorosa fera.
Esfacela de vez, que a não verás aflita.
Pois a morte a sorrir é que minh'alma espera.

Pouco importa morrer, a quem vive a pensar,
Quem não tem da esperança o mais festivo canto,
Deve logo de pronto a campa enfim baixar.

Maldita sejas sempre, ó dor da ingratidão.
Fere, fere, cruel, que não verás o pranto,
De quem roubaste a paz, a luz, o lar e o pão.

A fumaça do meu cigarro

Para o Almeida Coelho

Gosto imenso de vê-la qual serpente,
Tomando formas mil e mil figuras,
E depois dissipar-se, de repente,
E perder-se longínqua nas alturas.

Bem longo tempo gasto, e bem contente.
Contemplo todas suas curvaturas.
Enquanto ideias vagas vêm-me à mente,
Povoando-a de coisas meigas, puras.

Mas hoje de manhã, quando eu fumava,
E fitava a fumaça esbranquiçada,
Que em nova curvatura aos céus se alava.

Estático fiquei; correu-me o pranto,
Ao vê-la desenhar, sorrindo ousada,
O nome da mulher que eu amei tanto.

Volta!

A alguém

Oh! Não! Jamais irás por essa estrada afora,
Em busca do prazer, em busca da ventura.
Somente nela existe a mágoa que deplora,
N'um céu sem alvorada e cheio de amargura.

Não sigas, não; por Deus. Minh'alma que te implora
Divisa muito ao longe o mundo de tortura,
Que em breve irás cair, qual noite ao vir da aurora,
Si não guardares n'alma a c'roa da candura.

É longa e tortuosa a estrada a prosseguir.
Em si reside a dor e o lamaçal profundo,
Que tem por lei somente as almas compungir.

Oh! Volta! louca, é tempo, ali reside o mal,
Não queiras nunca entrar naquele ingrato mundo
Que tem portas de ouro e fundos de hospital.

Abandonada

Ao Agrícola Guimarães

Um dia, ao vir à luz de límpida alvorada,
Do noivo sedutor aos braços se atirou:
Calcando aos pés a honra em tudo venerada,
Por quem o pai de dor a campa enfim baixou.

Julgando-se do amante a Deusa Idolatrada,
Não tinha um só pesar da honra que ultrajou.
Mas ele uma alma impura, em tudo depravada,
Depois do gozo louco ao mundo a abandonou.

Desceu de um a um os antros da miséria,
De passo em passo foi a mais cruel baixeza,
Com que habitam rindo os crimes da matéria.

Depois cansou... Jogada ao catre do hospital
Não era mais Maria, – a cândida beleza,
Conforme era tratada, outr'ora, no Arraial.

Tanger dos sinos

Ao maestro Penedo

Quando ouvirem tanger bem ritmado
Aquele seu – blam-blam – triste, pungente;
Que se sintam de vez arrebatados
Para um céu sem igual, alvinitente;

Que seu som taciturno e malogrado,
Triste e nova impressão vos dê na mente;
Que tristonho céu se parta alado,
Como prece que busca o Deus clemente;

Quando ouvirem tocar assim pungido:
Blam-blam, blam-blam, bem calma e vagaroso,
Como um ser sempre em dores combalido;

De joelho se ponham e vão orar.
E alguém que se acha enfraquecido,
Vendo a morte de si se avizinhar.

Senhora

Perdoai-me, senhora, se atrevido
Tornei-me em vos roubar da boca um beijo,
Tão grande é este meu amor em mim nascido,
E acorda-me na alma tal desejo,

Que ao ver-vos sentada e enrubescido
O lábio vosso, aonde flores vejo,
Senti-me de uma vez louco, vencido,
E sorrindo gozei do santo ensejo.

Se acaso achais um crime o cometido,
Se louco procedi, vilmente ousado,
Roubando-vos qual louco um beijo ungido,

Condenai-me; aqui estou, porém é pouca
A sentença que dais, ser enforcado
Aquele que vos deu um beijo à boca.

Miséria e dor

O pranto que aflorar tu vês, constantemente,
Do meu tristonho olhar sem luz, esmaecido,
Não é recordação de um louco amor nascido
De algum beijo deposto em rubro lábio ardente.

Não é, doce querida. Há muito que esquecido
Me foi todo o passado, e dela há tão somente
A luz sacramental do amor que por mim sente
Teu puro coração, em mágoas denegrido.

Dizer-te agora eu vou a causa de meu pranto;
Preciso que a tua alma, a que minha idolatra,
Conheça a vil razão porque padeço tanto.

A dor que me crucia esmaga e me consome,
Que o coração me fere e me tortura e mata,
É ver meu pobre filho a soluçar com fome.

Esperança nova

Ao bom amigo Agenor Cardoso

Sentado em meio à sala e alheio à insana lida,
Meu filho alegre eu vejo a rir e brincar.
– É uma aurora de amor em negro céu nascida,
– Uma aurora que veio um céu negro aclarar.

Toda a minha esperança há muito decaída,
Com ele ressurgiu à face do meu lar.
– Olhando-o sou feliz, beijando-o sinto a vida,
– Numa fase de luz, sempre nova a cantar.

De o ter bem junto a mim, me sinto tão ditoso;
Tão cheia de avareza a minha'alma insensata,
Escuta com meiguice o seu falar maravilhoso;

Que esqueço a própria vida e a dor dilacera,
Dor cruel que aniquila e que tortura e mata,
Durante Inverno, Outono, Estio e Primavera.

Mágoas de Artista

Ao Juvenal Porto

Ao constante gritar da turba, inconsciente,
Eis que surge a saltar o gárrulo Palhaço,
Diz gracejos, a rir, fingindo-se contente,
Fazendo ecoar ao longe as gargalhadas d'ação

Dá saltos, dá risadas e fica saliente,
Quando vem de girar com rapidez no espaço,
Depois, saúda o povo e foge indiferente,
Sem os bravos ouvir, sem demonstrar cansaço

Lá dentro então, qual louco, aflito, extenuado,
Do filho morto, o corpo, a aconchegar sentido,
Num anseio febril, de lágrimas banhado,

Maldiz a multidão que ainda o chama à cena,
Sem respeitar a dor que o faz entristecido,
E que o torna incapaz de vir de novo à arena.

A monja do Convento

Por que razão és triste, ó Monja do Convento,
E choras sempre que, lá da muralha antiga,
Avistas todo o mar, sempre calado, lento,
Do pescador ouvindo a plácida cantiga?

Que sentes dentro d'alma ao veres o portento,
De beleza e de amor, da Lua sempre amiga,
Mil beijos dando à terra, ao perfumado vento,
Que passa a murmurar, baixinho como intriga?

Porque razão és triste, ó Monja do convento?

- Que diga o vasto mar, agora manso lago,
- E a lua prateada, e o perpassar do vento...

- Que diga o coração de dor acabrunhado...
- O eterno e grande amor que dentro do peito afago...
- E as saudades sem fim do meu feliz passado.

Amanhã

Um caixão... quatro velas, e... uma imagem,
Como nota final de um triste drama,
Os pêsames com o seu – tenha coragem!
E, uma c'roa qualquer de verde rama.

Quatro homens a rirem galhofando,
Apressados levando-me ao monturo;
E os vermes ansiosos esperando,
Para o negro festim, nojento, impuro.

Pelas ruas meu filho a mendigar;
Da burguesia imunda ouvindo ralhos,
Sem nunca um coração amigo achar.

E assim terminarei a vida vã,
Fugirei deste mundo de trabalhos,
Embora cedo ou tarde, hoje ou amanhã.

Sofredores

A tarde é feia, e está triste, chorosa
Assim como quem sofre e como quem lamenta
Na esquina canta um Cego, e a voz rouca, fanhosa
A tristeza da tarde em sua dor aumenta

A filha também canta e tem a voz queixosa,
Como quem sente n'alma o fragor da tormenta.
Depois, sai a pedir, de volta, desditosa,
Sentada na calçada, a soluçar, de assenta.

E chora... e a chorar sempre, a pobre se levanta
E o cego vai guiando até a outra esquina
Aonde sem vontade, enxuga os olhos... canta

E eu digo dentro em mim – Que dor profunda a sua...
Que angústia vem sofrendo a sua alma de menina,
Que chega a se mostrar, em pleno Sol da Rua.

Ao Exmo. Sr. Dr. Hercílio Pedro da Luz

No dia do seu aniversário natalício

Salve a data feliz, toda esplendor e graça,
Que de alegria e festa, a nossa terra encanta.
Salve a data ideal, que entre todas realça,
Tornando a natureza, harmoniosa e santa.

Salve o dia feliz, que as flores entrelaça,
Marcando mais um ano, a quem forte alevanta,
A ideia do progresso, a ideia que esvoaça,
Por quem o povo todo, ao Céu hosanas canta.

Salve! Salve! de Maio o dia augusto, nobre,
Que faz feliz, alegre, o povo desta terra,
Que seja forte ou fraco, ou mesmo rico ou pobre.

Salve! Salve! de Maio, o dia aureolado,
Que traz um ano mais, para quem bondade encerra
E sabe ser do povo o Chefe idolatrado.

Coisas da nossa terra

Ao espírito de Cruz e Sousa

De teres sido aqui, na tua e minha terra,
De opróbrios mil, coberto e sempre abandonado;
De teres também sido a vítima da guerra,
Nascida contra a luz do teu talento ousado;

De teres contra ti, todo o rancor que encerra,
O cérebro sem luz, vencido e suplantado;
De seres pela inveja audaz, que o bem desterra,
Ao mundo da desgraça, um dia arremessado;

De teres sucumbido ao peso da desdita,
Abandonado e só, sem ter conforto e alento;
Sem ter quem amparasse essa tua alma aflita;

Em nada me admira... o mal que é forte, vence.
E há de vencer sempre, a quem tiver talento,
Quem for poeta, negro, e for catarinense.

Confissão

A vida sinto já, no derradeiro alento,
Mas, como hei de morrer, me diz, ó Padre meu!
Feliz de quem é só, que, em todo o sofrimento,
Chorar não sente nunca, alguém que ama e que é seu.

Quão doloroso e triste é o último momento!
– Coragem meu Irmão, Jesus também sofreu.
– Mas, foi resignado em todo o seu tormento,
– Até mesmo na hora em que expirou... morreu.

Que importa ó Padre, eu sinto o que ele não sentiu.
Heróico há de morrer, sem um lamento, um ai,
Quem filhos não tiver, quem prantos seus não viu

Resignado, foi, mas... Padre, uma verdade,
Jesus quando morreu; quando subiu p'ro Pai,
Não deixou nem mulher, nem filhos na orfandade.

Ano velho

Eis que se finda o Ano, e que também se finda,
Enorme multidão de róseas esperanças.
Mas, se alguma escapar, que forte viva ainda,
É porque sempre esteve, em meio das crianças;

É porque viveu sempre ao lado da inocência;
Na ideal candidez feliz, dos ternos anos;
É porque teve a unção das vozes da clemência,
De quem jamais sofreu, da vida, os desenganos.

É que espera talvez, de novo se apossar
Dos pobres corações, dos quais, rindo, iludira,
Zombando eternamente e sempre a enganar.

Eis que se finda o Ano, e assim, toda a esperança
Que, com, promessas mil, com risos, com mentira,
Me fez um iludido...um louco...uma criança.

Os cegos

Marido, esposa e o filho. O Trio da desdita,
Fingindo-se feliz, cantando em toda esquina.
Ouvi-los causa dó. Na própria voz aflita,
Há notas de tristeza e dor que a desafina.

Termina o canto. A esposa é assistência fita,
E numa voz cansada, enfraquecida, fina,
Anuncia um folheto em cuja mão agita,
Enquanto o esposo espera e toca uma surdina.

E quando canta o filho, o filho ainda menino,
O coração da gente, acabrunhado, mudo,
Analisa a exigência austera do destino.

No entanto, o povo, atento, escuta a musa insana
E aplaude num sorriso o eco triste, agudo,
De um canto que traduz toda a amargura humana.

A noiva

De branco revestida e em direção à Igreja,
A encantadora noiva, ativa, rindo, passa
Enquanto na sua alma alegre revoeja
A esperança de amor, toda de encanto e graça.

Ante à imagem de Cristo onde o esplendor sobeja
E o exemplo da virtude entre os demais realça,
Constrita ela se curva e as mãos do Padre beija,
Ouvindo as orações que as almas entrelaça.

Depois, num gesto nobre e num esplendor sem fim,
A tudo que a interroga o Padre celebrante,
Mais bela do que nunca ela responde: SIM!

E, à noite, já na alcova, onde ela é um deus, Rainha,
O noivo vencedor que a beija a todo instante,
Exclama alucinado: “Até que enfim!... És minha!”

É tarde

Se, talvez do bronze, o espírito falasse
E tudo nos contasse em voz bem clara e forte,
Talvez que Cruz e Sousa agora nos mostrasse,
Um por um, os cruéis que lhe deram a morte.

Talvez que, ante a grandeza ideal do monumento
Que erigem como prêmio à sua inteligência,
Fugisse envergonhado, ao receber o alento
Dos que sorriram sempre ao vê-lo na indignância.

Talvez agradecesse a vil ostentação,
Espelho e refletor da negra hipocrisia
Dos que lhe deram pedra e não lhe deram pão.

Se o espírito que, acabrunhado chora,
Pudesse vir a falar, bem alto então diria:
Hipócritas! É tarde! É muito tarde agora.

Devolução

As cartas mandarei a qualquer hora,
Pois as guardo somente por lembrança,
De um amor que tão belo como a aurora,
Teve a vida de um sonho de criança.

Já te disse que não as porei fora.
Mandarei todas elas sem tardança,
Sem do amor a piedade que se enflora
Dentro d'alma vazia de esperança.

Em guardá-las não tenho mais razão,
Por isso as mandarei e sem pesares,
Mediante mais esta condição:

- Me esqueceres como eu te esquecerei.
- E por troca das cartas me mandares,
- Um punhado dos beijos que eu te dei.

Verônica

Para o álbum da distinta Colega de Academia Antonieta de Barros

Só gemidos de dor no augusto sofrimento,
Ressoam nessa voz agônica e divina,
Verônica, tua alma é pólo de tormento
E amor ao bom Jesus de sobre-humana sina.

– Canta, vibrando sempre em teu ralado canto.
As penas, a paixão, as mágoas de Maria!
– Canta, enquanto vinga, envolto no teu pranto.
As fardas do Calvário, um Cristo de agonia!

Sursum, dorida voz! Ao céu hás de chegar,
Que és prece mais perdão, lamento verdadeiro
De uma alma que soluça angústias pelo ar...

Bem ouço nesse trenó os ecos de amargor:
– Indaga, pois, ao povo, indaga ao mundo inteiro,
Se há dores tais na vida iguais a tua dor.

Dia dos meus anos

À minha esposa

“Como ele vai feliz!... Como ele alegre canta!...”
Diz hoje admirada a minha vizinhança
Ao me ver rua afora, alegre, saltitando
Como quem vai correndo em busca da esperança.

Há de dizer também. “Ele anda malucando,
Com os miolos ardendo em convulsiva dança”
E, no entanto, eu feliz, secretamente orando,
Nesse anseio de Fé que em canforar não cansa.

Peço a Deus e Senhor, a Deus que tudo faz,
Que não me negue nunca a luz do seu amor,
E que de anos me dê uns cento e tantos mais;

Que da estrela da Fé o inigualável brilho,
Seja a luz da piedade; o facho redentor,
Para guiar nós três: – Eu, tu e o nosso filho.

Amor e medo

Ao ver-te inanimada, exausta, muda e fria;
Por sobre o peito, as mãos geladas e magrinhas;
No olhar tremendo a luz da última agonia,
Sem teres um fulgor, de tantos que então tinhas,

Eu sinto o que dizer jamais se tentaria!
Pois mortas também vejo as ilusões que minhas
Cantavam junto a ti, cantavam a melodia
Do amor santificado e igual às Ladainhas.

Mas, nisso tudo a dor que eu sinto e mais se exalta;
Que mais me fere e abate o que me faz descrente
Numa angústia sem fim que me entristece e mata,

É ver disforme em tudo a causar medo agora,
Essa boca de santa há pouco rubra, ardente,
Onde beijos sem conta, eu já depus outrora

Máscara Comum

Carnaval

Podes mesmo sair vestida de Rainha;
Coroadas, de manto e, à frente de um cortejo
Onde impere o esplendor que antigamente tinha
Os séquitos reais que já caídos vejo.

Também podes te encher das jóias que continha
A coroa de um Rei. De tudo tem o ensejo
Essa tua alma vil, onde o que é mal se aninha.
Que na rude mentira encontra o seu desejo.

Veste tudo que houver de gala e de riqueza
E, depois sai a rir, sai a dizer chalaça
Aos que prestam a verdade um culto de pureza.

Mas... dá vida a esse povo!... Exulta-o de alegria!...
Embriaga-o de gozo ou mesmo de cachaça,
E, não o deixes só, MALDITA HIPOCRISIA.

Pois sim

Aos pés exaustos de Cristo em rude cruz pregado,
Há muitos anos já, quando eu era menino,
Um dia de manhã, num gesto abençoado
De verdadeira Fé, gesto de luz, divino,

Chorando supliquei, pedi, que iluminado
Eu visse, pelo sol que aquece o peregrino,
O caminho da vida em que desamparado
Tivesse de seguir cumprindo o meu destino;

Que o seu amor de pai caísse sobre mim,
Pois mesmo pecador era eu também seu filho.
– E o Cristo como a rir, me respondeu – “Pois sim”.

Por isso é que me vês sempre feliz, cantando,
Bendizando da vida o tortuoso trilho...
Bendizando o esplendor da cruz que vou levando.

Palhaço

Eu não te conheci, nem te conheceria
Sob as vestes de um doido e gárrulo Palhaço
Que em todo o Carnaval vibrou d'alta alegria,
Dando saltos mortais, com giros pelo espaço.

Eu não te conheci. Depois... quem julgaria,
Que tu, que da miséria, estás somente a um passo,
Tentasse sufocar nas fúrias dessa orgia,
O mal que o coração te fez num só pedaço.

Quem podia supor que a vítima do mal,
Ansiosa talvez, de instantes de ventura,
Mascarada saísse em pleno Carnaval.

– Que triste é o fim da vida em sua luta insana!
Palhaço! No esplendor de toda essa loucura,
Só bem te conhecer a... HIPOCRISIA HUMANA.

Saudação

*Ao exmo Sr. Coronel Aristiliano Ramos no dia do
seu aniversário natalício.*

No dia em que o bom Deus concede-nos a graça
De dar um ano mais de vida ao Chefe amigo,
No dia em que seu Lar todo esplendor realça,
Na comemoração da data que eu bendigo.

Na lira a qual minha alma, embora velha, abraça,
E dela já se fez um Templo mudo, antigo,
Ditoso pedirei pra data que hoje passa,
De todo o coração o desejado abrigo.

Ditoso cantarei a estrofe de alegria;
A glória que esta data em tudo seu contém
E o que cantar puder, do verso em harmonia.

E almejarei então, que velho entre os velhinhos,
Vossa Excelência possa, amando sempre o bem,
Sentir-se abençoado e cheio de netinhos.

As duas mães

Entre gritos de dor, com gestos de loucura,
Uma levava à campa a filha que morrera
Pequenina, inocente; ave formosa e pura
Que entre cantos, ao céu, festivo vôo erguera.

Outra trazia a rir, bondosa e com ternura,
A filhinha infeliz que cega lhe nascera.
Mas ao ver o cortejo em muda formatura
Que por ela passara e ao longe se perdera;

Censurando em segredo, a mágoa que a envolvia,
Mágoa que fere, esmaga e ao coração se apegava,
Disse triste à ceguinha em voz que mal se ouvia:

“Que feliz eu seria e que ditosa sorte,
Se em pequena eu te visse, em vez de pobre e cega
- Num caixãozinho azul levada pela morte”.

A cigana

Na sinuosidade e quase indecifrável
Das linhas desiguais da minha mão morena,
A humilde profetisa, a nômade adorável,
Com aquela formosura angelical e amena,

Quis ler o meu futuro. E, assim, sorrindo e afável
Pensando me iludir com sua cantilena,
Um futuro de luz, num sonho irrealizável,
Tudo ela me contou convicta e serena.

E, muitas coisas mais me disse a ciganinha
Só não falou na dor, nem fez menção à morte
Que ao lado dos mortais, secreta e audaz caminha

No entanto ignorava a feiticeira bela,
Que todo o meu futuro e toda a minha sorte,
Bailavam no esplendor dos negros olhos dela.

Nostalgias

Na minha rude Lira, onde a tristeza impera
Cantando eu tenho, já, sentidas nostalgias;
O encanto sem igual da minha primavera
Que veio e que se foi como se vão os dias;

Minha alma que em sofrer jamais se desespera;
Que das aves do céu escuta as melodias,
Às vezes enfronhada em rútila quimera,
Parece uma criança em meio de alegrias.

Por isso acho feliz e humano ter saudade.
A gente julga a dor, que agora nos define,
Maior que a dor sentida em plena mocidade.

Que bom sentir saudade!... Eu quando for velhinho,
Hei de sempre lembrar, para ventura minha,
O tempo em que gritava: “Oh!... Moço!... Torradinho!!!”

Amor Materno

Na morte de Luiz, falou todo o povoado
Da capelinha o sino, em voz dorida, em canto,
Ao cura fez chorar. Depois ao ser chamado
P'ra encomendar o morto, o Cura, o velho santo,

Dizia olhando o céu de estrelas constelado:
– Não creio que por ele a Mãe derrame um pranto
– Mas, sim, que louve a Deus por ter enfim matado
– O filho que a espancava e a envergonhava tanto.

Mas, ao chegar a casa, o humilde salvador
De súbito estremece e mudo, triste, absorto,
Contempla um quadro em luz que lhe apresenta o amor:

A velha e infeliz mãe, na angústia que a trazia
De joelhos aos pés do filho mudo, morto
– Vencida pela dor já não chorava... ria.

O bloco é outro

Para o álbum de minha esposa

Este ano você fica. O Bloco é diferente
Do outro que eu já fiz. Não leva Arlequinate,
No entanto há de causar surpresa a nossa gente
Que em coisas de justiça é nula e não se mete.

Vou eu, meu filho e alguns. Um grupo penitente,
Que crê que Deus não nega aquilo que promete,
Sem nada de alusão, o Bloco que é corrente,
Há de alegre brincar, mas, sem pintar os sete.

Seremos da folia os extra-numerários.
E, para não vestir a fantasia de urso,
Iremos de roupão de simples funcionários.

O Bloco é da pontinha. Um grupo de escolhidos,
Que, sem ter pretensão à Taça do Concurso,
Contente há de gritar: – Bloco dos Preteridos.

Novena de maio

Sentada num cantinho escuro da cozinha
E, quase sempre olhando o fogo no fogão,
Vovô sem ser feliz, cantava a Ladainha
Que mais a consolara em sua escravidão.

E, sem que eu pedisse, a boa e sã velhinha,
Com voz dorida e fraca e cheia de emoção,
Cantava, uma por uma, as preces com que vinha
Ditosa embalsamando o próprio coração.

Em uma noite em que eu atentamente a ouvia.
Sem mesmo eu esperar, Vovó com voz magoada,
Seu canto terminou: – Com flores, a porfia...

Não cantou mais. Depois fingindo um ar de graça,
Limpando os olhos disse: – A lenha é tão molhada
Que até me fez chorar, por causa da fumaça.

Meus anos

Quem vive sob o peso atroz da luta ardente,
Das mil desilusões ferinas e magoantes
Quem vive sob o apodo hostil de certa gente,
Ferido pelo ardor de línguas difamantes.

Quem vive como eu vivo, a me fingir contente,
Curtindo sem clamor, martírios cruciantes,
Sentindo na cabeça a pedra que vilmente
Ativa a mão da turba de intrigantes.

Não deve festejar o seu aniversário.
Jamais alguém há de ir com músicas e flores,
Cantando, a carregar a cruz ao seu Calvário.

Por isso a data de hoje, o dia dos meus anos,
Apenas é manhã que surge entre fulgores
De um ano de ilusões, de mágoa e desenganos.

No dia da procissão

O santo preso a um tronco, igual a um condenado
Que lutou como herói, depois caiu vencido;
Das setas tendo o corpo exausto, perfurado,
E tendo o olhar sem luz, sem cor, esmaecido.

Tudo isso me fez triste e me fez penalizado
Assim como se fosse eu que, já decaído,
Me visse, sem piedade, em rude cruz pregado,
Depois de muito andar vilmente perseguido.

Mas, de tudo que triste me falou bem n'alma;
Que me fez recordar passado já desfeito
Em que eu tinha do amor tão verdejante palma,

Foi ver uma velhinha, atrás da procissão,
Cantando piedosa e cheia de respeito
Ó “Glorioso Mártir São Sebastião”.

Deixa-me

Porque pedes que eu vá cantar em tua porta,
O teu tranquilo sono, ir louco despertar?
Meu canto nada vale e a ti bem pouco importa
Que eu viva neste mundo a rir e a chorar.

Debalde cantarei. Minha esperança morta
Jamais há de trazer alento ao me cantar.
Porque razão hei de ir na noite que conforta
O teu tranquilo sono em cantos acordar?

Ó! Não! Não peças mais! Por Deus! Deixo que a dor
Meu coração torture assim de instante a instante,
Até vê-lo morrer sem ter teu amor.

Por que pedes que eu cante à noite em tua porta!
A esperança em te amar, em ser o teu amante,
Há muito me deixou... Já não existe... é morta.

Procissão dos passos

Para o álbum do amigo capitão Risoletto Barata

No tempo que eu vendia torrãozinho,
Quando eu era criança e não pensava,
Eu via que mamãe sempre chorava
Quando a imagem passava no caminho.

E, sem ouvir o rude burburinho
Do povo que, qual onda se agitava
Embora a soluçar, ela rezava
Uma prece qualquer, em tom baixinho.

Naquele tempo então, devido à idade,
Eu nem sequer supunha que o seu pranto
Era filho da dor de uma saudade.

Mas, hoje sei, porque, só por lembrar,
Tudo o que ela sentia ao ver o santo,
– Também tenho vontade de chorar.

O cego do cavaquinho

Para o amigo Antônio Boabaid

Igual ao som ferido em taça cristalina,
Assim soa em minha alma a voz desse ceguinho,
Que em busca de um alento a sua dor ferina,
Pede esmola ao cantar, tocando um Cavaquinho.

Quase alegre, o infeliz, com voz pungente e fina,
Da multidão febril que passa no caminho,
Invoca a compaixão, sem maldizer a sina
Que o deixa assim sem lar, sem mãe, cego e sozinho.

E, quando o escuto então na lírica amargura,
No palco desta vida, a exhibir cantando
O mal que infelicita a sua alma humilde e pura.

Maldigo essa ironia impiedosa e insana,
Que sem nada temer, cruel, filosofando,
Gargalha sem cessar da triste dor humana.

“Eterna Saudade”

*No túmulo de Catarina Lima Araújo, no dia do 2º
aniversário de sua morte*

Comemorando hoje, o triste aniversário,
Do dia que morreste, em plena mocidade,
Afrontando o rigor do mais atroz fadário
Que um coração de Mãe definha com crueldade,

Tua Mãe em ti via um sol, um relicário,
Via tudo o que Deus fez puro e de bondade,
Hoje chora sentida o dia funerário
Em que a morte a sorrir, levou-te sem piedade.

Chora sentida o dia e a hora em que magoada,
Viu contigo partir o mundo de esperanças
Da sua alma de Mãe, de Mãe martirizada.

Em seus olhos, por isso o pranto há de viver.
Há de sempre chorar e cheia de lembrança,
Por quem ela jamais há de esquecer.

Papai Noel

Diziam que eras bom, que eras humano e amigo,
E, que, pelo Natal, feliz e com carinho,
Tu vinhas colocar num velho sapatinho,
Um presente qualquer desses que tens contigo.

Que até no mais humilde e obscuro abrigo,
Entravas cauteloso, a rir, devagarzinho,
E, davas pão e alento ao órfão pobrezinho,
Num gesto de piedade o qual louvo e bendigo.

No entanto, embora pobre, eu também fui criança,
Por esperar-te, em vão, na noite da alegria,
Perdi tudo o que em mim falava de esperança.

Perdoa esta verdade atroz que desconforta:
Eu só te conheci na eterna alegoria,
Nunca tive o prazer de ver-te em minha porta.

Mistérios d' alma

Para o amigo João Araújo, diretor do grupo “José Boiteux”

Fosse desgosto ou coisa parecida.
O certo é que ao voltar de madrugada,
Achava a esposa em prantos, debruçada
Sobre o berço da filha adormecida.

Toda a noite era assim. Desvanecida
Da existência tão triste e amargurada,
Nem no encanto da filha idolatrada
Via o conforto a sua alma tão ferida.

E nessa vida atrás que desconforta,
Certa vez ao voltar embriagado,
Encontrou, com surpresa, a esposa morta.

Vacilante, a tremer, fugiu do Lar.
Alguns dias depois foi encontrado
Pelas ruas vagando, a gargalhar.

Vela de cera (II)

Para o amigo Adolfo Batista de Araujo

Quando aclara o esplendor que santifica altares,
Se uma imagem qualquer esta iluminando,
Penso vê-la perdida, alheia, entre os cismares
Dos que, cheios de fê, baixinho vão rezando.

Quando aclara a quietude ideal dos pobres-lares,
Onde o amor só por si se vai multiplicando,
Penso vê-la a guiar imagens milenares
De eternas procissões que aos céus se vão alando.

Mas quando esguia, muda, em triste isolamento,
Aclarou um corpo morto onde não há mais vida
E onde tudo é dor, saudade e desalento,

Penso então que ela chora, e o pranto que desata,
Ê lagrima de cera, ardente, compungida,
Criada pela luz que lhe dá vida e mata.

Os dois morféticos

Forçados pela lei que, bárbara assassina,
 Que fere, esmaga e oprime aos pobres desvalidos,
Aos que a sociedade austera, má, ferina,
 Transforma em simples réus, excluídos e banidos,

Só no escuro da noite em que o terror domina,
 É que eles, com receio, ocultos e sentidos,
Saem do esconderijo onde cumpriam a sina
 Que os fez, moços ainda, andarem foragidos,

Uma noite, e depois de muito terem andado,
 Pararam a olhar um baile, a ver a mocidade
No seu louco ideal de gozos coroados.

Esqueceram-se ali. Vinha o dia raiando
 Quando eles, tristes, sós, vencidos da saudade
Voltaram para o abrigo, em prantos, soluçando.

Presentes de Natal

À memória de minha Mãe

Dar-te um túmulo d'ouro e todo guarnecido
Do que raro e custoso houvesse em pedrarias,
Uma vasta capela e um Cristo entristecido
Por sentir o que n'alma, em vida tu sentias;

Dar-te um túmulo d'ouro e todo guarnecido
Tudo o que ele contém de mágoa e nostalgias,
Sempre foi meu desejo, e sonho bom, nascido
Mas... não pude. Entretanto, o amor que, sem igual,

Mas... não pude. Entretanto, o amor que, sem igual,
Transformou a minh'alma em Templo abençoado.
Dar-te quer, por presente, e festas do natal.

Simplesmente uma Cruz, sem flores, sem vaidade,
Nela escrito um poema, um mundo, uma grandeza,
Nos fulgores sem fim desta expressão: – SAUDADE.

Presentes de Natal

A meu filho

Noutro tempo, meu filho, e quando eras criança,
Quando a vida era em ti somente uma alvorada,
Quando em tudo eu sonhava um mundo de bonança,
Infindável canção de ritmos banhada,

Dei-te tudo o que em mim Deus punha de esperança
Ensinei-te a rezar, mostrei-te, rindo, a estrada,
Onde cheios de Fé, formando uma aliança,
Poderíamos, sós, vencer uma Cruzada.

Dei-te o quanto alcancei como um herói, lutando,
Mocidade futuro e sol onde me abrigo
Dos invernos da dor que venço a rir, cantando.

E, o que n'alma de um pai Deus cria, alenta e enflora,
Tudo há muito te dei como um presente amigo,
Nada tendo, bem vês, para te dar agora.

Presentes de Natal

À minha esposa

No que de belo e rico, existe exposto à venda
Em tudo isso que há por este mundo em fora,
Não achei nada que, do nosso amor, a senda,
Viesse iluminar como ilumina a aurora.

Não achei nada que, em cumprimento à Lenda
Com que Jesus querido o seu Natal enflora,
Pudesse adquirir, para enfeitar a tenda
Do nosso amor que, velho, ainda é mais puro agora.

Não achei nada, juro! E neste augusto dia,
Não sei, querida minha, o que de bem consiga
Que digno de ti, me exalte de alegria.

Nem mesmo posso dar-te um mundo em luz, sequer,
Porque de Filha, Irmã, de Esposa, Mãe e Amiga,
Já tens a palma ideal, que não a tem qualquer.

Parabéns

À minha esposa, no dia do seu aniversário natalício.

Os simples parabéns, pra quem tanto merece,
É pouco, bem o sei, bem pouco, quase nada
Para o dia em que Deus nosso lar enriquece
Com fulgores de luz de nova madrugada.

É pouco para quem, feliz, jamais esquece
Os deveres sem fim de esposa, de mãe e de amada,
Tem no lar o seu templo onde realça a prece
E, tudo o que a ventura em si tem de adorada.

É pouco bem sei, mas nele há tal pureza,
Há tanta coisa bela, há tal deslumbramento
Justificando o grau da sua rudeza,

Que pelos olhos teus, onde há do amor o brilho,
Eu juro, que ele encerra o que há de sentimento
No coração que, meu, já dei ao nosso filho.

Ressurreição

Querida, entre nós dois, do amor não há mais nada,
Devido à diferença atroz da nossa idade.
És moça; eu já sou velho. Eis cândida alvorada;
Eu, sou simples poente, em declinar da tarde.

No entanto, ao lado teu, ditosa e arrebatada;
Minh'alma, que hoje vive alheia à vaidade,
Parece mais feliz, sentindo-se elevada
Nas glórias que a cantar colheu na mocidade.

E quando, alegre e a rir, me envolves nos teus braços,
Os castos seios teus, de encantos dominados,
Obrigam-me a pensar, do amor nos fortes laços.

Eu me comparo à cruz – já velha, carcomida
Que a “Lenda da Saudade”, em dia de finados,
Com flores, faz mais nova e dá mais vulto e vida.

Em tempo

Ó! Não! Jamais irás por esta estrada afora,
Em buscado prazer, na esperança da ventura.
Somente nela existe a noite má que chora,
Em negro céu brumoso e cheio de amargura.

Não sigas, não, por Deus! Minha alma que te implora,
Divisa muito ao longe o Mundo que tortura,
Que cairás em breve, antes de vir a aurora,
Se não guardares n'alma a c'roa da candura.

É longa e tortuosa a estrada a prosseguir
Somente nela existe o lamaçal profundo
E o lodo do mais vil para uma alma denegrir.

Ó! Volta! é tempo ainda! ali reside o mal!...
Não queiras, louca, entrar naquele ingrato Mundo:
A entrada é feita douro e o fundo é um hospital.

Soneto

Não há nos versos meus o sufocado
Da dor que lentamente nos crucia.
Não há nem o lamento apaixonado,
Nem mesmo a queixa ideal da Poesia.

Não há esse desejo insaciado
De não possuir o que possuir queria.
Jamais um verso meu vibrou magoado
Por dores que em si mesmo não sentia.

Amigo, em cada rima de um meu verso,
Em todo o seu conjunto e na expressão
Que do real lhe dá sentido inverso,

Somente, hás de notar e com verdade,
Que existe em cada rima uma ilusão,
Santificando em pranto uma Saudade.

Desilusão

Fumando o meu cigarro e contemplando a lua,
Longo tempo pensei na hora da desdita,
Em que em mim te foste, em que deixaste nua
De todo o teu amor, esta minha alma aflita.

Cheguei mesmo a chorar, por esta ausência crua,
Que faz a minha dor saudade indefinida!
Nunca visto eu tivesse a linda imagem tua,
Visto que não me deixa o meu sofrer excita.

E, ante o que hoje sinto, e tanto me definha,
Contrito, peço a Deus: – Senhor dai-me esse dia
Que eu possa tê-la, enfim, bem junto a mim, só minha!

Neste instante, a fumaça, em curvas desiguais.
Desenhou com desdém, num gesto de ironia,
Estas frases cruéis: – É tarde!... Nunca mais!...

Nota da organização: a Revista Atualidades publicou o poema, onde se lê: “último soneto escrito pelo saudoso poeta catarinense Trajano Margarida, interpretado por Lourival Almeida no programa ‘Hora Literária’ da rádio Guarujá”.

Três por dia

Três por dia

O Barbosa, Agripa e o Ivens,
Comentavam, com amigos,
Sobre tudo o que suportam
Dos seus cruéis inimigos

E do modo insuportável,
Demonstrado todo dia,
Pelo povinho que invade
Do Congresso as galerias,

Quando um garçom perguntou,
Em voz alta, forte e sã:
– Senhores, qual o defunto,
Para a sessão de amanhã?

A Gazeta, 16 de maio de 1935.

Três por dia

Depois das festas que a Força
Festejou seu Centenário,
Bem variado tem sido,
O gigante comentário.

Com que o povo, a todo o instante
Por si mesmo as vem julgando,
Dando a César o que é de César,
Aplaudindo ou criticando.

Assim é, que entusiasmo,
O major Regis dizia:
– Os discursos do Ildefonso
Foram os encantos do dia.

A Gazeta, 17 de maio de 1935.

Três por dia

Em ar de quem com desgosto,
Critica e faz mil censuras;
Como que crimina austero
Atos maus de diabruras,

Batendo as mãos e raivoso,
Numa flagrante arrelia,
Num dos cafés, comentando
Alguém baixinho dizia:

– Quando os nossos deputados
Entram e fazem discussão,
Lembro o caso da Cruzada,
Feita em prol da Educação.

A Gazeta, 20 de maio de 1935.

Três por dia

(Aos meus amigos)

Logo após a suspensão
Que sofri sem ter idade,
E que tanto comentou,
Toda a gente da cidade,

Resolvi, contra meu gosto,
E para evitar questão,
Transformar o – Nosso Bloco
Num galhofeiro Cordão,

Porque, sendo simples Bloco,
De elementos escolhidos,
Não poderei levar todos
– Os que foram preteridos

A Gazeta, 31 de agosto de 1935.

Três por dia

O meu amigo Claribalti,
Como qualquer um mortal,
E mesmo sem pretensões,
De alguém querer fazer mal,

Tem às vezes tais manias,
Esquisitices tamanhas,
Que parece a uma criança,
Cheia de mimos e manhas,

Quem quiser vê-lo zangado,
Sem temer quem o resista
Diga-o só, por brincado:
– Lá vem um integralista.

A Gazeta, 02 de setembro de 1935.

Três por dia

O Emenbergo Pellizzetti
Que foi Prefeito uma vez
Já bateu todo o record,
Em matéria de surdez,

Quando está em qualquer grupo,
Que o faz feliz e contente,
Tudo quanto ele responde
É de assunto diferente.

Ontem quando conversaram,
Nas ocorrências do ano,
Eis que diz o Pellizzetti:
- Fui e sou Republicano.

A Gazeta, 03 de setembro de 1935.

Três por dia

Nesta minha amada terra,
Onde um dia hei de morrer,
Há coisas que, mesmo simples
Nela jamais hei de ver: –

– A cidade iluminada,
Como era antigamente;
Ser a vida mais barata,
Para consolo da gente.

O relógio do Mercado,
Dar horas e verdadeiras.
– O Tito gostar do Agripa.
E o Born do Pederneiras.

A Gazeta, 04 de setembro de 1935.

Três por dia

Aos pobres funcionários,
Quer do Estado ou da União,
Como prêmio Deus reserva,
Eterna desilusão.

Hoje à tarde um coitadinho,
Recebeu muito contente,
Uma carta em que julgava,
Ter os VINTE da corrente.

Pouca sorte, aberta a mesma,
Perdeu a fala. Que horror!
– Uma cabala do Born,
P'ra Delegado Eleitor.

A Gazeta, 05 de setembro de 1935.

Três por dia

Na vitrina do Zanini
Um pintor, exímio artista,
Pôs o quadro de um senhor,
Fardado de Integralista.

Entre os muitos comentários
Que faziam da pintura
Achei justo o de um matuto,
Que num riso de censura,

Dizia baixo ao amigo,
Que dele se achava ao lado:
– Que Othon d'Eça que nada
É o Renato Deputado.

A Gazeta, 06 de setembro de 1935.

Três por dia

A gente embora queira;
Mesmo com ou sem prazer,
Há coisas que já passadas,
Nunca se as pode esquecer.

Lendo o jornal “A Cidade”
Do Montenegro Oliveira,
Lembrei-me sem desejar
E mesmo sem brincadeira.

Da Revolução de Outubro
E do povo admirado,
Ante às célebres façanhas
Do tal de CARRO BLINDADO

A Gazeta, 09 de setembro de 1935.

Três por dia

Este nosso Zé povinho,
Como o de qualquer lugar,
Da cousinha mais pequena,
Sempre tem que comentar.

E nesse vício maldito,
Com ar pesado, profundo,
Ninguém lhe pode escapar:
– Fala de Deus e o mundo.

E agora sem mais nem menos,
– Proceder que acho esquisito,
Fala sobre o Sobretudo,
Do Clementino de Brito”

A Gazeta, 10 de setembro de 1935.

Três por dia

Devido à falta de assunto,
– O que lhe causa arrelia.
Nada de novo diz hoje,
O falador TRÊS POR DIA.

Mas tendo em vista a promessa,
De sair todos os dias
Prometo mostrar em breve,
Cheio de festa, alegrias,

Com tudo o que há de mais belo,
Em assuntos escolhidos,
Os formidáveis encantos,
– Do Bloco dos Preteridos.

A Gazeta, 11 de setembro de 1935.

Três por dia

À noite no Café Java,
– Ponto dos velhos da terra,
Comentavam sobre a entrada,
Da grande Itália na guerra,

Quando alguém disse troçando,
Num risinho amarelado:
- Eu vejo o Paulo Posito,
Tão contente, entusiasmado,

Que até parece um guerreiro,
Montado em seu alazão,
Destruindo os abissínios
Com tiros de macarrão.

A Gazeta, 13 de setembro de 1935.

Três por dia

Ontem já quase à noitinha,
À porta do “Imperial”,
Gritava o Zico Linhares,
Raivoso, descomunal,

Quando surgiu o seu Villi,
Que num rasgo de oratória,
Ao Zico assim explicou,
A causa daquela história:

– Seu Zico, eu não sou culpado,
Nem os meus Chefes maiores,
Nós aqui cumprimos ordens,
Do juízo de Menores.

A Gazeta, 14 de setembro de 1935.

Três por dia

O Munari sempre calmo,
Sempre bom e complacente,
Anda agora tão zangado,
Que até causa medo a gente

Ontem, depois do Cinema,
Numa fúria ardente, seca,
Raivoso dizia horrores
Ao Alberto Fonseca,

Quando o Fernando Machado,
Disse com troça e com graça:
- A Itália contra a Abissínia,
Natural questão de raça.

A Gazeta, 17 de setembro de 1935.

Três por dia

De um sério que eu conheço,
Que se diz ser Puritano,
Ontem assisti uma coisa
Que julgo a melhor deste ano.

Procurando dar o fora,
No moço da Prestação
Que de um descanso qualquer,
Não lhe dava ocasião.

Disse baixinho ao criado,
O pretinho Malachias:
- Se vier cobrar a conta,
Diz que eu já morri há dias.

A Gazeta, 19 de setembro de 1935.

Três por dia

Para prender um valente
Que andava desarvorado,
Foram pedir o auxílio
Do seu Rosa Delegado.

Logo ao vê-lo disse o preso:
– Deus do céu, que grande horror!
Pois será que eu vou cair
Nas mãos deste – Matador?

Zangado o Rosa ia dar-lhe,
Duas ou mais cacetadas,
Quando ele emenda troçando:
Matador mas de Charadas.

A Gazeta, 21 de setembro de 1935.

Três por dia

A gente embora não queira,
Com tristeza ou com prazer,
Tem certas coisas na vida,
Que não se pode esquecer.

Ontem vendo a Limitada
Com seus ônibus velhinhos,
A quebrarem todo o dia,
Nos buracos dos caminhos,

Lembrei-me que há vinte e cinco,
(Lembrei-me mesmo sem mágoa)
Faz um ano que botaram,
O bondinho dentro d'água,

A Gazeta, 23 de setembro de 1935.

Três por dia

Na folhinha de amanhã,
Naquela parte de história,
Iremos ler qualquer coisa
Que nos há de encher de glória.

Assim é que, logo após,
O 25 do dia,
Vamos ler e sem tristeza,
Ler com bastante alegria.

Este famoso terceto:
– Apenas completa um ano,
– Que sepultaram na praia
– A Dona Carris urbano.

A Gazeta, 24 de setembro de 1935.

Três por dia

Comemorando a passagem
Do primeiro aniversário
Do pobre bonde de burro
Que teve enfim seu Calvário,

Houve missa e concorrida,
Flores, músicas, louvores,
Tinha paisanos, soldados,
Mulheres e até doutores.

Apesar disso, o bondinho,
Apesar de todo o luto,
Lá está jogado na praia,
– Abandonado, insepulto.

A Gazeta, 25 de setembro de 1935.

Três por dia

O Estreito que por calmo,
Tinha uma vida ditosa
Anteontem, passou mal,
Viu-se em grande polvorosa,

Pois, por causa de uma Vara
Fina ou grossa não sei bem,
Mulheres, homens, crianças.
Num terrível vai-e-vem,

Corriam a ver o conflito,
E ficavam admirados,
Sabendo que os lutadores,
Eram os próprios Delegados,

A Gazeta, 26 de setembro de 1935.

Três por dia

Por ser só de gente séria,
– Cumprindo rudes fadários,
Eu também fui na corrente
Que pelos funcionários,

Foi posta em circulação.
E, depois, uma cartinha,
Mandeí ao chefe de cima,
Vinte mil numa notinha.

Por ser só de gente séria,
A corrente rebentou.
E o meu pobre dinheirinho,
Bateu asa e não voltou.

A Gazeta, 27 de setembro de 1935.

Três por dia

Comentando o aniversário
Da nossa Empresa de Luz,
Que apesar de bem mocinha,
Não tem força e nem produz,

Disse um garçom ao gerente,
Que o comentário fazia:
– Já notou que a pobrezinha
Vai morrendo dia a dia?

E tão fraquinha ela anda
Anda tão debilitada,
Que nem sequer assistiu
A farra da churrascada.

A Gazeta, 28 de setembro de 1935.

Três por dia

Em amigável palestra,
Toda em frase alvissareira,
Afirma o Deputado
Sr. Rogério Vieira:

– Nosso Estado é tão feliz
E por Deus tão amparado,
Que até da própria Assembleia
Fez um templo abençoado.

– Como assim? Pergunta o Cid
Que a minoria conduz.

– É a única Assembleia.
Que possui Trindade Cruz.

A Gazeta, 30 de setembro de 1935.

Três por dia

Ontem dizia o Cioffi
Numa grande alocução,
– Quando eu era Delegado
E tinha a vara na mão,

Não fazia como o Bilke:
Não me lembro uma só vez,
De prender um sacristão,
Nem trancá-lo no xadrez.

E, depois disse baixinho
A sua criada, a Benta:
– Pois o Bilke até prendeu
O Senhor “Bispo 40”

A Gazeta, 01 de outubro de 1935.

Três por dia

Num fremente bate-boca,
Desde o Estreito aos Coqueiros,
O povinho todo em grupos,
Sem alarme e sem berreiros,

Cantavam o caso tão raro,
Que tem sido bem falado,
De andar de porta em porta
O Sr. Bilke, o Delegado

A indagar se alguém sabia
O nome, o andar e o jeito
Do indivíduo venturoso
Que deu à luz lá no Estreito.

A Gazeta, 03 de outubro de 1935.

Três por dia

Enquanto a Itália e a Abissínia,
Invadem mares e terras,
Todo o mundo ameaçando,
Com horrores de mil guerras,

Na terra dos “Casos Raros”
(Não é que eu queira falar)
Dão-se coisas que admiram,
Que nos fazem arrepiar.

Pois os nossos Deputados,
Num gesto que julgam justo,
Pleiteiam calmos, ditosos,
– Mais uma Ajuda de Custo

A Gazeta, 04 de outubro de 1935.

Três por dia

Seu Rogério Deputado,
Ao seu Regis Comandante,
Depois de muitas perguntas,
Feitas de instante a instante,

Baixinho sai-se com esta,
Que entre as outras tem vanglória:
– Em francês como se diz,
Estes nomes – “Café Gloria”

E o Regis calmo responde,
Sem ironia e sem males:
– “Muito fácil, isto em francês,
– É Demetrio Garofalis”

A Gazeta, 07 de outubro de 1935.

Três por dia

Sob a vista de dois negros
Conhecidos por guerreiros,
Ficam alguns italianos
Que estavam prisioneiros.

Algumas horas depois,
Quando o fogo serenou,
Com voz firme, o comandante,
Aos tais guardas perguntou:

– Onde estão os prisioneiros
Que eu deixei quando saí?
Rindo responde o sargento:
-Dois eu sei, dois eu comi.

A Gazeta, 08 de outubro de 1935.

Três por dia

Um velhote solteirão,
E que por isso é feliz,
Lendo o caso em que a mulher
Mordeu do esposo o nariz,

Meio alegre e convencido,
Rindo mesmo gloriado,
Disse: – Como eu fui de sorte
Em nunca me haver casado!

Felizmente a jararaca,
Que em ruim não há melhor,
Podia em vez do nariz...
Podia, sim, ser pior.

A Gazeta, 09 de outubro de 1935.

Três por dia

O Estreito está se tornando,
Verdadeira maravilha,
Suplantando a Capital
E a sua formosa Ilha,

– Não há baile que amanheça,
Só é claro quando há lua,
Meia noite apaga a luz,
Ninguém mais anda na rua,

E agora toda a justiça,
Anda de canto chorado,
Um novo crime na história:
– Um cachorro assassinado.

A Gazeta, 10 de outubro de 1935.

Três por dia

O Prefeito da Cidade,
Cuja linha jamais quebra,
P'ra decidir nossa sorte,
Como a do mundo em Genebra,

Em breve presidirá
E com toda a autoridade
O anunciado Concílio
Dos Padeiros da cidade.

E assim veremos todos,
Depois da grande sessão,
Mais um milagre divino
– Crescer o peso do pão.

A Gazeta, 11 de outubro de 1935.

Três por dia

Reuniram-se os padeiros,
Que por solidariedade,
Não quiseram concordar
Com o Prefeito da cidade,

Sobre o caso agora em foco,
Que não é de sensação.
– Mais duas gramas de peso,
No peso leve do pão.

Mas, como tudo no mundo,
Teve princípio e tem fim
O povo espera e confia,
No seu Prefeito Amorim.

A Gazeta, 12 de outubro de 1935.

Três por dia

Os Padeiros continuam
Na tristonha pretensão,
De não darem para o povo,
O tal aumento do pão.

Apesar disso ainda espera
Com calma, paz e bondade,
Que a vitória seja dada
Ao Prefeito da cidade,

Que quer pão mais pesado,
Mais cozido e mais gordinho,
– O pão que quanto mais quente
– É mais gostoso e fresquinho.

A Gazeta, 15 de outubro de 1935.

Três por dia

Quando o dia clareava,
E alegre tocava o sino,
Assaltaram a padaria
Lá da Saldanha Marinho.

Crianças, velhos e moços,
Tudo de saco na mão,
Dando vivas ao Zé Silva
Faziam compras de pão.

Verdadeira apoteose
Desses tão falados dramas:
Toda cidade queria
O pão de sessenta gramas.

A Gazeta, 16 de outubro de 1935.

Três por dia

A casa dos “Três irmãos”,
Cujo stock é tão falado,
Tem por hábito dizer
Que a ninguém vende fiado.

Mas, isso é um simples gracejo
Velha praxe unicamente,
Pois a casa “Três irmãos”,
Tem do fiado a patente,

Se duvidam, vejam bem
Se a firma não diz assim:
– A casa orgulho do povo,
– Dos irmãos Tu-fia-amim.

A Gazeta, 17 de outubro de 1935.

Três por dia

Tendo em vista as exigências
De um clima assaz perigoso,
Resolveu o Rei, o Negus,
Para os seus sempre piedoso,

Que os soldados fossem nus
Para toda e qualquer luta.
E para bem demonstrar
Que a moral jamais insulta

Pôs à frente um general,
Que sem requebros de danças.
Mostra um cartaz em que diz:
– Impróprio para crianças.

A Gazeta, 18 de outubro de 1935.

Três por dia

Sob o conforto das sombras
De ramalhuda Figueira,
Todo o povo admirava
Com troça e com brincadeira.

Uma figura de moça,
Que para beleza sua,
Sem desplante se mostrava
Inteira e completa nua.

Quis assim o Luiz Franco,
Pintor mesmo de verdade
Dar umas horas de gozo,
Aos velhos desta cidade.

A Gazeta, 23 de setembro de 1935.

Três por dia

Cinco anos completam hoje,
Não sou eu que os descubro
Da vitória inesperada,
Dos da arrancada de Outubro.

Cinco anos que a nossa terra,
Como quem vê procissão,
Viu passar a gauchada
Aos montes, em confusão.

E viu também meio triste,
Como eu vi, encabulado,
Milhares de decaídos
Usando lenço encarnado.

A Gazeta, 24 de outubro de 1935.

Três por dia

Na minha amada terrinha
Onde vivo e hei de morrer,
Não há bem que sempre dure...
Tudo pode acontecer.

Embora todo o trabalho,
Do nosso honrado Prefeito,
O pão se torna mais leve,
Como quem sofre do peito.

E tão minguado ele está,
Tão feito, tão cabuloso,
Que até parece o coitado,
Um simples tuberculoso.

A Gazeta, 28 de outubro de 1935.

Três por dia

Sem querer ando contente
E saltando de alegria,
Por estar muito pertinho
A chegada meu do dia.

Do dia em que, com beleza,
Sem mesmo qualquer mistério,
Realço, encanto e dou vida
Às cruzes do cemitério.

Em que tenho mais valor,
Sendo por todos querida
Está chegando Finados,
O dia da Margarida.

A Gazeta, 29 de outubro de 1935.

Três por dia

Em homenagem à classe,
Tão boa, sã e distinta,
Hoje, quarta, fechou tudo
Para só reabrir na quinta.

Os caixeiros e os patrões,
Na mais ditosa alegria,
Juntos hão de festejar,
A passagem deste dia.

Que o Governo resolveu.
Fazer dele um feriado.
Dia feliz em que o comércio,
A ninguém vende fiado.

A Gazeta, 30 de outubro de 1935.

Três por dia

Numa roda do Chiquinho,
Ponto de eterna alegria,
Entre muitas outras coisas,
Um virtuoso dizia:

– Lei pra mim só na Abissínia,
Quando se pega ladrão,
Não tem cadeia nem nada,
Levam o bicho e cortam a mão.

Nisso responde gritando
Um pão d'água, o maçaneta:
– Se a lei pega em nossa terra...
Quanta gentinha maneta...

A Gazeta, 31 de outubro de 1935.

Três por dia

Coisas que eu não hei de ver:
Defunto sem ter caixão,
Farmácia vender cigarros,
Subir o peso do pão.

Andar certo e bem certinho,
Dando a hora pontual,
O relógio indesejável
Da torre da catedral.

E o pobre funcionário
Que há muito clamando vem.
Poder um dia gritar:
“Não devo nada a ninguém!”.

A Gazeta, 04 de novembro de 1935.

Três por dia

Hoje encontrei um colega
Merencório qual poeta,
Que a qualquer uma pequena
Desse a sua alma diletta.

Vendo-o assim indaguei logo
Com calma e mesmo frieza:
– O que tens caro colega
Que te causa tal tristeza?

Baixinho me respondeu
Quase em prantos meio mudo.
– Como sempre os vencimentos
Não deram pra pagar tudo

A Gazeta, 05 de novembro de 1935.

Três por dia

Por ver mais de dez reunidos
Numa mesa do café,
Cheguei-me e sem cerimônia,
Perguntei logo: – O que é?

Nem sequer uma resposta,
A minha pergunta, enfim.
Liam baixo o que dizia
Um pequeno boletim.

Mas, depois, como quem brinca
Da tal “Maria Conguê”
Perguntava um para o outro:
O que é – CACHIANGUELÊ?

A Gazeta, 06 de novembro de 1935.

Três por dia

Ontem nossos deputados,
Que não cessam de falar,
Com discurseiras, apartes,
Fizeram todos pasmar.

Arrancaram mil aplausos
Da ansiosa multidão,
Mas logo que terminou,
A barulhenta sessão,

Alguém com muita ironia,
Disse alegre, sorridente:
– Gosto muito da Assembleia,
Mas com – “plácido” ambiente.

A Gazeta, 07 de novembro de 1935.

Três por dia

Declaro a certo senhor,
Que tem fama de valente,
Que na seção “três por dia”,
Só falo em gente decente.

E por isso e desde já,
Pode ficar descansado,
Que o seu perfil conhecido,
Nunca será publicado,

Nestes versinhos sem rima,
De linguagem pobre, ilhoa,
Nos quais tenho até agora,
Brincando com gente boa.

A Gazeta, 08 de novembro de 1935.

Três por dia

Hoje encontrei um colega,
Um pobre funcionário,
Que como os outros levava
A sua cruz ao Calvário.

Descuidado o coitadinho,
De lutar já fatigado,
Nem por sonho calculava
Que andava sendo espiado.

E, ao dobrar de uma esquina,
Teve um susto – confusão!
– Ao seu encontro marchava
O moço da prestação.

A Gazeta, 11 de novembro de 1935.

Três por dia

Nossa digna Assembleia
Ontem passou maus bocados
Ante os discursos vibrantes
Por senhores Deputados.

Houve até certo momento,
De tamanha confusão,
Que um matuto que assistia
A formidável sessão,

Disse ao ver de longe um copo,
A voar qual passarinho
– Santo Deus!... Até parece
Confeitaria “Chiquinho”

A Gazeta, 12 de novembro de 1935.

Três por dia

Um cavalo hoje dizia
Para um velho burricho:
Como andas acabado,
Todo coberto de pó!

Abandona a Capital!
E dá na vida outro jeito!
Olha, queres viver bem?
Passa a morar lá no Estreito.

Pois lá ninguém nos maltrata,
Ninguém nos bate, é mentira,
Temos folga e a proteção,
De nosso bom Sucupira.

A Gazeta, 13 de novembro de 1935.

Três por dia

Falando sobre revoltas,
Paredes, greves, enfim,
Sobre este estado de coisas
Que entre nós jamais tem fim.

Dizia meio nervoso
O bom velho Julião:
– Só se fala nesta terra
Em nova revolução.

Não é que eu tema da [mutilado]
As convulsões e os repuxos
Eu só temo suportar
Os arrancos dos gaúchos.

A Gazeta, 20 de novembro de 1935.

Três por dia

Gritando todo raivoso,
Terrível qual dinamite,
Entra na Chefatura
O Eurípedes Schmidt,

Que diz para o Sousa Lima,
Que o escuta admirado:
– Seu Tenente, dois perus!
Não posso ficar roubado!

A rir diz-lhe o Sousa Lima:
– No caso vou fazer luz,
Mas deixe aqui por escrito
O nome dos dois perus.

A Gazeta, 21 de novembro de 1935.

Três por dia

Na esperança de encontrarem
Os tais perus roubados,
Os da Polícia Civil,
Vivem mais que atarefados.

Para ajudar as pesquisas
Que ao ponto certo conduz,
Já conseguiram saber
O nome dos dois perus.

Por isso nos galinheiros
De toda a nossa cidade,
Procuram os perus de nome:
“Não volto mais” e “Saudade”

A Gazeta, 22 de novembro de 1935.

Três por dia

No dia que hoje se passa.
Cheio de encantos e flores,
Onde o que é puro realça
Com tudo o que há de esplendores,

Três por [dia], que se enflora,
Com o que é belo e de encantar,
Que em si mesmo de hora em hora
Ergue p'ra fê um altar,

Canta um hino de harmonia,
Que todo nota divina,
Há de festejar o dia,
Dado à Santa Catarina.

A Gazeta, 25 de novembro de 1935.

Três por dia

O Deputado sulino
Que é também da minoria,
No decorrer do discurso
Que na Assembleia fazia

Falou sobre a barulhada
Em guerra, revolução,
Em fuzis, bombas, metralhas
Tanques, punhais e canhão

Depois disso ainda há quem diga
E de fonte verdadeira
Que o nosso emblema da paz
É rum amo de – Oliveira.

A Gazeta, 26 de novembro de 1935.

Três por dia

Vendo o Major Marcos Konder,
De gravatão encarnado,
Sem ser supersticioso,
Mas, de tudo admirado,

Lembrei-me que, de menino,
Sempre ouvi em nossa terra
Dizer que a cor encarnada,
Era sinal de haver guerra,

Pode ser, mas eu não creio
Que pregue revolução,
Quem tem como o Major Marcos
Tão calmo e bom coração.

A Gazeta, 02 de dezembro de 1935.

Três por dia

Devido a fortes motivos,
E um deles de arrelia,
Fui forçado a pôr em férias,
Os versos do “Três por dia”,

Que sem maldade nenhuma,
Sem nada de deprimente,
Desde muito e com carinho,
Brinca a rir de toda a gente.

E de amanhã por diante,
Sem ser mesmo procurado,
Hão de achar o “Três por dia”,
Na “Gazeta” do Callado.

A Gazeta, 05 de dezembro de 1935.

Três por dia

O Marquezi do Tesouro
Nunca perde ocasião
De mostrar toda a grandeza
Do seu puro coração

Por simplíssima tristeza,
Mesmo pequeno pesar,
O Marquezi em qualquer parte
Põem-se de fato a chorar.

Ontem lendo na Gazeta,
Da Revolta a triste sorte,
Pôs-se a chorar por saber
Da Lei da Pena de Morte.

A Gazeta, 07 de dezembro de 1935.

Três por dia

Pro ano quando voltar
O tal Noel alemão,
O maior dos mentirosos
Que já teve uma nação,

Se ele vier como sempre,
Bancando gente, riqueza,
Fazendo que não conhece
Quem é filho da pobreza,

Os guris por represália,
Tumultuosos, zangados,
Hão de pôr-lhe este apelido.
- Noel, o “Rei dos Veados”.

A Gazeta, 28 de dezembro de 1935.

Três por dia

Comentavam no Café,
(Sem plano de outra ideia)
O caso bem natural,
De haver fechado a Assembleia

E que por diversos meses,
Toda a gente admirava,
Viria em nossa Assembleia
Mais uma casa assombrada.

Nisso o Deputado Rocha
Falou baixinho... amuado:
– “Sim senhor, seu Dominginhos,
Você está desempregado.”

A Gazeta, 04 de janeiro de 1936.

Três por dia

Gostei de ouvir dona Vera,
Cuja voz ecoa e brilha
E que muito há de encantar,
Lá no Radio Farroupilha.

Gostei de ouvir o conjunto.
– Bandolins e violões,
Os quais davam mais realce
Às mais lindas canções.

Mas quando se fez ouvir,
Do Danilo a voz tão bela,
A mim mesmo perguntei:
– Será Danilo ou Danela?

A Gazeta, 09 de janeiro de 1936.

Três por dia

No salão do Café “Java”,
Ontem eu vi reunidos
Três grandes republicanos,
Hoje em dia decaídos.

E conversavam baixinho,
O que é muito natural,
Sobre tudo o que se diz,
Da vida nacional.

Quando um guri da “Gazeta”
Disse a um outro mais criança:
– Eles não compram jornais,
São do Bloco da esperança.

A Gazeta, 10 de janeiro de 1936.

Três por dia

Ontem lá o “Imperial”,
No decorrer da sessão,
As lágrimas eram tantas,
Que causavam compaixão.

Pois “Não há maior amor”,
Com seu velho e triste assunto,
Transformou o “Imperial”,
Numa casa de defunto.

Quando acabou a sessão,
Parou tudo admirado:
– De comovido, o porteiro
Também tinha desmaiado.

A Gazeta, 11 de janeiro de 1936.

Três por dia

Quando eu saí de manhã,
E tomei o caminho
Toda a minha vizinhança,
Correndo me dava a mão.

E dizia sorridente,
Como quem sente prazer:
– Parabéns, que Deus lhe dê
Muitos anos pr’a viver.

Velha praxe unicamente
Cheia de peso, arrelias.
– Gente pobre não faz anos
Marca tempo e conta dias.

A Gazeta, 16 de janeiro de 1936.

Três por dia

O Demétrio Garofalis,
Proprietário do Glória,
Deu agora em discutir
Sobre guerra e sobre História.

E tudo quanto ele escuta,
São alusões dos tiranos,
Aos brigadores da zona,
Os bravos italianos.

Ontem só por que um guri,
Lhe falou em picolé,
Zangado e alto gritou:
Sei lá de Sei-lá-si-ê.

A Gazeta, 21 de janeiro de 1936.

Três por dia

Há coisas que causam graças,
Que é da gente rir à beça,
Ver um burro tocar flauta,
E um defunto sem essa.

Um gato tocar viola,
Cavaquinho e violão,
Uma zebra andar no arame,
E fazer declamação.

Ver no prédio do Correio,
Sem mal e sem ironia,
Uma afronta sem igual
A nossa nova grafia.

A Gazeta, 23 de janeiro de 1936.

Três por dia

Vendo o amigo Barraca,
Dirigindo altivo e franco,
Os garçons e a criadagem,
Lá do Café “Rio Branco”.

Sozinho conjecturei
Alheio a toda a maldade:
– Proprietário não é,
P’ra garçom não tem idade,

Vir trabalhar no comércio
E deixar a redação.
Ê o caso de se dizer:
– Barraca virou a mão.

A Gazeta, 25 de janeiro de 1936.

Três por dia

Meu amigo Romanowski
Na sua literatura,
Sempre vê bichos por corda,
E anjos vindos da altura.

Vê satanás de saíote
Tentando um Cristo de Barro,
Eva pitando cachimbo
E Adão fumando cigarro.

E faz tantos elogios,
Tem feito tanto estropício
Que há de acabar declamando:
Era uma vez – Lá no Hospício.

A Gazeta, 05 de fevereiro de 1936.

Três por dia

Na esquina do “Rio Branco”
Em palestra, sem rumores
Falavam sobre a eleição
Dos nossos vereadores.

Falaram no Carnaval,
Nos seus Blocos e concursos,
E também nos que andavam
Fantasiados de Urso.

Quando um deles num risonho
De magoar coração
Disse assim: – já viram o pulo
Que deu na chapa o Beirão?

A Gazeta, 20 de fevereiro de 1936.

Três por dia

Suplantando o Carnaval
E toda a sua arrelia,
Eis que surgem os tais cem contos,
Fazendo a nota do dia.

Na falta de um outro assunto,
De uma tetéia, de um brinco,
Lembram logo o bilhete
O – Nove mil cento e cinco.

A coluna – “Três por dia”,
A casos tais sempre alheia,
Não quer que nos cem contos,
Haja um pouquinho de areia.

A Gazeta, 26 de fevereiro de 1936.

Três por dia

Se eu recebesse os cem contos
Dessa grande confusão,
Se eles viessem parar
Certinhos em minhas mãos,

De contente e prazenteiro,
Cheio mesmo de alegria,
Em homenagem da sorte
Que Satã me dera um dia,

Num alto rasgo de herói
Iria mesmo sozinho,
Comprar todos eles de empada,
Lá na Casa do Chiquinho.

A Gazeta, 27 de fevereiro de 1936.

Três por dia

Faz a imprensa comentários
De grande admiração,
Pelo fato de um Ministro
Andar puxando um cordão.

Nada vejo que admire
Nem mesmo que faça mal,
Pois, são coisas passageiras
Dos dias de carnaval.

Por isso, o nosso Ministro
Não deve ser censurado,
No Brasil é mesmo assim,
– Tudo é falso-mascarado.

A Gazeta, 29 de fevereiro de 1936.

Três por dia

Nosso povo é interessante.
De tudo faz o mistério
Que faria se soubesse
De um baile no Cemitério.

Até pouco, o entretenimento,
– Verdade ou mesmo potoca,
Era a célebre disputa,
Da dourada “Copa Rocca”

Mas, agora, linguarudo,
E que em tudo se intromete,
Esqueceu o campeonato,
Pra falar no caso Fett.

Dia e Noite, 03 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Por qualquer mal entendido,
O que é comum todo dia,
Alvorou-se o Serratine
Contra Rodrigues Garcia

A polícia sabedora
Do lastimável conflito
Mandou chamar o Garcia
Para o exame de Delito

Sem temer qualquer rompante,
Ou qualquer interdição
Do valente Serratine
Ou do Zé Napoleão

Dia e Noite, 05 de fevereiro de 1939.

Três por dia

No tal banho à fantasia,
Lá da “Ponta do Leal”,
Não vi nada que agradasse,
Nem que fosse original.

Não vi mesmo um mascarado,
Entre tantos (quem diria),
Que lembrasse o Carnaval,
O “Pai Nosso” da folia.

A não ser certo marmanjo,
Que além das pernas ossudas
Tinha-as sujas e magrinhas,
Mal feitas e cabeludas.

Dia e Noite, 10 de fevereiro 1939.

Três por dia

Meu amigo Willy Kersten
Rei do Cine Imperial,
Em matéria de reclamo,
Fez-se um mestre, sem igual.

Qualquer filme que ele passe,
Ou que ainda vai passar,
Não se cansa o nosso Willy,
De, vaidoso, comentar.

Vendo alguém lá do Odeon,
O Willy garboso e ufano,
Gritou na porta do Bubi:
“Onde vais, “ó Ponciano?”

Dia e Noite, 11 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Sem visar qualquer vantagem,
Como bem se pode ver,
DIA E NOITE nos pergunta:
– O que deseja saber?

Eu que há muito ando a procura
De sabidos professores,
Que me ensinem qual o meio
De matar meus dissabores,

Pergunto, muito em segredo,
Do professor ao ouvido:
– Dizei-me, porque motivo
Tenho sido um preterido?

Dia e Noite, 14 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Para as vítimas do Chile,
Para os órfãos pequeninos,
Crianças catarinenses,
Cheias de afetos, divinos,

Saíram, ontem, pedindo,
Pedindo de porta em porta,
Para aqueles pobrezinhos,
O “pão nosso” que conforta.

E, para justificar,
Ação tão justa, altaneira,
Ao povo todo mostravam
A nossa heróica bandeira.

Dia e Noite, 15 de fevereiro de 1939.

Três por dia

DIA E NOITE, como é certo,
Na sua justa missão,
Sem querer meteu-se agora,
Numa grande confusão.

Com letras grandes e negras,
Como assunto de alto tom,
Fala em Moellmann, Biguassú,
Em compras e... Breijeron.

E, fala em vinte mil réis,
Com tamanho desatino,
Que a gente fica a pensar:
– Será mesmo o Tolentino?

Dia e Noite, 16 de fevereiro de 1939.

Três por dia

O Hildebrando Barreto,
Falando alto, zangado,
Dizia ao Índio Fernandes
Que o escutava admirado:

– Não imaginas, compadre,
Ando tão aborrecido,
Que chego até maldizer
O dia que fui nascido.

Pois além de todo o peso,
Em plena repartição,
O Cordeiro para elevar-se
Afirma que é meu irmão.

Dia e Noite, 18 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Por estes dias veremos,
Numa pugna de truz,
O batuta Riachuelo,
Martineli e Aldo Luz.

Nazareno, convencido,
Garante que há de ganhar,
Que há de deixar na traseira,
O Batista e o Aguiar,

E o Batista diz sem prosa,
Com muita calma, sereno:
– Para mim são duas canjas,
Aguiar e o Nazareno.

Dia e Noite, 17 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Causou muito espécie mesmo
E muita admiração
A palestra que, animada
Virou em complicação.

E isso dentro de pouco
Num ligeiro instantezinho
Virou valente e brigou
O nosso amigo Arturzinho.

Sendo o Mano muito grande
Inimigo de arrelias,
Ante os tamanhos, quis crer,
– David matando Golias.

Dia e Noite, 19 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Os três dias que passaram,
Outrora tão festivos,
Tinham a tristeza galante
Dos pomposos funerais.

Neles tudo era sentido,
Nada havia de beleza.
De sentida até chorava
A formosa natureza.

E, assim o Carnaval
Catarinense, falado,
Entre sujos, aguaceiros,
Foi de fato sepultado.

Dia e Noite, 24 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Depois de muito pedir
Que a me deixasse beijar,
Sorrindo me respondeu:
– Espera pelo luar!

Quando eu vi no céu a lua,
Toda a terra iluminar,
Do beijo a mim prometido,
Ansioso a fui lembrar.

Mas, a ingrata, respondeu
Com muita calma e brandura:
– Não vês que a noite está clara?
Espera que seja escura!

Dia e Noite, 25 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Depois da grande vitória
Que aplauso e louros traduz,
Depois do feito brilhante
Dos fortes do “Aldo Luz”,

Perguntei ao Nazareno,
(Que em maldade não tem par),
O que estava ainda esperando,
Sentado no Mira-Mar,

E, num risinho perverso,
Sem perder da linha o fio,
Respondeu: – “Fumando espero”
Os foguetes de assobio.

Dia e Noite, 26 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Tenho um amigo que diz,
Ser da arte um dos bonzons,
E por isto só discute,
Sobre músicas e sons.

Conversando sobre Óperas,
Entusiasmado dizia:
– Eu cheguei a decorar
Uma peça de harmonia.

Para prova, canto já
Um trecho e sem barulheira.
Pôs-se de pé e cantou
A popular jardineira.

Dia e Noite, 28 de fevereiro de 1939.

Três por dia

Num restaurante da terra,
Dizia entusiasmado,
Um mocinho Bacharel,
Há poucos dias formado:

- Parece incrível, mas, creia,
- Dentro em pouco, e bem barato,
- Vamos ter e com fartura,
- Querozene de Lobato.

Um Garçom que no momento
Servia-lhe gorda sopa,
Perguntou-lhe sorridente:
-De Lobato?... “com que roupa?”

Dia e Noite, 01 de março de 1939.

Três por dia

Cumprindo o negro destino,
Quer no escuro quer na luz,
Anda a fazer alvoroço,
A Maria de Jesus.

Portadora de dois nomes,
Tão respeitadas e santos,
A coitada da Maria,
Tem atitudes de espantos.

Para acalmá-la, a polícia
(Se ter de lhe por a mão).
Faz com jeito, com respeito,
Carinho e com devoção.

Dia e Noite, 02 de março de 1939.

Três por dia

No seu hábito antigo,
De em tudo ver o que é mal,
No seu clássico costume
De andar pregando moral,

Dizia ontem gritando,
A velhota Mariquinha:
– Homens sérios só conheço
Dois aqui nesta terrinha.

Por isso vivem alheios
A essa turma de falsos:
– Um é o São Sebastião...
E, o outro é o Senhor dos Passos.

Dia e Noite, 03 de março de 1939.

Três por dia

Intrigando, o Florisbelo
Que fala até de Jesus,
Disse assim: – a Academia
Vai ser mãe, vai dar à luz!

O Manuel Luiz ouvindo,
De momento, e sem tardança,
Perguntou admirado:
– Quem é o pai da criança?

E o Florisbelo zangado,
Respondeu: – Criança nada!
Vai dar à luz, é verdade,
A uma revista ilustrada.

Dia e Noite, 05 de março de 1939.

Três por dia

Minha lira emudeceu,
E, jamais há de tocar.
Pois já me falta coragem
De tangê-la pra cantar.

Morreram há pouco, chorando,
O Marcolino e o Quito,
Que por certo hão de tocar
Violão lá no infinito.

E para maior tristeza
Da minha lira chorosa,
Há meses morreu o Emmel,
Agora morre o Barbosa.

Dia e Noite, 15 de março de 1939.

Três por dia

O cargueiro “Curitiba”,
Que nos mares – pinta o sete –
Quis carregar todo o açúcar
Existente lá no Fett.

Estava nessa ilusão,
Quando lhe diz um soldado:
– Daqui não sai o açúcar
Porque está todo – Salgado.

E o cargueiro valentão,
Que em tamanho é respeitado,
Saiu triste, barra afora
Caladinho, envergonhado.

Dia e Noite, 16 de março de 1939.

Três por dia

Hoje dizia um matuto
Que mora ali no Abrahão:
– Lá no Fett, carne e açúcar
Andam a rolar pelo chão.

Ver aquilo é uma tristeza
Que a qualquer mortal consome
– Tanta comida rolando
– E tanta gente com fome.

Não foi à toa que ontem,
Um senhor alto, ainda moço,
Vendo o navio gritou:
“Curitiba”, larga o osso!

Dia e Noite, 17 de março de 1939.

Três por dia

Eu tenho aqui um amigo,
Que em matéria de ironia,
Já suplantou todo o mundo,
Já se fez o – Pão do dia –

Numa roda, ontem, no Bubi,
Com um ar bem zombeteiro,
Chamou o Garçon e disse:
– Dá-me cá o açucareiro!

Quero pôr no meu café,
Uma cheia colherada,
Deste pó que, por ser doce,
Fez tanta gente embrulhada.

Dia e Noite, 18 de março de 1939.

Três por dia

Tem aqui na Capital
Na nossa bela cidade,
Certa gente que na língua,
É ferina de verdade.

Falando em “Rotary Club”,
Dizia assim o Rufino:
– Todo mundo agora entende
De ser grande e ser grã-fino.

Até parece mentira!
O Pé Santo, irmão do Lócia,
Mandou doce, pagou quieto
E foi logo aceito sócio.

Dia e Noite, 19 de março de 1939.

Poemas, marchinhas e textos

Desalento

Ao poeta Juvêncio Braga

I

À sombra d'um salgueiro, no pé d'um laguinho,
Duma água cristalina, onde se mira o céu;
N'uma tarde em que o Sol, alegre vespertino,
A terra envolve rindo em seu divino véu,
Numa tarde em que tudo aspira véu,
Numa tarde em que tudo aspira poesia,
Em que tudo é beleza, amor; tudo é encanto,
Nessa tarde tão linda e cheia de harmonia,
Verti a vez primeira o meu sentido pranto.

II

Desde então vivo sempre em prantos convertido,
Por aquela, que amo e hei de amar na vida.
E não há quem no mundo igual haja sofrido,
Tantas dores sem nome, angústia tão pungida.
Tenho chorado tanto em toda a vida, tanto,
Que o salgueiro chamando estes meus ais dos insanos,
Diz que a fiz chorar, vertendo assim seu pranto.
Que guardava segredo, há mais de dois mil anos.

As três lágrimas

*Ao amiguinho João M. de Sousa.
Inspirado pela leitura de tua bela produção 'Lágrimas' foi que escrevi, por isso, a ti dedico.*

A primeira q'ê muda, é pálida e serena,
Q'em nossos olhos vive amando sem guarida,
Q'ê toda perfumada assim como açucena,
Pertence a nossa mãe, a nossa mãe querida.

A segunda q'ê meiga, é pura e muito triste,
Q'a nossos olhos vêm e q'a tremer se esvai,
Ê nascida da dor cruel que não resiste,
Um coração de filho ao ver morrer-lhe o pai.

A terceira q'ê bela, é nívea e cristalina
Q'a nossos olhos vêm e em nossos olhos erra
Por ser a mais pequena a mais calma e franzina,
Pertence toda, toda a nossa santa terra.

Florianópolis, 28 de Julho de 1914

13 de Maio de 1888

Salve ó data ideal, sublime, majestosa,
Esplendor da justiça, estrela radiosa.

És um canto de paz, um canto venturoso,
Que dá vida ao proscrito, e fé ao desditoso

Tu quebraste do escravo a algema torturante,
E o tronco negro, vil, o tronco horripilante.

És o alento da dor, é o perdão do culpado,
És um beijo da aurora em um céu estrelado.

Liberaste uma raça ao mundo escravizada,
Na negra opressão vil, cruel, desnaturada.

És visão radiosa, és cantar de esperança,
És um canto de amor, é sorrir de criança.

Da senzala fizeste um lar todo ventura,
Banhado dos clarões da paz festiva e pura.

És a deusa do bem, é a deusa ideal,
Toda feita de luz e toda ela sem mal.

Do Senhor feito algoz o braço altivo e forte,
Tu fizeste cessar a sua lei da morte.

És um sol bonançoso, és o eterno sorriso,
Que abre as portas do céu, genial paraíso.

O estertor da miséria e o negrejar da fome,
Ao escravo infeliz, jamais, jamais consome.

És da rosa o perfume encantador, sutil,
Quando evola-se alegre aos encantos de Abril.

Tu do escravo infeliz, fizeste um cidadão,
E mostraste-lhe a lei, da vida e da razão.

És por isso a vitória e tens n'alma um altar,
Mais extenso que a terra, mais lindo que o mar.

Tua aurora espancou toda a treva da dor,
Transformando os grilhões em correntes de amor.

És a lei divinal que a um povo deu vida,
És de todas a santa, a divinal, querida.

És do campo o matiz, refulgente, dourado,
És o canto do pombo entre idílios, amado.

És a mãe piedosa, a mais santa e mais pura,
És a estrela do céu que mais brilha e fulgura.

Salve ó treze de Maio, áurea lei de perdão,
Que a um povo deu a vida e de outro fez irmão.

Senhor!

A um ex-senhor de escravos

Se eu sentisse em minh'alma, este remorso ardente,
Que tortura vossa alma enfermiça, execrável,
eu morria de dor,

E ao ver o quanto fora um mísero, um inclemente;
As injúrias que fiz ao negro que, inocente,
sucumbia de horror;

Eu rasgava meu peito à luz da consciência,
Atirava minh'alma ao lodaçal do imundo,
E como um triste cão, indigno de indulgência,
Envergonhado iria abandonar o mundo.

Na noite de S. João

Não há nada nesta vida
Que se iguale, ó gente, ó não
Aos encantos sem iguais
Da noite de “São João”.

A mocidade tem risos,
Tem festivo o coração
A própria dor ninguém sente,
Na noite de “São João”.

Os próprios anjos do céu,
Junto a Deus pedirem, vão,
Que os deixe descer à terra
Na Noite de “São João”.

O trovador prazenteiro,
Cantando alegre canção
Faz na sua alma uma prece,
Pra noite de “São João”.

A flauta em sonoro canto,
E o planger do violão,
Fazem os mortos ressurgirem,
Na noite de “São João”.

O mar é calmo e tranquilo,
Tem sutil oscilação.
Pra mim o mar também folga,
Na noite de “São João”.

Os rapazes da cidade,
E mesmo os lá do sertão,
Não se cansam de folgar,
Na noite de “São João”.

Resplandece da fogueira,
Até longe o seu clarão,
Não há coisa que se iguale
À noite de “São João”.

Depois de haver a novena,
Depois de finda a oração,
Moços, velhos, gozam o encanto,
Da noite de “São João”.

Não há nada nesta vida,
Que se iguale, ó gente, ò não,
Aos encantos sem iguais,

Da noite de “São João”.

Dia de Finados

No túmulo de minha mãe

Tu não morrestes, não, ó minha mãe querida.
A morte é uma quimera... uma ilusão, enfim
Tu não morrestes, sei, tu vives n'outra vida,
Circundada de luz, sempre orando por mim.

Tu não morrestes, não, ó minha mãe querida.
Mas, se morta eu te visse, eu choraria tanto,
Que virias de novo à flor ideal da vida
Trazida pela força hercúlea do meu pranto

Madrugada Morta

No túmulo da senhorita Maria da Conceição e dedicada aos seus bons e queridos Pais Major Acácio Moreira e sua esposa.

Eu imagino ver-te qual noivinha,
Deitada num caixão todo dourado.
Teu corpinho de virgem, de menina,
Por mil flores coberto, embalsamado.

Imagino também, que preso a mão,
Circundado por fitas multicores,
Tens o bouquet da régia comoção
Com que a noiva enriquece os seus amores.

Que cercando o teu leito mortuário,
Num rigor de possantes sentinelas,
Tens o clarão magoado, funerário,
Com que tristes te aclaram mudas velas.

Que os teus olhos outrora tão radiantes,
De onde a vida cantando florescia,
Tem o triste dos olhos dos amantes,
Que a saudade trucidada noite e dia.

Que os teus lábios, os mesmo que a riqueza
De um sorriso de amor sempre criara,
Dormem mortos na rude singeleza
De uma estrela qualquer que se apagara.

Eu imagino ver-te entre o esplendor,
Desses faustos da morte em seu cortejo,
Sem que possas sentir um só rumor,
Dos que em prantos te dão o adeus de um beijo.

E como a ave que trina pelo espaço,
As asinhas ruflando no caminho,
Que, a outra vai dar o amigo abraço
E, por isso, abandona o quente ninho;

Como uma ave que ao vir da madrugada,
Alçou voo e se foi pra vir um dia,
Que a cantar pelo azul, em revoada,
Só a paz e o amor leva por guia,

Assim foste também, espaço afora,
Nos arroubos de um sonho de criança,
Só deixando em teu lar que hoje te chora,
A saudade a cantar junto à esperança.

E bem longe do ninho idolatrado,
Bem distante dos que te amavam tanto,
Tua morte foi sonho que acabado,
Causou mágoas, tristezas, dores, pranto.

Que sem teres unção divina e amiga,
De um afeto de mãe que a dor socorre,
Deste mundo te foste, flor querida,
Como uma ave que canta e depois morre.

Eu imagino ver-te entre o esplendor
Dos rigores da morte e seu cortejo
Eu imagino ver-te todo amor,
Recebendo dos teus o eterno beijo.

E assim vejo teus Pais, querida morta,
Que tristonhos, chorosos, e velhinhos,
Vão levar-te da morte a rude porta,
Sem temer as torturas dos caminhos.

E te chamam Maria Conceição,
E, te choram com magoa, com tristeza

Por ver-te fria, morta, num caixão,
Sem fulgores, sem graça e sem beleza.

Minha Lira nas mágoas, envolvida,
Quis levar-te também à capelinha,
Onde a morte conduz sempre sem vida,
Uma virgem vestida de noivinha.

Minha Lira onde a dor já fez morada,
E que tenta matar os cantos seus,
Tange agora tristonha e apaixonada,
Para dar-te também o eterno adeus.

Ela Juno da campa onde hoje moras,
Em sentida e pungente vibração,
Pede à Lira a cantar milhões de auroras,
Pra guiar-te Maria Conceição.

Eu imagino ver-te qual noivinha,
Deitada num caixão todo dourado.
Teu corpinho de virgem, de menina,
Por mil flores coberto, embalsamado.

Carta aberta

Aos homens de cor da minha terra, meus irmãos de raça.

Irmãos!

Ao dirigir-vos esta, que desejo tenha de todos vós a melhor e a mais feliz acolhida possível conforme for merecedora, não julgueis que a fiz, movido por outro sentimento e interesse a não ser o da grandeza e prosperidade da raça a que pertencemos.

Não. Outros motivos a não serem estes não me fariam sair da eterna obscuridade em que tenho vivido e na qual encontro sempre, o desejo conforto e a riqueza da paz que só podem almejar aqueles que nada mais ambicionam na vida do [que] as sagradas e incomparáveis venturas do lar e a tranquilidade de uma consciência limpa e completamente alheias às maldades terrenas.

Nunca tive ambições políticas.

Como o mais humilde de todos os brasileiros, poucas tem sido as minhas pretensões e si entre elas uma há que pelo seu valor e grandeza tem me feito alguma vez sair do bendito recolhimento da minha humildade, tem sido somente, para garantir os direitos que nos assistem e para contestar todos aqueles que negam ou procuram negar esses mesmos direitos, esquecendo, por vaidade ou atraso, que somos brasileiros e que, se o preconceito de raça deles nos tenta afastar, o trabalho operoso e mártir dos nossos antepassados mais nos aproxima da terra em que nascemos, e que com o seu novo regime de 89 tudo nos garantiu e legou.

Irmãos!

Não julgueis outros os motivos pelos quais vos dirijo esta carta.

Todos aqueles que por esta ou aquela forma tem acompanhado o maravilhoso progresso do nosso caro país, não poderão negar, jamais, o trabalho proficuo inteligente e duplamente nobre que ele vem prestando à raça negra, à raça da qual descendemos e herdamos, não só o sentimento da dor moral que tanto a caracterizava, como também o sentimento da obediência, do amor, do respeito e do patriotismo.

Desde o Brasil Colônia até o Brasil de hoje, gigante, íntegro e forte, o homem de cor, muito embora deprimido e martirizado pelos terrores do passado e pelo preconceito de raça, ainda tão vivo e vibrante em nosso tempo, tem, no entanto, dado sempre mostras de seu grande valor patriótico e da sua abnegação sem limites.

Construtora como foi a raça negra, da riqueza com que hoje tanto se ufana o Brasil e se ufanam todos os brasileiros, riqueza que tanto o eleva entre as maiores e mais ricas nações do velho mundo; ligada como está à raça negra e todos os feitos gloriosos da sua evolução e do seu progresso, nós, seus descendentes, descendentes daquela gloriosa falange de mártires e de heróis, não podemos ficar inertes e alheios ao movimento cívico e patriótico do momento, porque assim, não só desmentiríamos os feitos inapagáveis, como também todos os nossos ideais e todas as sublimes promessas surgidas coma rutilante aurora de 13 de Maio de 88.

Ora, no momento em que se agitam todos os brasileiros, sem distinção de classe, credo ou mesmo cor, no momento em que um futuro novo e promissor se abre para o Brasil, nossa querida pátria, nós, os homens de cor desta terra, descendentes dos gloriosos heróis do martírio da sublime cruzada do sacrifício, descendentes dos fatores incontestáveis de todo o seu progresso e de toda a sua riqueza devemos nos levantar também, devemos agir como brasileiros que somos, para não desmentirmos nunca, nem o valor, nem a pujança da raça a que pertencemos.

Devemos mostrar que, superiores a todos os preconceitos, sabemos pugnar pela grandeza do Brasil, porque somos brasileiros e como tais senhores dos mesmos direi-

tos constituídos pelo regime de democracia, da ordem e da liberdade.

Irmãos!

No momento em que todas as forças vivas e palpitantes da nossa nacionalidade apontam a personalidade de Julio Prestes à suprema magistratura, o único que com o seu tino administrativo, cultural, moral e pureza de sentimentos é capaz de levá-lo ao futuro promissor que o espera, no momento em que o nosso estado, obedecendo a firma, inabalável e nobre orientação do seu digno e querido Presidente Dr. Adolpho Konder se acha empenhado pela vitória de Julio Prestes no pleito de Março próximo, nós, os homens de cor desta terra, com o respeito e com a veneração que de nós todos merece o digno Presidente do Estado, verdadeiro mentor de todo o nosso progresso, em cuja administração as liberdades e os direitos são plenos incontestáveis, devemos, como catarinenses e brasileiros que somos, concorrer para a vitória de Julio Prestes, porque assim concorreremos ainda mais para a grandeza do futuro que nos espera e cumprimos o nosso dever de patriotismo e de homens livres.

Irmãos! Não desmintamos jamais os feitos gloriosos de nossos antepassados!

Votemos em Julio Prestes, o verdadeiro e único candidato do Brasil e no maior ato de gratidão honremos também as tradições do nosso estado formado nas fileiras chefiadas pelo nosso digno Presidente Dr. Adolpho Konder, pelo presidente da democracia, da ordem, da razão e do direito, porque assim teremos cumprido o nosso dever cívico e atendido aos impulsos do nosso sempre louvado e grande patriotismo.

Votemos em Julio Prestes e não desmintamos jamais os feitos gloriosos dos nossos antepassados.

Viva Julio Prestes!

Viva Adolpho Konder.

Canção do “Figueirense”

Escrita e oferecida por Trajano MARGARIDA

Nos campos do Sport,
Nosso nome é querido.
Entre todos é chamado, o forte,
Que a lutar nunca se viu vencido

Não temo, valente,
Com poder na luta vence.
Aos seus pés a glória sente,
O tão glorioso “Figueirense”.

Estrilho

Com fortes “times”, já lutamos,
E sentimos por isso o ideal prazer.
Durante a luta só pensamos
Em folgar, folgar, vencer.

Não há, não há, tão glorioso,
Que se iguale em valor, ao “Figueirense”.
Ninguém como ele é poderoso,
Que a lutar, suplanta, vence.

Nos campos, lutamos.
Com denodo e valor,
Rivals fortes, sempre encontramos
Os quais não, nos causam terror.

Aos vê-los, sentimos,
Em nossa alma o prazer,
Da vitória a vós ouvimos,
Nos dizer, lutar, vencer.

(volta ao estrilho)

Filhos da Lua

[bloco]

*Letra de Trajano Margarida, música de
Boaventura Feijó.*

Ditosos filhos da Lua
Que ilumina o mundo inteiro
Aqui estamos para o gozo
Do carnaval brasileiro.

Si voltamos para a lua
Cheios todos de alegria,
Dentro dela nós faremos
Carnaval todos os dias.

Lá na lua onde moramos
O prazer seu culto tem,
E por isso levaremos
Nosso carnaval também.

Se descemos para a terra
Com ventura sem igual,
Foi somente para o encanto
Do ditoso carnaval.

[Mocidade, alerta, alerta]

Mocidade, alerta, alerta
 Que a tristeza causa mal,
P'ra matar toda tristeza.
 É chegado o Carnaval.

Quem é moço e tem saúde,
 Em gozar não sente mal,
E por isso é sempre alerta,
 Quando chega o Carnaval.

Carnaval é uma delícia,
 Traz a gente em arrelia
Mocidade, alerta, alerta,
 Que é chegado o grande dia.

Chupa, mas não engole

[Bloco]

Música de Raul Dutra, letra de Trajano Margarida

Chupando é que se engorda
Logo após o nascer;
O bico da mamadeira
Só nos dá prazer

Por isso é que a chupar
Vivamos, a folia
Sempre a chupar
Por noite e dia.

Chupar não é defeito,
Não quem diz,
Mentiu
Chupar a gente
Aprende logo,
Quem amor, sentiu;

Quem dera de eu viver chupando,
Chupar, sem mal,
Alegremente vamos
Para dar vida
Ao carnaval

Flor da raça

Carnaval tem alegrias
E tem seu tesouro,
No fulgor das moreninhas,
Cor de jambo e ouro

ESTRIBILHO

Genuínas brasileiras,
Tudo em nós Brasil realça.
Carnaval sente mais vida,
No encantar da nossa graça!

Pelo Carnaval passado,
Mesmo assim contente,
Alcançamos mil louvores,
Nota plenamente.

Gloriando o Carnaval,
Com ventura e graça,
Nosso Bloco é todo feito,
Do esplendor da raça.

Outra Taça e mais bonita,
Teremos então.
A vitória este ano é nossa,
E, com distinção.

Imprensa

Respeitos, bravos, aplausos
Num prazer que o belo encerra
Tudo damos para a imprensa
Desta nossa amada terra,
Pois aí a glória vem da luta
Do que heroico luta e vence
És por isso gloriosa
Imprensa catarinense

ESTRIBILHO

Carnaval que faz a vida
Que faz tudo em alegrias
Carnaval te vem saudar
Nestes três ditosos dias

Nos encantos da folia
Para nós de força intensa
Desta terra vivaremos
Nossa gloriosa imprensa...
Não podíamos deixar
De cantar a glória tua
E por isso te saudamos
Nós os bons *Filhos da Lua*

[Em 1932, o jornal A Pátria publicou as primeiras quadras das letras dos blocos e cordões daquele ano, todas escritas por Trajanô Margarida]

Canto da Ratoeira

(Bloco da Rainha)

Com um guia nesta vida,
Todos têm uma santinha,
E por isso venturosas
Temos nós uma Rainha

Rainha dos moços
Da idade fagueira.
Ê a nossa Rainha,
Isabel a primeira.

Andaluzas

Carnaval por nos querer,
Nos encantos do seu dia,
Grita alegre e prazenteiro
A viver a Andaluzia

Sertanejos

No silêncio do sertão,
Onde a paz é sem igual,
Já se ouvia com saudades.
O clamor do carnaval

Tamanqueiras

Sem sermos portuguesas,
Da beira nem do minho,
Pra gozar também viemos,
Mesmo assim de tamanquinho

Os bondinhos também vão
Para o rol do que é passado,
Dos que já passados são.
Muito em breve vamos ver.

Que os bondinhos também vão.

Japonesas

Lá do Império da Luz.
Cheio de encantos, riquezas,
Para ver o carnaval,
Aqui estão as japonesas

Margaridas

Não é só quando é finados,
Que somos as preferidas,
Pois durante todo o ano,
Todos amam as margaridas.

Roceiras

Na roça carnaval também tem vida,
Também é festejado como aqui,
Pra música tem sempre a melodia,
Dos cantos sem igual do Bem-te-vi.

Morro do Mocotó

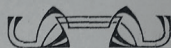
Pelo morro do hospital,
Mocotó subindo vai,
Mocotó é duro e forte,
Mocotó sobe e não cai.

Livros & Folhetos

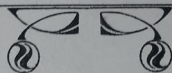
O Natal do Orphãosinho

OU

O Presente de Jesus



Trajano Margarida



Typ. á Electricidade da
Livraria Moderna
FLORIANOPOLIS
1914

São Catarina

O Natal do orfãozinho ou o presente de Jesus

por Trajano Margarida

Que tem a honra de oferecer a V. Ex. em troca de um
óbolo em homenagem aos órfãos.

1914

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

O Sol surgindo além por sobre os verdes montes,
Em ouro coloria os vastos horizontes.

No mar, qual lago ameno, o céu se refletia,
Num êxtase de amor, em mágica harmonia.

À lacre a luz banhava o céu, a terra, o mar,
E a brisa que passava ao longe a ciclar.

Em cantos festivos, a meiga passarada,
Saudava a natureza em luz de outro inundada.

O próprio roseiral se encheu todo de rosas,
Mais meigas do que então, mais puras, mais formosas

O sino convidava à prece vespertina,
E o camponês descia à florida campina.

Ouvia-se surgir, de longe, dos sertões,
O canto festival de alegres aldeões,

Que vinham do povoado à vila para ver,
As festas que a Jesus se usou sempre fazer.

Alguns, cheio de gozo, a rir, em meio à estrada,
Cantavam do sertão, modinha enamorada.

Alegres a cantar, as aves nos caminhos,
Ao Sol pediam luz, para aquecer seus ninhos.

E alma universal numa alma só formada,
Glorificava a Deus, nos raios da alvorada.

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

E nesse feliz dia, em jatos de ouro e luz,
Nascia em “Bethelem” o divinal Jesus.

E tudo era beleza, amor, no santo dia,
Em que ao mundo veio o filho de Maria.

E todos tinham n'alma um canto de prazer,
No dia então feliz que Cristo viu nascer,

O Cristo de perdão, o Cristo da verdade,
Que ao mundo vinha dar amor e caridade.

Alegre o povo orando em santa romaria,
Beijava no presépio o filho de Maria.

O mundo era feliz, e o povo era ditoso,
Glorificando em prece a Deus puro e bondoso.

A estrela que guiara os reis lá do Oriente,
As almas inundava em um perfume quente,

Qual filtro puro e santo, um filtro abençoado,
Que aliviava a culpa e o máximo pecado.

Em festas era o mundo e o povo em alegria,
Qual canto de ave santa em saudação ao dia.

Cantava uma cigarra à folha da palmeira,
O canto festival de alegre mensageira.

O mundo era feliz e o povo era ditoso,
Glorificando em prece a Deus puro e bondoso.

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

O mundo era feliz e o povo era contente,
Orando ao Deus menino, ao Deus meigo e clemente

E enquanto a multidão em preces repetia,
O nome de Jesus, o filho de Maria;

Enquanto a multidão em prece a Deus louvava,
E nas asas da brisa amores lhe enviava;

Uma triste viúva, em luto, amargurada,
Chorava em ver-se só, ao mundo abandonada.

Sem ter um só real, só tendo como herança,
Uma ave ainda implume, uma triste criança;

De alguns triste esquecida, e de outros desprezada,
Às vezes quando ia, em fome desvairada,

Esmola suplicar em nome da orfandade,
Em nome de Jesus e até da caridade.

Vivia numa choça humilde e sem conforto,
De onde lhe saíra o meigo esposo morto.

Viviam mãe e filho em prantos, sem alento,
Da angústia tendo sempre o bafejar do vento.

Sós, sem consolação ao mundo solitário,
Levavam tristemente a cruz ao seu calvário.

Até a caridade a mãe dos desvalidos,
Trazia-os desde muito os tristes esquecidos.

Nem mesmo uma alma só, da pobre se lembrava,
Que as portas da miséria, a Deus também orava,

Pedindo que estancasse as bagas de seu pranto,
E desse-lhe um asilo em seu bondoso manto;

Que olhasse pra seu filho ainda inocentinho,
Qual cego triste e só, em meio árduo caminho;

Que desse-lhe o amparo e desse-lhe a coragem,
Pra suportar da sorte a pávida voragem;

Que desse-lhe o conforto e desse-lhe o carinho,
Que o Sol costuma dar à ave no seu ninho.

E no entanto o povo, alegre, em romaria,
Glorificava a Deus e o nome de Maria.

Passavam junto à porta e nem sequer olhavam,
Praqueles que a sofrer, esmolas suplicavam.

E o pobre do orfãozinho ao mundo da orfandade,
Vivia triste e só, na rude soledade.

Não tinha um só amigo em tão grande desdita,
Que a dor lhe suavizasse, a dor indefinita.

Os outros tinham sempre um beijo de alegria,
Mas ele tão somente a dor que o compungia.

...

O dia de Natal erguera-se risonho
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

Havia em todo o lar um riso de prazer,
Que às almas vinha dando o néctar do viver.

|
Aqui, ali, além, uma árvore jazia,
Em raios de ouro e luz, saudando o grande dia.

Em outras um presépio, estábulo querido,
Em que Jesus nascera ao mundo prometido.

E no seu triste lar tão cheio só de dor,
Só tinha asilo a fome em todo o seu horror.

Só tinham por presépio a enxerga triste e nua,
Banhada dos clarões furtivos da alva lua,

Por árvore existia o ramo da saudade,
Do meigo esposo e pai, partido à flor da idade.

Saudade sem igual, saudade inexorável,
Que a vida torna má, cruel, incomparável.

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

Criança bem feliz soprando uma corneta,
Tocava num tambor, fazendo uma retreta.

Crianças que “Noel” o velho do Natal,
Quer bem, faz muita festa e não quer nenhum mal.

Crianças que ao nascer já trazem da ventura,
O riso da bonança e a vida alegre pura.

Crianças que tem pai, tem mãe e tem carinho,
E que não pedem nunca, esmolas no caminho.

Que tem da boa sorte o signo bendito,
Que trazem-no sem saber de lá do infinito.

Que gozam a ventura a mais feliz louçã,
Qual rosa que se embala em cálida manhã.

Que são qual o perfume inebriante e santo,
Qual nota de harpa-eólea a desferir seu canto.

Crianças que tem pai, tem mãe e tem alento,
E tem do gozo santo o bafejar do vento.

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

Alegre o povo orando em santa romaria,
Glorificava a Deus e o nome de Maria.

Caía meigamente a tarde constelada,
De eflúvios que deixara a rósea madrugada,

Ao ver então passar a grande romaria,
Levando em procissão a virgem mãe Maria;

À mãe chama e pergunta o pobre do orfãozinho,
À mãe cheia de dor, à mãe toda carinho:

– “Mamãe, porque razão festeja-se hoje o dia,
E todos louvam Deus, e louvam a Mãe Maria?

Porque mamãe tão doce e tão suave os sinos,
Se elevam para os céus, como se fossem hinos?”

E a pobre mãe, beijando o filho, o filho amado,
Responde n'um soluço enorme entrecortado:

“O dia de hoje é grande, ó filho, é festival,
– É dia de Jesus, é dia de Natal.

É dia de prazer, é dia de ventura,
Aos que conhecem rindo a vida alegre e pura.

Faz mais um ano hoje em que na 'Bethelem'
Nasceu o bom Jesus, fanal do amor do bem.

O dia de hoje, filho, é grande em todo o mundo.
Do mais alto palácio ao antro mais profundo,

Em tudo existe hoje o riso da ventura,
Por esta data santa, inigualável, pura.

Até lá na cadeia aonde habita o crime,
O riso da ventura a confortar se exprime.

O dia de hoje, ó filho, é grande, é festival,
O dia de hoje é santo, é dia de Natal.

E o povo que tu vês a ir pelo caminho,
Dirige-se ao presépio a ver o Deus menino."

"E nós por que também não vamos, mãe, à igreja,
Pra ver o Deus menino, o Deus que se festeja?

Como eu gostava, ó mãe, de ver esse Jesus,
Que pra salvar o mundo o corpo expôs à cruz!...

Oh! vamos, vamos já, que eu quero ver Jesus,
Que ao mundo veio dar, da caridade à luz."

E a pobre mãe banhada em pranto triste, ardente,
Ao filho respondeu em voz meiga e dolente:

"Como é que havemos de ir, ó filho, ó filho meu,
- Se roupa tu não tens e nem a tenho eu?...

Como é que em meio ao povo, ao povo que é feliz,
Havemos nós de ir, nós que a sorte maldiz?...

Como é que maltrapilho assim roto e faminto,
Podíamos entrar do templo no recinto,

E ver o Deus menino, o, Deus todo benção,
Que dá pro lábio um riso e à boca o doce pão?

Não vez que só desprezo a nós seria dado,
Se fôssemos beijar Jesus o grande amado?

Não vês que a desventura em todo o seu horror,
Nos cerca e nos abraça em seu negro estertor?

Não sabes que na casa em que bate a miséria,
Até a própria luz é pálida e funérea?...

Se tu tivesses pai e eu tivesse esposo,
Pra nós também seria um dia venturoso;

Mas, nós só temos ais, só temos sofrimentos,
Nossa alma a consumir a todos os momentos;

Só temos como festa a fome nas entranhas,
E dores sem igual, cruéis dores estranhas;

Por isso não se pode acompanhar o povo,
Que alegre se dirige ao templo hoje ditoso.”

...

Ouvindo o orfãozinho, atento meigamente,
O que lhe diz a mãe em voz meiga e dolente,

Tristonho se dirige a um grande roseiral,
Que dava todo o encanto ao seu meigo quintal.

Colhendo da roseira a mais garrida rosa,
Mais bela e encantadora, em tudo mais formosa;

No chão sentou-se a rir, alegre embevecido,
De sua negra sorte até quase esquecido,...

Se pôs logo a brincar, e nisso viu sair,
O filho do vizinho, alegre a conduzir,

Um bem rico brinquedo, e o pobrezinho vendo,
A rosa abandonou. De inveja estremecendo,

Pra casa então correu, e ao pé da mãe querida,
Sem ver a negra sorte em que era envolvida,

Aos braços se enlaçou dizendo-lhe choroso:
“O filho do vizinho é rico e venturoso!

Quem dera, ó minha mãe, como ele eu ter um pai!...
Como eu feliz seria... e não teria um ai,

Que minha alma magoasse e desse-lhe o tormento,
Que mata pouco a pouco em rápido momento.

De gozo e de prazer o peito eu tinha cheio,
Sem mais sentir da vida o mínimo receio.

Seria eu mais alegre e puro do que a flor,
Que à abelha dá sorrindo o néctar bom do amor.

A mais ninguém pedia um pão para comer,
Porque meu pai sabia a fome rebater.”

E a fronte então baixando a triste criatura,
Em lágrimas banhado, ao céu triste murmura:

“Órfão ser é bem triste, é triste não ter pai,
É triste ter-se na alma um compungido ai.”

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

Tudo era bem feliz, só ele, o orfãozinho,
Soluça a suplicar num canto amoitadinho,

Que a mãe comprar-lhe fosse um mimo do Natal,
Porque não via nisso haver nenhum só mal.

– “Como eu,” lhe diz a mãe, “te posso dar presente,
Se a fome nos consome, a fome negra, ardente?

Aonde irei buscar um mimo pra te dar,
Se hoje nem um pão nós temos pra jantar?

Ó filho, tem paciência, ó filho, tem esperança,
Que um dia ganharás, em Deus tem confiança.

Eu sinto mais que tu, eu sinto que ao calvário,
Jamais eu chegarei com a cruz de meu fadário.

Tem paciência, tem, não tenho um só real,
Com que comprar te possa, um mimo do Natal.”

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

Bem junto à porta agora a grande romaria,
Carrega em procissão a Virgem Mãe Maria.

Curvada e respeitosa, a mãe do orfãozinho,
A virgem mãe pedia, amparo a seu filhinho.

E ele prostra as mãos, orava sem cessar,
Ao doce e bom Jesus, um mimo a suplicar.

Havia tanto ardor naquela prece infante,
Que aos céus subia rindo, aos céus de ouro ofuscante.

E vendo o grande Deus, a fé do orfãozinho,
Que tão contente orava, ainda inocentinho,

Mandou que lá do além descesse um anjo lindo,
Pra casa do orfãozinho iluminar sorrindo.

E que lhe desse um mimo enfim como lembrança,
De sua prece santa, em tempo de criança.

Que iluminasse o lar, o lar entristecido,
Em que o sofrer atroz, bem era conhecido.

Que desse ao lar conforto e desse-lhe bonança,
E desse-lhe sorriso e desse-lhe esperança.

E o pobrezinho orava, orava sem cessar.
E nisso viu de pronto a casa iluminar,

Um vivo clarão. Erguendo-se assustado,
Viu vir pra junto a si, um anjo iluminado,

Que lhe diz a sorrir: – “Em nome do Senhor,
Trazer-te venho a paz, a luz, o riso, o amor.

Alegre e venturosa a vida te será,
Porque de luz bendita, o Pai te banhará.”

Ao retirar-se o anjo aureolado em luz,
De pronto se apresenta o divinal Jesus;

Que vendo da criança o coração tão nobre,
De beijos só de amor as suas faces cobre.

Depois de beijos dar nas faces do orfãozinho,
Brinquedos vários mil, lhe dá n'um instantinho.

E o lar abençoando, o lar amargurado,
Retirou-se Jesus, “Rabbi” divino amado,

...

O que passou-se então com a mãe e o orfãozinho,
Dizer não tento não, me julgo mui fraquinho,

P'ra penetrar de certo ao fundo da razão,
De tão gigante ser chamado coração.

Só sei que logo após aquele dia santo,
O lar tornou-se alegre e todo só de encanto.

Inda hoje em toda a vila, e em toda a vizinhança
Se fala com respeito em tão santa criança,

E no grande milagre em que Jesus provou,
Que a prece do orfãozinho aos pés de Deus chegou.

...

O dia de Natal erguera-se risonho,
Como um lábio infantil sorrindo-se n'um sonho.

Fim

Horas Tristes

(Sonetos)

(incompleto)

Recusando

Julgaste me ofender, negando-te a sair
Comigo a valsear no luzido salão?
Julgaste que ao desprezo eu fosse, enfim, cair,
Por tua audácia infinda em me dizer que não?

Bem vês que é uma loucura um homem se sentir
Por essa vil recusa em tudo sem razão.
Jamais virá, senhora, esta alma deprimir,
Calçando, sob os pés, tão nobre coração.

Jamais maculará da minha alma a pureza
A tua negativa audaz, imerecida...
Tão triste, tão mesquinha e cheia de pobreza.

O que faz sentir e fere-me a razão
Ê ver tanta elegância em seda enriquecida,
Espelho em que reflete a falta de instrução.

A prece

Vi passar junto a mim um mundo mortuário,
Num fremente ondular que mesmo não se exprime,
Uns levavam na face a cruz de seu calvário,
Outros o triste horror secreto de algum crime.

E naquele rezar tão triste e funerário,
Que subia p'ra Deus, p'ra Deus que nos redime,
Eu notava outro orar divino relicário
Outro orar sacrossanto, outro orar mais sublime.

Era a voz de Jesus o meigo redentor,
Que descendo do céu onde a verdade habita,
A seu povo falava em meio de esplendor:

– “Façam prece a meu pai, a prece é salvação,
Só ela à paz vos leva, à paz santa infinita,
Onde habita meu pai, o Rei da criação.”

A culpa é dos pais

(incompleto)

Ave Maria

Maria divinal, toda candura e graça!
Ês a esperança do aflito em convulsivo pranto;
Ês poema de Deus, que em luzes entrelaça
De todo este universo o constelado manto.
Ês a deusa do amor, a deusa da ventura;
O sol da redenção, que santa luz dardejas,
Ês a virgem do céu, a ideal, a pura...
Bendita sejas sempre... entre as mulheres sejas.

Deus

Um dia vi surgir num rápido momento,
O maior dos tufões havido a luz do mundo.
Mais rápido talvez que o próprio pensamento,
Passou e foi-se além, sempre a gemer, profundo.
O sol se ofuscara e emudeceram as aves.
A montanha tremera ouvindo-lhe a voragem,
Destruidora e má, que ameaçava as naves,
De tudo derribar na sua vil passagem.

Capricho sem igual altiva natureza.

Após pequeno instante, o sol se ocultara,
De novo ressurgia a face do universo,
Com seus raios de luz, de pronto sepultara
O terror mais cruel que um povo torna imerso.
Tudo, tudo mudou
Cantavam de alegria as aves nos seus ninhos,
Namorando as róseas da beira dos caminhos.

De azul se revestira a vastidão do céu,
Sorridente qual noiva em diamantino véu.

Admirado ao ver tão rápida mudança;
Da terra a quietude e a paz do matagal;
Como um lago dormente, um lago de cristal...
Pensei: que forte lei, que coisa ideal, que encanto,
Domina a terra e o mar, e os esplendores seus?!...

E o tufão feito brisa em sonoro canto,
Meigamente me disse: – A SANTA MÃO DE DEUS

Flores mortas

(inconcluso)

A Judith morreu

Na manhã em que a vi
 Achei-a interessante
Por que, sobre a cabeça ereta, aprumada,
 Contrastando o fulgor divino, ideal, brilhante.
Da cabeleira preta, extensa e anelada,
 Perdia-se o conjunto artístico das flores
Que ela mesma arrumava.
 E, assim, toda faceira e quase que, vaidosa,
Sem perceber ninguém, alheia mesma às dores
 Que a cruciavam tanto,
Passava rua afora, a murmurar baixinho,
 Como quem canta e reza ante um altar de flores,
Não a queixa da dor que faz verter o pranto,
 Mas, o ritmo luz, da prece ativa, infinda,
Macia como o armarinho
 Prece que aprendera em tempos de criança,
Prece santificada, a prece sempre linda,
 Que dá vida e que aclara a estrada da esperança.
A prece mansidão, ternura, afeto, afago,
 Doce como o encantar da santa paz de um lago
Onde alegre se banha o meigo passarinho.
 Prece feita de luz,
A qual, contente e a rir, sob o alvor de um véu,
 Tivesse de dizer,
No dia em que, ditosa, ouvisse lá do céu,
 Canções todas de amor, que Deus faz transformar
Em hinos de prazer.
 Prece que, sem vaidade, ante o altar de Maria,
Tivesse de fazer no desejado dia
 Que, por prêmio de amor,
O céu lhe enviara.

...

Na manhã em que a vi,

Achei-a interessante.

E, vendo-a, quis saber a causa dos tormentos

Daquela flor que o tempo austero e sem piedade,
Para sempre fanara.

Daquela que mostrava, embora os sofrimentos
Que a enfeavam tanto,

Muito da sua beleza altiva e peregrina
Que sempre a distinguiu, mesmo quando menina,
No tempo em que era alheia ao pranto e à saudade.

...

Quantas cenas de dor nos dramas desta vida!...

Contaram-me então, a história mais pungente

Que igual jamais ouvi.

A história em que o pecado,

Fora apenas um sonho, o ruído leve e ardente
De um beijo consagrado às juras de noivado.

Contaram-me que um dia, amara e fora amada,

E, nesse anelo doce em que a ilusão é Deus,
Cantando edificara e como extasiada,

O altar todo de luz dos róseos sonhos seus.

Que alegre e mais feliz que o meigo passarinho

Que canta ao vir do sol, festivo, bom, criador,
Também ela cantara, idealizando o ninho
Que um dia agasalhasse o seu sonhado amor.

Que, amada, vira ao longe os rútilos fulgores

De um futuro dourado e cheio de esperanças.
– Um lar onde seria a imagem dos amores,
Tendo por paz e encanto, o riso das crianças.

E, que fora feliz pensando noite e dia,

No momento ideal, no instante em que ditosa
Casar-se fosse.

Em que junto do altar da Mãe do Redentor,
Sua alma recebesse outra alma igual no amor.

Santa e terna ilusão que rica de vertigens,
Faz vibrar com loucura o coração das virgens.
Judith era feliz, por que jamais o pranto,
Dos seus olhos roubara o magistral encanto.

...

Surgiu lindo Setembro, o mês que empresta às flores,
Mais viço, mais fragrância, encanto e mais odores.
Dias cheios de luz, repletos de beleza,
Dos quais tanto se ufana a própria natureza.

E, com ele surgiu a nova ideal, sem par:
- Do vizinho mais velho à mais simples criança,
Corre célere a nova, a nova de encantar,
Banhada de esperança:
- A Judith vai casar!

...

Alguns dias depois, Judith era a noivinha
De mais encanto e graça em todo o Itajaí.
E quando ela passava e com seu noivo vinha
Chamavam-na, ditosa e alegre Juriti.

Em sonhos, sem sentir do tempo o decorrer,
Judith tinha na alma um mundo de prazer.
Vivia como vive o alegre passarinho
Que tece carinhoso o almofadado ninho.
Que nesse afeto ideal que a Deus sempre bendigo,
Para os filhos prepara o quente e doce abrigo.

...

Um dia, com ventura e lá do alto, os sinos
Mandavam para o azul, um turbilhão de hinos
Pra Deus glorificar.
Tudo estava festivo e tudo murmurava:
- Judith vai casar.

Nesse dia florido e cheio de esplendores,
De paz, de encantos, luz, de riso e de alegria,
Ante à imagem de um Cristo em cruz de ouro e marfim,
Judith meio a medo, ao Cura respondia:
“É de meu gosto, Padre!
“Eu quero!.... Aceito-o, sim!...”

Poucas horas depois saía da Capela
O cortejo mais lindo e a noiva que mais bela
No seu tempo se viu.

...

O amor com sua lenda eterna e abençoada,
Deu ao céu uma estrela em luz de ouro banhada.

A Judith casara.

...

Sobre a vida domina o império dos destinos.
E por isso o encantar da lei felicidade,
Transforma o seu fulgor nos tristes sons dos sinos
Que gemem sem cessar seus salmos de saudade.

Judith era feliz.

Mas, tudo é passageiro e falso nesta vida
Em que a dor nos domina e fere sem guarida.
E, assim, o próprio amor com seus lindos cortejos,
De sonhos, ilusões, de preces e de beijos,
Também da eterna lei sofre o rigor que ousado,
Quebra o encanto da Alcova e sonhos de noivado.

Judith amanheceu em prantos e sozinha.

Ao vir da madrugada a luz que aclara o mundo,
O esposo prosseguiu na luta da qual vinha:
– Na luta contra o mar, sempre a bramir, profundo.

E os dias que aguardou com louca ansiedade,
Foram todos de dor, de angústia e saudade
Que a sua alma de esposa e amante resistira.

Passou-se o tempo alegre e vieram os desenganos,
Da ventura turbando os rútilos arcanos.

E, Judith sofria e sem desesperar-se,
Aguardava o momento em que ele regressasse,
Que com todo carinho, amor, todo ventura,
Desse-lhe o beijo luz, que eleva uma alma pura
Aos mistérios sem fim de um céu idealizado
Por quem ama na vida e quer o ser amado.

...

Em volta do seu lar, tudo era entristecido.
Da passarada o festival ruído
De cantos ideais,
Tinha o dom de acalmar os torturantes ais
E tudo o que entristece e faz chorar na vida.

Judith era a tristeza, a imagem da bondade,
Sob os claros sem fim das luzes da saudade.

...

Judith amanheceu festiva como a aurora
Que alenta, que dá vida e aos roseirais enflora.

É que além, muito além, na linha do horizonte,
Onde o mar se confunde ao majestoso monte,

Um fumo aparecia.

Pouco a pouco, da terra, enfim, se aproximava,
A nau cujo regresso, ansiosa ela esperava
E a Deus tanto pedia.

Chegou, por fim, a Nau tão desejada.

Judith para o abraço há muito idealizado,
Corre como andorinha em voo pelo espaço
Buscando o aconchegar do ninho abençoado.

...

Nas passagens da vida há quadros tão sentidos,

Tão cheios de amargor, de lutas e tais odores,
Que, quando os corações por elas são feridos,
Assemelham-se sempre as melindrosas flores
Que vencidas de um sol, cruel, ferino e ardente,
Sol que as queima, resseca e as faz murchas, fana-
das,
Amanhecem feliz na hastil branda e dolente
E anoitecem a rolar no pó vil das estradas.

Apito cavernoso, longo e triste,

Tudo modificou.
Até a própria Nau na sua árdua rudeza,
Mostrava-se sentida e cheia de tristeza

O esposo de Judith não voltou.

Desiludida e só, sem um amor tão seu,

Judith enlouqueceu

...

Na manhã em que a vi,

Achei-a interessante,
Ela já era louca.

E, assim, na semelhança exata de uma touca,
Trazia na cabeça uma porção de flores.

Farrapos da ilusão dos ternos amores.

Alma que sofre e sente e nunca desespera,
Longos anos, Judith ansiosa espera
A volta de seu bem.
Envelhece esperando e cheia de alegria,
Crê poder abraçá-lo ainda algum dia.

...

Na vida tudo tem o seu ocaso:
– O Sol quando se põe, a noite quando finda,
O sonho que se espraia e a hora que se vai.
A velhice que mata a formosura infinda,
E o pranto que a rolar dos nossos olhos cai.

Judith também teve o seu ocaso agora.
Cansada de esperar, cansada de sofrer,
A tristonha Judith acaba de morrer.

Deitada num caixão, na mesma capelinha
Onde ela um dia entrou vestida de noivinha,
Recebeu, muda e fria, a benção da saudade.
Depois, toda florida, em fúnebre cortejo,
Dos seus levando o ardor da comunhão de um beijo,
Partiu, deixando em tudo a dor, a mágoa e o pranto,
Na máxima expressão da angústia da saudade
Que geme a soluçar, tristonha, em todo o canto.

Partiu entre o estertor de compungidos ais.
Partiu pra nunca mais.

...

Na manhã em que a vi,
Achei-a interessante.
No entanto, o coração em lágrimas banhado,
Sofria pelo ardor de um beijo quente e amante
Das promessas sem fim de um sonho de noivado.

Fim

Pátria

Poemeto patriótico

(A Pátria e o Sorteado)

Dedicado aos Ilmos. e Exmos. Srs.

Cel. Felipe Schmidt; Cel. Pereira e Oliveira; Dr. Fúlvio C. Aducci; Dr. Ulysses Costa; Cap. Joe Collaço; Major Elpídio Fragoso e aos distintos militares: General Alleluia Pires; Cel. Salles Brazil; Major Vitoriano Corte Real; Capitão Comandante da guarnição Antônio de Souza e oficiais do correto 54 de Caçadores; Comandante e oficiais do luzidio Tiro 40; Comandante Gustavo Schmidt e oficiais do bravo Regimento de Segurança; aos inferiores e praças das mesmas corporações; aos oficiais e praças das linhas de Tiro de Tubarão; Laguna; Palhoça; S. José; Tijucas; Camboiú; Itajaí; Brusque; Nova Trento; Blumenau; S. Francisco e Joinville; aos Senhores professores e alunos do Ginásio Catarinense; Escola Normal; Escola de Artífices; Colégio Coração de Jesus; Grupos Escolares Silveira de Souza, Lauro Muller, Vitor Meirelles, Vidal Ramos, Jerônimo Coelho, Conselheiro Mafra e Luiz Delfino, e à patriótica mocidade de minha terra Natal.

1917

Pátria!

Ó sublime expressão do que é divino!
Ó grandeza ideal do que é perfeito!

Quantas, quantas belezas sem iguais,
Quantos feitos de glórias, imortais,

Circundam tua face aureolada,
Como um astro de luz, em luz formada?

Quantos dias de lutas tenebrosas,
De alvoradas felizes, gloriosas,

Por tua altiva fronte já passaram?
Quantas vezes altivos ressoaram,

Os ecos retumbantes dos canhões?
Quantas vezes da guerra as convulsões,

Sufocaste com braço altivo e forte,
N'um másculo estertor de força e morte?

Tu bem sabes ó Pátria, ó Pátria minha,
Esplendor de nobreza, mãe, rainha.

Pátria! Pátria! Ó Pátria idolatrada!

Bem pequeno eu me lembro, ainda criança,
Quando a ideia do bem é uma esperança,

Que o cérebro afaga noite e dia;
Quando tudo é um sol que se irradia,

Todo cheio de bem, todo de amor,
Como a gota de orvalho em rubra flor;

Nessa idade em que a vida é sempre um sonho,

Puro, calmo, feliz, sempre risonho;

Nessa idade em que tudo é uma ilusão;
Que a candura nos faz do coração;

Um batel sobre as ondas de um ideal;
Onde impera a virtude sem igual;

Nessa idade, ah!... eu já te amava tanto,
Que fiz das tuas glórias o meu canto,

Minh'estrella e meu guia.

Não tinha outro esplendor a minha vida,
A não ser de chamar-te, mãe, querida,
Rainha entre as rainhas.

Cresci. De ti a imagem que se adora,
Me era sempre o vir de nova aurora.

Dos teus heróis, os feitos de civismo,
Fortaleceram em mim o patriotismo,

Que bem de pequenino eu tinha n'alma.
E sempre que da glória eu via a palma,

Suspensa em tua mão, forte e possante,
Como um livro que ensina a todo instante,

O amor, a grandeza e a integridade,
Duma pátria em que tudo é liberdade,

Ainda mais eu cria na realeza,
No esplendor da verdade e fortaleza,

Que só tu podes ter ó, Pátria amada,
Ó Pátria gloriosa, aureolada.

...

E quando ler eu soube a tua história,
Onde impera o heroísmo, o amor, a glória,

Onde impõe o direito e o dever,
Na gigante razão do teu poder;

Quando li os teus feitos gloriosos,
Do Paraguai partindo venturosos,

Como exemplo às nações do velho mundo;
Mais forte dentro d'alma e mais profundo;

Senti do patriotismo a luz que aquece,
Que santifica, eleva e que engrandece.

Pátria! Pátria!

Ó sublime expressão do que é divino!
Ó grandeza ideal do que é perfeito!

Quem não te amará?

Quem não há de correr ao teu apelo,
Quando qual desconforme pesadelo,
Te assaltar o inimigo?

Quem há de batizar da glória os sóis,
Sem dizer-te com a calma dos heróis:
Pátria! aqui estou contigo!

Quem não se orgulhará de ser teu filho,
Procurando imitar da glória o brilho,
Dos teus filhos heróis?
Quem não há de almejar tão grande glória.
Aos quais nas áureas páginas da historia,
Refulgem como sóis?

Quem não se orgulhará de ser teu filho,
Pátria! Pátria minha!

Ninguém. Pois todos somos brasileiros,
Descendentes fiéis de fiéis guerreiros,
De bravos sem iguais
Em nosso peito havemos de guardar,
A herança que nos faz orgulhar,
Dos grandes imortais.

Em cada um de nós, grande soldado,
Com denodo e heroísmo de Machado,
De Osório e de Barroso.
Em cada um de nós a fortaleza,
Que há de dar-te, altiva, mais grandeza,
Num porvir radioso.

Pátria! Pátria!

Quem não há de imitar de Anita o feito,
De Anita a heroína dos dois mundos?
Quem não responderá batendo ao peito:
À bala! sempre à bala! em sons profundos?

Pátria! Pátria!

Ó sublime expressão do que é divino!
Ó grandeza ideal do que é perfeito!

II

Dos filhos seus a Pátria um dia reclamou,
O grande ardor com que caracterizou,
O nome de Brasil.
Aos filhos seus chamou, com voz forte, possante,
Fazendo-os vir, em breve e em bem pequeno instante
Numa ânsia viril.

Da caserna, formou gigante pátio aberto,
Uma escola feliz que todos tinham certo,
 Doutrinas de heroísmo.
De cada cidadão buscou fazer um bravo,
Um soldado fiel, feliz por ser escravo,
 Do seu próprio civismo.

Tornar uma verdade a máscula grandeza,
Que sorrindo lhe dera um dia a natureza,
Formando-o tão gigante.
Buscar nos filhos seus, o ardor e a segurança,
Que há de dar-lhe altiva a messe de esperança,
 De ser sempre possante.

E por isso se ouvia o eco estridente,
Da trombeta de guerra em alto som plangente,
 Sem nunca mais cessar.
Da Pátria o augusto nome além ia clamando,
Dos seus heróis a glória excelsa rebisando,
 Num coro de invejar.

De Vila em Vila foi, e foi de serra em serra,
Do palácio à choupana, a triste em que se encerra,
 Um mundo de pobreza
E o nome da Pátria altiva era aclamado,
Como um Deus ideal, um Deus idolatrado,
 Sem igual em grandeza.

Ao verem a bandeira alegre tremulando,
Da brisa nos vai-vens, da brisa que passando,
 Docemente a beijava.
Sentiam dentro ao peito a nobre e verdadeira,
Hosana de respeito a mais audaz bandeira,
 Que ao vê-los se orgulhava.

E corriam por isso alegres pressurosos,
P'ra atenderem da Pátria os chamados briosos,
 Clamores de civismo.

P'ra caserna eles iam assim, tão sorridentes,
Que demonstravam em tudo, altivos e contentes,
O mais franco altruísmo.

Fizeram da caserna a grande escola forte,
Que ensina amar a Pátria e ensina a honrar a morte,
Na luta do dever.
Da caserna a igreja em tudo abençoada,
Em que a Pátria é uma deusa, e está santificada,
Em todo o seu poder.

A lúgubre cadeia, os bolos e a chibata,
E a algema cruel que horroriza e mata,
Tudo foi consumado.
Apenas por castigo os livros e a lição,
O saber conservar a Pátria ao coração.
E ser um bom soldado.

A caserna está cheia e os sorteados,
Nas carteiras, atentos, recostados,

Ouviam com respeito uma lição
Que lhes dava garboso capitão.

Lição de patriotismo e de bravura,
Que faz regenerar uma alma impura;

E que mostra da Pátria a imensidade,
E como honrar a sua integridade.

Lição que infiltra n'alma o grão dever,
Que temos todos nós de a defender;

Que mostra o esplendor de um céu azul,
Do colosso sem par do vasto Sul;

Que recorda os troféus e lembra a glória,
Paraguai trazida à luz da história.

Que ensina a ser soldado e a ser um bravo,
Do seu próprio civismo altivo escravo.

Lição que fertiliza e que engrandece,
Na qual da Pátria o vulto resplandece.

Sublime lição aquela
Com tal respeito era ouvida,
Que nunca mais esquecida
Poderá ser por tão bela.

Após ouvirem a cívica lição,
Debandavam na mais franca expansão,
Das almas de criança.

Uns felizes cantavam, outros liam,
E os heroicos feitos aprendiam,
Num riso de esperança.

Só um que indiferente e alheio a tudo,
Sempre, sempre calado, qual um mudo,
Não falava nem ria.

E indiferente a tudo e a tudo alheio,
Parecia odiar o próprio meio,
Em que também vivia.

Ninguém saber dizia por que triste,
Numa angústia cruel que não resiste,
Vivia o sorteado,
Sempre longe, fugindo aos companheiros,
Como um pobre proscrito, entre estrangeiros,
Vivendo abandonado.

Chamava-se Luiz.

Sorteado e chamado ao Regimento
Não viera de bom contentamento,
Nas fileiras entrar.
E por isso talvez vivia assim,

Numa angústia cruel que não tem fim...
Nem se pode narrar.

Uma tarde...

Eu me lembro de vê-lo.
Estava magro, pálido e tristonho,
Num tão grande sofrer.
Que, nem sequer falava e nem sorria.

Desejei conhecê-lo.
E ouvir-lhe a narração talvez de um sonho,
Que por certo em sua alma existiria,
Até vê-lo morrer.

Calculei que em sua alma ainda criança,
Habitava um mistério.
Talvez que lhe roubassem toda a esperança
E triste cemitério,
O peito seu tornassem,

Talvez mesmo com a vinda do Sertão,
P'ra sempre lá ficassem...
Pedacos do coração.
Talvez mesmo as saudades naturais,
Dos encantos do lar,
O peito seu turbassem tristes ais,
Sem nunca mais cessar.

Saudade vil que magoa,
Que tortura e depois mata.
Que dentro d'alma ressoa,
Terrível, má, insensata.

III

Um dia de manhã,
Quando todos se uniam à formatura,

Num vivo entusiasmo e tão louçã,
Como o beijo da brisa, fresca, pura,
Encontrei-o sentado, entristecido,
Numa angústia tamanha,
Que até no próprio olhar esmaecido,
Se via refletir, luz feia, estranha.

Igualava-se a um réu que, condenado,
Esperava soar o tempo dado,
Que a justiça marcara.
Tinha o trágico fim, pintado à face,
Do mais cruel e negro desenlace,
Que o mundo enfim criara.

Tinha ódio à caserna,
E, tinha horror à farda.

Criado em liberdade no Sertão,
Camisa aberta ao peito, pés descalços,
Sorrindo-se ao verão.
Afrontando do sol os raios falsos,
Que castigam e queimam sem clemência,
Não podia por certo suportar,
Esta nova prisão de consciência,
Que o queria matar.

Não tinha um só amigo.

Por companheira a dor que o torturava
E a saudade cruel que o cruciava.

E mesmo sem saber qual o destino,
Que a sorte lhe daria.

[Vivia] entregue a um grande desatino...
Nem falava, nem ria.

Minava-lhe o ser grande desgosto,
E pouco a pouco as covas no seu rosto,

Tomavam mais saliências dia a dia.

Vinte anos tão somente.

Idade em que começa a vir à vida;
Existência feliz que desabrocha,
E cresce no Sertão.
Lá, vivia feliz, sempre contente,
Como a hera que em flor matiza a rocha,
E desprende-se ao chão.

Era livre e feliz como a avezinha,
Que alegre apanha a leve palhazinha,
E se oculta ao telhado.
Amava do Sertão a liberdade,
E das aves o canto sem maldade,
Sublime e ritmado.

Acostumado a ouvir a melodia,
Que a cigarra possui em seu cantar,
Não podia viver nessa enxovia,
Que o queria matar.

Só pensava na sua liberdade,
Que lhe dera a sorrir a natureza.
Pois toda a fantasia da cidade,
Do Sertão não valia a realeza.

E por isso era triste e pesaroso,
Sem nunca ter nos lábios um sorriso,
Tão alegre e feliz e tão ditoso,
Como os lá do Sertão, seu paraíso.

Por todos era notado,
O modo porque vivia,
O Luiz, o sorteado.

Ele a tudo indiferente,
A grande angústia cumpria,

Sempre triste e complacente,

Como se a mágoa lhe fosse,
Um lenitivo p'ra alma,
Um consolo puro e doce.

Vivia triste e magoado.
Do martírio a negra palma,
Tornava-o desgraçado.

Não se esquecia um momento,
Da angústia que n'alma tinha,
Do seu cruel sofrimento.

Não se esquecia o encanto,
Que com a saudade lhe vinha,
Acompanhados de pranto,

Dos tempos que lá passara,
Lá no longínquo Sertão,
Onde feliz se criara.

Em sua alma ainda sentia,
O fresco alvor do clarão,
Da alvorada que irradiava.

Em seu cérebro passavam,
As belas cenas de amor,
Que dentro d'alma moravam,

As quais por certo também,
Guardaria Eleonor,
Sua luz, amor e bem,

As saudades sem par, lá do Sertão,
Magoavam-lhe atroz, o coração.

Enquanto dentro d'alma repassavam,

As saudades cruéis que o torturavam,

Sem nunca mais cessar.

.
Os outros sempre alegres, prazenteiros,
Na certa compreensão de brasileiros,
 Procuravam na história,
Aprender dos heróis, dos gloriosos,
A causa que os fizeram venturosos,
 À luz do Sol da glória.

IV

Devido ao seu ar triste e descontente,
Como quem anda sempre mal, doente,

Levaram-no a vê-lo o comandante,
Um soldado inda moço, audaz semblante,

Cujas faces tostadas nas batalhas,
Sentira o retumbar de mil metralhas.

E o moço comandante que o civismo,
Em seu peito encontrara o patriotismo;

Que santifica, eleva e que engrandece;
Onde a ideia da pátria vive e cresce;

Num ardor grande forte e consumado,
Como só pode ter um bom soldado;

Ao vê-lo cabisbaixo, entristecido,
Na luz do olhar mostrando-se sentido;

Ao vê-lo assim tristonho, descontente,
Como quem grande mal dentro a alma sente:

Falou-lhe com altivez:

- Estás doente ?
- Que ideia de tristeza em vossa mente,
 - Vos faz tanto sofrer?
- Qual a causa porque abandonado,
- Viveis como um proscrito e a maldizer,
- Da caserna e da vida de soldado?

“Saudades do Sertão,
Que não me deixam nunca.”

- Saudades do Sertão?

“É verdade senhor.”

“Saudades sem iguais, m’attentam tanto,
Que me fazem verter sentido pranto.”

“Saudades que torturam e magoam,
Cujos ecos de dor, n’alma ressoam.”

“Saudades sem iguais, cruéis, sem fim,
Que me fazem ficar tristonho assim.”

“Saudades do Sertão onde nasci,
Onde alegre e feliz, sempre vivi.”

.

“Ah! Senhor!”

“Um momento não há que eu não recorde,
Da passarada alegre o doce acorde,
Ao romper da manhã.
Quando eu ia feliz e prazenteiro.
Qual linda borboleta no espinheiro,
Beijando a flor louçã.”

“Era alegre e feliz.”

“Uma tarde...

Chamado eu fui, a vir para a cidade,
A fim de apresentar-me ao Regimento...

Ao novo batalhão.

Não sei mesmo dizer a crueldade,
Que esta nova me trouxe, e o sofrimento
Deste meu coração.”

“Estava sorteado:
Não podia escapar.”

“Algum tempo passou-se.”

“Mas um dia, senhor, tornou-se uma verdade,
A notícia pra mim tão cheia de maldade.
De soldados um grupo, entrara pela vila.
Uns toques de clarim,
Ressoaram por todo o matagal sem fim.”

“Na frente uma bandeira ao vento se batendo,
Tristonha anunciava, um que de mau, horrendo.”

“Num barulho infernal, aos rufos do tambor,
Pareciam dragões, mensageiros da dor.”

“E entraram pela vila em dois a dois formados,
Pra trazerem pra aqui uns pobres sorteados.”

“Sim... uns pobres como eu que lá tristes deixaram,
Parentes que de angústia, e dor se torturaram,”

“Por nos verem partir.”

“E a cabeça baixando, pesaroso,
Exclamou:

“Se eu pudesse fugir!!...”

– Fugir?

“Sim?!

Voltar ao meu Sertão tão adorado,

À terra onde eu nasci.

Onde sempre feliz e abençoado,

Sorridente cresci.”

“Ouvir cantar de novo os passarinhos,

Debruçados à beira dos seus ninhos,

Ou pousados na folha da palmeira.”

“Novamente viver na liberdade,

Que desde pequenino, em tenra idade,

Conheci no Sertão;”

“Viver em liberdade como outrora,

A sorrir desde o vir da rubra aurora,

Com o seu róseo clarão.”

“Caçar as borboletas, ver os ninhos,

Balançar os rosais pelos caminhos,

Satisfeito a cantar.

Ir ouvir à tardinha o santo terço,

Que ao lembrar-me senhor, eu estremeço...

E me ponho a chorar.”

“É por isso, senhor, que eu vivo triste,

Numa angústia cruel que não resiste,

Minh'alma torturada.”

– Mas... se amais tanto assim vosso Sertão,

– Porque não amar também toda a Nação,

– Se toda é uma só Pátria?

– Tudo, tudo esquecer pelo Sertão?

– Esquecer toda a Pátria, a Pátria inteira,

– Esquecer os lauréis desta bandeira,

- Tão cheia de vitórias nas batalhas,
- Que todo o céu cobriram de metralhas,
- Por causa do Sertão?
- Esquecer a mãe Pátria, a mãe querida,
- O símbolo ideal da nossa vida,
 - Do nosso coração?

- Tudo, tudo esquecer; a Pátria inteira;
- O amor que deveis ter pela bandeira,
 - Por causa do Sertão?

- Não amais vossa mãe?

“Sim!”

“Aquele que ficou lá no Sertão,
E que triste tem hoje o coração.”

“Aquele que chorou como criança,
Ao ver partir c’o filho a sua esperança,
Toda a sua alegria.”

“Aquele que ainda hoje é bem sentida,
Que aos poucos vai finando a sua vida,
Num estertor de agonia.”

- E a Pátria?

“A Pátria?....”

- Sim a terra onde nascemos

“Não a conheço, não,
Nem dela ouvi falar,
No meu feliz Sertão,
O qual vivo a lembrar.”

- Não conheces a Pátria – a mãe incomparável,

- Esse ser ideal, tão puro e respeitável,
- Por toda a parte, toda, e em todo o vasto mundo,
- Essa deusa gentil por quem sempre lutamos,
- E que a todo o momento altivos consagramos,
- No ecoar do canhão, audaz, forte e profundo?

“Nunca ouvi, não, senhor!”

- Nunca ouviste falar da Pátria o nome,
- Que é um coro de glória e tem renome?

- Em toda a parte já tão conhecida,
- Como a mais gloriosa então nascida?

- Nunca ouvistes falar em patriotismo,
- A mais nobre grandeza do civismo?

“Eu nunca ouvi, senhor.”

E o comandante, altivo, admirado,
De a ignorância ver do sorteado,

Que até da Pátria o nome nunca ouvira,
Nem dentro o coração, enfim, sentira;

Do patriotismo a excelsa realeza;
Levantando-se, cheio de certeza,

De que o sorteado entenderia,
De civismo a lição que lhe daria;

E enérgico e expressivo assim falou:

V

- Nas contorções de agudos paroxismos,
Mesmo dentro do seio dos abismos,
Em que tudo é ruindade.

Até do céu nas lívidas entranhas,
No mais altivo ponto das montanhas,
A Pátria é uma verdade.

- No constante ondular das altas vagas,
- Que levam pobres naus a grandes fragas,
- Há Pátria também.
- E a luz que do trovão tão fortemente,
- Sacode o vasto mar fosforescente,
 - Teve Pátria e ainda tem;
- Não há nascido um ser em todo o mundo,
- Que mesmo em pequenez sendo profundo,
 - Que a Pátria não conheça.
- Pode ser o mais vil, mais abjeto,
- Porque da Pátria o céu terá por certo,
 - Sobre a sua cabeça.
- O Sol que tão festivo no horizonte.
- De luz colore o mar e o vasto monte,
- Com pompa gloriosa,
- Por Pátria tem o céu, azul, gigante,
- Das estrelas a luz de diamante,
 - Numa expansão radiosa.
- A cândida avezinha que saltita,
- Ou que mesmo no ninho, a medo agita,
 - As azas pra voar.
- Também conhece a Pátria – a mãe sublime,
- A vasta natureza a qual imprime,
 - Gorjeios de encantar.
- O próprio Deus do amor e da bondade,
- O poderoso rei sem igualdade,
- O Rei Universal,
- Por Pátria tem a lei desta grandeza,
- Desde o mais fraco ser da natureza,
 - Ao orbe sideral.

- O leão formidável do deserto,
- Que o salto nunca dá, perdido, incerto,
 - Na presa desejada,
- Por pátria tem a imensidão das selvas,
- E os perfumes subtis das verdes relvas,
 - Em noite enluarada.

- Se tudo pátria tem e a Pátria ama,
- E se por ela um cântico declama,
 - O meigo rouxinol,
- Por que a renegas vós que sois forte,
- Que por ela podeis vencer a morte,
 - Da glória tendo o sol?

- Não há nascido um ser que não conheça
- Da Pátria o céu azul sobre a cabeça.

VI

Para a caserna voltam os sorteados,
Em dois a dois marchando compassados.

Na cadência dos rufos do tambor,
Cantam esta canção de guerra e amor:

CANTO

Da Pátria somos nós o braço forte,
[A] base onde ela tem a realeza.
Bateremos a rir a própria morte,
Se tentar macular sua grandeza.

CORO

Somos nós filhos de heróis,
Descendentes de guerreiros,
Das vitórias os mil sóis

Contamos nós, brasileiros.

CANTO

O maior inimigo afrontaremos,
Sem temor, sem receio e com coragem.
Pela Pátria querida lutaremos,
Por termos d'ela, n'alma a santa imagem

CORO

Somos nós filhos de heróis,
Descendentes de guerreiros,
Das vitórias os mil sóis
Contamos nós, brasileiros.

CANTO

Inimigo não há que tão possante,
Afronte desta Pátria a majestade;
Inimigo não há forte arrogante,
Que ouse macular-lhe a integridade,

CORO

Somos nós filhos de heróis,
Descendentes de guerreiros,
Das vitórias os mil sóis
Contamos nós, brasileiros.

E o sorteado ouvia tão atento,
Em tudo achava tal deslumbramento,
Tão imóvel ficara,
Que parecia ser todo ele feito,
Uma estátua talhada com respeito,
No mármore de Carrara.

Nunca tinha da Pátria o nome ouvido,

E ouvindo-o agora e convencido,
Desta sua existência,
Pediui ao comandante que o ensinasse,
Que da Pátria a grandeza clareasse.
Na sua inteligência.

Não mais seria triste; disse rindo.
Sentia que da Pátria o canto ouvindo,
Alegrava-lhe a alma.
Sentia penetrar-lhe dentro ao peito,
Da Pátria o ideal, o mais perfeito,
Da glória a rósea palma.

E batendo no peito, exclama entusiasmado:
“Da Pátria hei de ser sempre o mais fiel soldado,”

“Tão fiel hei de ser à Pátria, à Pátria minha,
Como a águia que o filho ao seio quente aninha.”

E olhando a bandeira, o verde pavilhão,
As mãos como amparando a forte pulsação,

Que de instante a instante o peito seu tremia,
Falou com voz pausada e cheia de harmonia:

“Conheço a Pátria agora!
Em toda a minha vida,
A mais festiva aurora,
A mais santa e querida,
Acaba de surgir.”

“Nem mesmo a do Sertão,
A que eu amava tanto,
Cá dentro ao coração,
Por quem envolto em pranto,
Eu quisera fugir;”

“Possuía o esplendor,

A messe de beleza,
E os encantos de amor,
Com tão nobre pureza
Que esta aurora me traz.”

“Não possuíam candura,
Mesmo dentro dos seus ninhos.
Não tinham tal formosura,
Os alegres passarinhos,
Com seus cantos joviais.”

“Da cigarra o alegre canto,
Que eu fazia sem igual,
E que me alegrava tanto,
No santo mês do Natal,
No mês do amor e do bem;”

“Não se iguala a estes cantares
Que entoam jovens guerreiros,
Que fazem tremer os ares;
Horrorizando estrangeiros,
Que da Pátria inveja tem.”

“Oh! feliz quem pode um dia
Chamar Pátria, mãe querida.
Do hino seu a harmonia,
Ter por luz em toda a vida.”

“Reconhecer-lhe a grandeza,
A majestade suprema;
Ser-lhe a sua realeza,
Da vida o mais santo lema.”

Perfilando-se em frente ao comandante,
A mão suspensa em continência,
Assim falou;

“Obrigado senhor!”

“Agora que a Pátria eu vejo,
Que dos heróis o valor,
As suas glórias, almejo;”

“Juro como um bom soldado,
Que sempre a defenderei,
Embora sacrificado.”

“A sua imagem adorada,
Terei sempre ao coração.
Como relíquia sagrada.”

“Ser-me-á a luz do Sol,
E o facho com que sorrindo,
Verei da glória o arrebol.”

E a bandeira beijou, tão comovido,
Que o mesmo beijo foi repercutido,
Da cidade ao Sertão.
Houve tanta beleza neste instante,
Que sentiu-se um quê de puro, amante.
Em todo o coração.

E o comandante a sorrir,
Dá-lhe ordem de marchar.

[Dois] meses são passados.

VII

Uma nova de horror faz eco na cidade,
Com os requintes cruéis da dor e da maldade.
Corre negra e veloz.
Que audazes estrangeiros,
Tinham quebrado o marco das fronteiras.

Invasores da Pátria, invasores do lar,

Pareciam querer, tudo, tudo arrasar.

Ousados e atrevidos, vinham vindo,
Devastando o que à frente iam achando.
Depois do sangue infame e o vil incêndio,
A morte davam aos que iam encontrando.

Mais rápido talvez que o pensamento,
A Pátria seus soldados levantou,
P'ra fazer a expulsão dos invasores,
De guerra um grito forte ressoou,

Voluntários aos mil se apresentaram.
P'ra do solo expulsar os invasores,
Das cornetas os toques marciais
Da guerra anunciavam seus horrores,

De prontidão as forças aguardavam
O momento da ida pras fronteiras.
Aos postos esperavam se vingarem,
Do grande ultraje às plagas brasileiras.

Numa linda manhã do mês de Abril,
Com garbo o auriverde tremulava,
Das brisas ao rumor.

O verde pavilhão do meu Brasil,
Festival, compassado, então marchava,
Aos rufos do tambor.

P'ra guerra era levado, e alegre via,
Os filhos seus seguirem com bravura,
P'ro mundo do terror.
Tamanho entusiasmo neles ia,
Que garbosos marchavam em formatura,
Aos rufos do tambor.

Por filhos mães choravam, mães piedosas,

Que à Mãe Pátria entregaram filhos bons,
Entre beijos de amor.
Ao embarque seguiam lacrimosas,
Na cadência que vinha-lhes dos sons,
Do rufo do tambor.

E o pavilhão por todos respeitado,
Saliente, mostrava-se querido,
E cheio de esplendor.
Com tanto garbo, tanto, era levado,
Que parecia ate marchar altivo,
Aos rufos do tambor.

E Luiz, convencido da grandeza,
Da Pátria que adorava com afeto,
Como um Deus e senhor.
Fazia gosto ver com que beleza,
Marchava em passo firme e sempre certo,
Aos rufos do tambor.

E quem o visse assim tão satisfeito,
Olhar firme, marchando na fileira,
Mostrando o seu valor;
Dizia que levava a Pátria ao peito.
Secundando os compassos da bandeira,
Aos rufos do tambor.

[Lá] quando a nau soltava as brancas velas
[E] que pandas e alvas se enfunaram,
Num mar encantador:
Qual alegres gaivotas, ágeis, belas,
Milhões de brancos lenços acenaram,
Aos rufos do tambor,

Forte ao longe o ecoar se ouve,
Do canhão o peito forte,
Pela vitória há quem louve,
A todo o momento a morte.

O Regimento em que estava
Luiz, o sorteado,
Com bravura então lutava,
Com bravura de soldado.

Do comandante uma ordem,
Soou por toda a fileira,
Que o grosso inimigo em ordem,
Tomar queria a bandeira.

Que impedissem a entrada,
Pelo flanco ameaçado;
Que fosse pronto guardada,
Pelo mais fiel soldado.

De um salto um vulto avançando,
Junto à bandeira parou.
No espaço as balas cruzando,
Em fumo o céu se enlutou.

Milhões de mortos jaziam,
No palco horrendo da dor.
Os inimigos fugiam,
Da luta, cheios de horror.

E a bandeira tremulante,
Cheia de glória e bravura,
Mostrava de instante a instante,
Que estava perfeita, pura.

E por isso gloriosa,
Solta ao vento, desfraldada,
Parecia mais formosa,
Que uma noite estrelada.

Quando alegre tocou a formatura,
Pra alvorada fazerem da vitória,

Em que alegre também toda a natura,
Parecia gozar da imensa glória;

Faltava um. Luiz e que por certo,
Pagara o heroísmo com a vida.
Mas... instante depois, firme e correto,
Sorrindo com desdém à insana lida
Cruel e traiçoeira,
De pé foi visto sobre um chão de sangue
Muito pálido, a rir e quase exangue,
Abraçado à bandeira.

A fome e a sede no Ceará

1919

ajano Margarida



A fome e a sede no Ceará



Florianópolis
1919

POESIA

01816.4)-1

27 f

Florianópolis
graphia da Livraria Central
1919



Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!

Oh! Deus dos imortais!

A ti não chegam nunca os lamentosos ais
Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves não?
Responde-me, Oh! Deus!

Rasga um pouco esse manto azul lá do infinito,
E escuta da miséria o comovente grito,

Que, há longos anos, vaga e sempre desditoso,
Sem nunca se perder buscando-te ansioso,

Como a fera a sangrar, que vai cheia de dor,
Buscar enfurecida o rude caçador.

Por ventura, um gemido, um ai desesperado,
De quem vive a sofrer, sentindo-se isolado

Sem ter quem o ampare e estenda-lhe a mão;
Sem ter quem dê-lhe água e dê-lhe a esmola, um pão,

Por ventura, Senhor, não ouves do infinito,
Da mísera orfandade o agonizante grito,

Capaz de enlouquecer, que tortura e exaspera,
Desde o negro rochedo ao coração fera!

Como deixas então, sem dar-lhes um abrigo,
Tu que tens o poder, que tens o amor contigo?

Como deixas morrer de fome uma criança,
Auréola de luz, n'um céu todo esperança?

Tu que o bem semeaste, o bem que gera o amor;
Como a terra fértil que faz brotar a flor;

Que fazes temporal da brisa sussurrante,
Terrível furacão num rápido instante;

Tu que sabes fazer do nada vir à vida,
Tempestade, bonança e a criança mais querida;

Que tens força, senhor, p'ra tudo governar
Desde o céu azulado à imensidão do mar;

Que fazes vir do lodo a flor toda beleza,
O mais raro esplendor da vasta natureza;

Por que deixas então morrerem filhos teus,
Sem dar-lhes um abrigo, um só abrigo, Oh! Deus?

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos imortais!

A ti não chegam nunca os tormentosos ais,
Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves, não?
Responde-me Oh! Deus!

Tu que tens o poder de dominar o mundo,
Desde o azul infinito ao antro mais profundo;

Tu que acalmas o mar, convulsionado, enorme
No seu negro estertor, no seu bramir disforme;

Tu que fazes, Oh! Deus! rugir a tempestade
Levando o seu terror do Sertão à Cidade

Tu que és puro e perfeito, o ser santificado,
O maior e mais forte, Deus idolatrado

Por tudo o que há nascido à luz ideal da vida,

Desde a pomba ao chacal, da donzela à perdida;

Tu, Senhor, que possuis do bem a luz mais nobre,
Que tens por lema o amor, que alenta e ampara o pobre;

Que és a luz, que és o pão, que és amor, que és verdade,
Não ouves o chorar da mísera orfandade?

Tu que acalmas o vento e fazes a bonança,
Que transformas a fera, em terna pomba, mansa;

Como deixas assim sofrerem filhos teus
Sem dar-lhes um abrigo, um só abrigo, Oh! Deus!

A ti não chegam nunca os torturantes aís,
Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves não?
Responde-me, Oh! Deus!

Interminável dor. Martírio incomparável,
Sobre um povo caiu. Destino inexorável;

Angústia sem igual domina com terror,
Desde o rude carvalho à perfumosa flor.

Há lamentos de dor, magoados e sem fim,
Longos como o remorso eterno de Caim.

Em tudo há um lamentar profundo, uma agonia,
Tão triste como a dor pungente de Maria.

E de instante a instante um soluçar magoado,
Fraco como um gemido ao vento desolado,

Parece nos dizer: – “Alerta ó povo irmão!”
“Há quem junto de ti sem ter abrigo e pão”;

“Sem carinho e sem lar, sem leito e sem alento”,
“Morre a sede na estrada, em longo sofrimento”.

“Há filhos sem ter pai, sem mãe, sem um carinho”,
“Que os ampare e conforte em meio o atroz caminho”

“Que os leva para morte; há quem viva a chorar”,
“Sem ter quem os console e alento vá lhe dar”.

“Há quem chame por ti, quem peça com razão”,
“Um abrigo por Deus, chamando-te de irmão”.

Não há quem os ampare e nem quem os conforte,
Quem carinhos lhes dê, roubando-os à morte.

Não há quem tenha ouvido os ais tão lancinantes,
Que os mares percorrendo em rápidos instantes

Chegam junto de nós, dizendo-nos: “Irmãos,
Não temos luz, nem lar, nem temos pai, nem pão”

“Há quem morra de fome, há quem morra a clamar”
“Sem Mãe, sem Pai, sem Luz, sem Pão, sem Deus, sem
Lar.”



Eu era ainda criança e então falar ouvia,
De um povo que, de fome e sede, além morria.

Sem ter nem um socorro em tão cruel penar,
Muito embora pedisse, em pranto, a soluçar;

Uma esmola por Deus, por tudo, por Jesus,
Que, por nós padeceu nos braços duma cruz.

E esse brado, Senhor! depois de atroar na terra,

Depois de transportar montanhas, campos, serra,

Ao céu se dirigiu, mansão do azul, do bem,
Onde impera a verdade e a luz reinado tem.

E, no entanto, inda hoje, eu sinto o mesmo grito,
Que, debalde, ressoa às portas do infinito,

Em procura de um Deus. Debalde ele percorre
Durante a vida inteira, até que expira, morre,

Como um eco que parte a ressoar sozinho,
E perde-se depois na curva do caminho.

E Jesus ao morrer, Jesus, todo bondade,
Deixou-nos como guia a santa caridade.

O que não impede ver-se alguém morrer de fome,
Cansado de citar do bom Jesus, o nome.



Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos imortais!

A ti não chegam nunca os tormentosos ais,
Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves, não?
Responde-me, Oh! Deus!

Interminável dor. Martírio incomparável,
Sobre um povo caiu. Destino inexorável;

Angústia sem igual domina com terror,
Desde o rude carvalho à perfumosa flor.

Há lamentos de dor magoados e sem fim,
Longos como o remorso eterno de Caim.



Alastra-se a fome. Em doida romaria,
Num anseio febril, durante noite e dia,

A multidão faminta espavorida, vaga.

Mulheres a chorar. Famintas criancinhas
Ao regaço das mães, Implumes avezinhas,

Que o forte temporal jogou fora dos ninhos,
Pra morrerem de fome, expostas nos caminhos.

Faz pena ver o quadro angusto da miséria,
Espectros de gente em procissão funerária.

Todos levam na face a dor que sentem n'alma,
Tão longa e tão cruel que só com a morte, acalma.

Chorosos vêm surgir nos últimos olhares,
A rude decadência austera dos seus lares.

E assim errando vai a negra procissão,
Buscando ansiosa abrigo e procurando o pão.

Até da Capelinha o sino emudeceu,
E nunca mais se ouviu... e nunca mais... morreu,

Como o róseo porvir que perdeu a esperança;
Como em sonho o fantasma acordando a criança.

A planície é deserta e não têm vida as flores,
Dorme tudo envolvido em trágicos horrores.

A noite causa medo, é tétrica consorte,
Mensageira da dor, que traz consigo a morte.

E todos num lamento em prantos vão vagando,
De tudo maldizendo e a tudo abandonando.

E assim deserta fica aquela terra ingrata.
Onde mora a tristeza e o Sol castiga e mata.

Comove e faz chorar. Ninguém deles tem dó.
Na estrada a confundir-se em turbilhões de pó.

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos imortais!

A ti não chegam nunca os tormentosos ais,
Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves, não?
Responde-me, Oh! Deus!

Interminável dor. Martírio incomparável,
Sobre um povo caiu...

E tu, Senhor!
E tu, Oh! Deus!

Como deixas assim sem dar-lhes um abrigo,
Se deste-lhes, no entanto, o horror do teu castigo?

Como deixas, Senhor, sem pão sem lar, sem água,
Depois de tanta dor, de tão penosa mágoa?

Como deixas, Senhor?
Oh! Rei dos Reis, Oh! Deus!

Teu filho sofreu muito, eu sei, Senhor, sofreu,
Mas sempre teve o amparo, o doce amparo teu.

Pregado no madeiro ousado da tortura,
Era o mesmo Jesus, sempre amor e doçura.

Se ele os braços ligou na cruz do seu martírio,
Foi pra vir até nós, tão pura como um lírio,

A caridade santa, a caridade nobre,
Que alenta, santifica e abriga o infeliz pobre.

Teu filho sofreu muito, eu sei, Senhor, sofreu,
Mas sempre teve o amparo, o doce amparo teu.

Mas, esses ó Senhor! mas esses infelizes,
Que nem possuem sequer, duma árvore as raízes

Para a fome matar, são mais que desgraçados,
Pois nem merecem ser por ti, Senhor, perdoados.

Teu filho sempre teve até finda agonia,
O consolo de mãe, da virgem mãe Maria.

Nunca fome sentiu, pois dava ao povo irmão,
Em vez d'água o bom vinho, e repartia o pão.

Mas esses que de fome expiram nos caminhos,
Sem um alento ter, sem terem dos carinhos,

Que ao desgraçado alenta e suaviza a dor,
São infelizes, são, bem podes ver, Senhor.



Em doida romaria a triste multidão,
Corre em busca de abrigo a mendigar o pão.

Tudo é triste e sentido, em tudo há desalento,

Pois também é magoado o assobiar do vento.

Outrora aonde era extensa e verde a ramaria,
Hoje é longo deserto em languidez sombria.

Nunca mais teve flor nem folhas o arvoredor,
Nem se ouviu da avezinha o cântico sem medo.

Nunca mais uma flor surgiu naquela terra.
O campo é sem viço e sem poesia a serra.

Até o Sol a luz, tão santa, abençoada,
Tornou-se rude, má, por todos praguejada.

A seara é deserta, improdutiva, árida,
E nunca mais floriu; é seca, não tem vida.

Aonde em fonte pura a água docemente,
Deslizava a cantar, qual gigante serpente

Correndo tortuosa, em todo o matagal,
Divina se estendendo, ativa em seu caudal,

Dando vida e conforto as perfumosas flores;
Tornando-as mais sãs, mais cheias de esplendores;

É hoje terra nua, é terra seca, ardente,
Como os raios do Sol – cáustico inclemente.

Nunca mais se ouviu em meio dos caminhos,
O cântico feliz das aves nos seus ninhos.

Do tropeiro o cantar, saudoso, enamorado,
Transformou-se em gemido, em soluçar magoado

Em doida revoada os pássaros voaram.
Em procura de abrigo, e nunca mais voltaram

Àquela terra estéril, àquela terra ingrata,
Onde o solo é sem fruto e o Sol castiga e mata.

E assim de horror a horror, chorosos, tristes, vão
Fugindo à negra morte e procurando o pão.

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos imortais!

A ti não chegam nunca os lamentosos ais,
Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves, não?
Responde-me, Oh! Deus!

Infeliz ancião, que a dor audaz, vergara,
E o forte e ereto corpo em frágil lhe tornara;

Um velhinho, Senhor, na dor encanecido,
Que inda hoje maldiz do dia em que, nascido,

A luz do mundo viu. Fugitivo também,
Daquela região que só desgraças tem,

Um mísero infeliz que tem da vida horror,
Que inda hoje mendiga, em nome teu, Senhor;

Curvado em seu bordão, contara-me a chorar,
O dia em que partira abandonando o lar.

E sem sequer pensar na longa e tortuosa
Estrada que o esperava, infinda, dolorosa,

Abandonando tudo, e revestido em fê,
Juntou-se à multidão, marchando sempre a pé,

Na esperança de achar conforto e um seio amigo,
Que bondoso o dissesse: “Aqui terás abrigo!”

Qual náufrago que busca em meio ao oceano irado,
Ao menos uma palha, um corpo ao qual ligado,

A salvação encontre ou vá de encontro à morte,
Qual nau, sem leme e rumo e sem ter Sul, nem Norte,

Assim o desgraçado, o infeliz velhinho,
Abraçado à esposa e a mão dando ao netinho,

Partiu, depressa, ansioso, em busca de um conforto,
Que reviver pudesse o corpo seu já morto,

E vagou... e vagou... num Sol cruel, eterno,
Como as penas sem fim, de um tormentoso inferno

Além de tudo, a sede, a fome e a torturante,
Agonia que mata, aos poucos, num instante.

Não parava um momento, andava estrada a fora,
Desde a noite que cai, desde o ruivo da aurora.

E em vão, a ti, Senhor, em vão, ele implorava,
Alívio a sua dor, a dor que o torturava.

Mas, tu moras tão longe, oculto em tal distância
Que nunca poderás sentir, nem mesmo a infância,

Chamando-te a chorar; jamais ouvirás seu grito,
Tu que moras no azul longínquo do infinito,

Na pátria ideal do bem. Jamais, Senhor, jamais,
Da miséria da terra escutarás seus ais.

Em vão, Oh! Senhor Deus! chorando ele implorava,
Alívio a sua dor, à dor que o lacerava.

De cansaço e de fome, em meio do caminho

O velho viu morrer seu cândido netinho.

Afiado punhal rasgando-lhe o seio,
Não temeria nunca, e altivo, sem receio,

A dor suportaria, a enfrentá-la, forte,
Sorrindo com desdém, como a zombar da morte.

Mas, perder seu netinho, a cândida criança,
Aquele aurora em luz, promessas de esperança;

Era muito; e chorou; chorou sua alma, tudo
Na sua dor sem fim, no seu martírio mudo.

E abraçado ao corpito, endurecido, morto
Como quem quer dar vida, o céu olhando absorto;

Como quem julga ouvir dos anjos, o cantar,
Que tem todo o poder dos mortos acordar,

Clamou: “Oh! Senhor Deus! Oh! Deus dos imortais!
“A ti não chegam nunca os tormentosos ais”,

“Do sofrimento atroz dos pobres filhos teus?”
“Do céu não ouves, não? Responde-me, Oh! Deus.”

Mas, debalde pediu a desfazer-se em pranto,
Que lhe desse abrigo em teu divino manto.

Debalde, Oh! Deus, Senhor! Na aridez do deserto,
Nem sequer pode ouvir da sua voz o eco.

Pro netinho salvar, debalde buscaria,
Uma gota de orvalho em toda a mataria,

Espectros de mata, uns troncos ressequidos!
Tristes, como a saudade em fúnebres gemidos.

Aconchegando a esposa, andou vagando, errante,
Sem mais destino ter, mas, vendo a todo instante,

Morrer de fome alguém por todos os caminhos,
Aonde nunca mais pousaram passarinhos,

A cantar sobre a rama alegre como outrora,
Saudando o Sol que nasce, e bendizendo a aurora.



Alastra-se a fome. Em doida romaria,
Num anseio febril, durante noite e dia,

Faminta, vaga, errante, enorme multidão,
Buscando ansiosa abrigo e mendigando o pão.

De quando em quando um grito, um lamentar profundo,
Capaz de abrir a terra e comover o mundo,

Parte alado pro céu, julgando ser ouvido
Por ti, ó Senhor Deus que vives escondido,

Na santa vastidão do gigantesco azul.

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!

Não há quem tenha ouvido os ais tão lancinantes,
Que aos mares percorrendo em rápidos instantes

Chegam junto de nós, dizendo-nos: “Irmãos”,
“Não temos luz, nem lar, nem temos pai nem pão”.

“Há quem morra de fome, em pranto a suplicar”,
“Sem Mãe, sem Pai, sem Luz, sem Pão, sem Deus, sem
Lar.”



Há muito, ó Senhor Deus! que em pranto a soluçar,
Ao céu mandam seu grito, a fim de te acordar,

Na esperança feliz de dar-lhes um abrigo
Tu que tens o poder, que tens o amor contigo.

Esse brado depois de ressoar na terra,
Depois de transportar montanhas, campos, serra,

Sem nunca ouvido ser. Depois de se elevar,
Aqui, ali, além, constante ressoar,

Como um eco que parte a vaguear sozinho,
Perde-se, Oh! Deus, Senhor, na curva do caminho,

Sem nunca ter chegado a ti, Senhor, Oh! Deus!
Um gemido sequer, dos pobres filhos teus.

FIM

Reminiscências

(incompleto)

Sábado de Passos

Para o dr. Diniz Júnior

Meu Deus! Que diferença eu vejo em tudo agora
Dos tempos sem iguais que muito longe vão!
– Como é alegre o povo!... Já ninguém mais chora
Quando passa o Senhor, tristonho, em procissão!

A própria voz do Sino é rude, é insonora.
– Eco que vibra em louca confusão!
Já ninguém sente mais, na rua que se enflora,
Cheirinho de alecrim... de flor... manjerição!

Antigamente, sim! Era bonito e triste!
Quando o Senhor deixava a branca Capelinha
Nessa festa de dor que a gente muda assiste.

O Sino lá do alto a todos parecia.
Rezar constantemente a santa Ladainha.
Dos encantos sem fim do respeitoso dia.

Domingo de Passos

Para o álbum de minha madrinha Maria Villela

Como eu me lembro bem!... Mamãe era a doceira
De todas a melhor que havia na cidade.
Era ela quem fazia, alegre e bem ligeira,
As amêndoas da festa, a mando da Irmandade.

De tarde, assim que ouvia o sino em choradeira
Gemendo sem cessar seus salmos de saudade,
Com o seu vestido novo e quase que faceira,
Feliz ela esperava, em doida ansiedade

À volta do Senhor da sua adoração,
Que inúmeros fiéis, com fé, reconduziam
À sua Capelinha em linda procissão.

Mas quando o santo vinha, assim, defronte à porta.
– No xale que ela usava as lágrimas caíam
– Como as folhas que caem de uma roseira morta.

Noite de Natal

Para meu filho Nelson

Na crença que Noel gostasse das crianças,
Conforme ainda hoje conta a velha tradição,
Na noite de Natal, repleto de esperanças,
Eu ia colocar num canto do fogão

Meu velho chinelinho; e as horas longas... mansas
Da noite de alegria, encanto e devoção,
Passavam como passa em mares de bonanças,
A nau que mal se move ao vir da viração,

Dormir, nem um instante; e assim que clareava,
Contente eu ia ver meu rico chinelinho
Que sem presente algum no mesmo canto estava.

– Vovó, p’ra me iludir, com voz penalizada
Dizia como sempre – “Escuta meu netinho,
Noel para a pobreza este ano não deu nada”.

Domingo de Ramos

Na Missa, antigamente, que respeito!...

Que silêncio no povo que a assistia!...

Durante os seus mistérios, mãos ao peito

Rezava em meia voz, – a *Ave Maria*.

Depois, o Padre, um bom velhinho, o eleito

Para tudo fazer no santo dia,

Pegava então as palmas, crente e a jeito.

E, uma a uma, e cantar, todas benzia.

– Naquele tempo havia devoção!

Ninguém se retirava da Capela

Sem levar uma palma em cada mão.

E que palma!... Tão santa e abençoada,

Que se usava queimá-la à luz da vela,

Para fazer calmar a trovoadas.

A irmã Tereza

Na luz do seu olhar tão cheio de piedade,
Via-se refletir a dor que a compungia
Na vida suportara a mais cruel saudade,
Que igual um coração jamais suportaria.

Um dia se fizera Irmã de Caridade
Trocando por Tereza o nome de Maria
Chorando sepultura a flor da mocidade
Sob o negro sem fim do manto que a envolvia.

Depois, lá da muralha esguia do Convento,
Tão grande como a dor sem fim que a consumira
E que dava a sua alma o horror do isolamento,

Olhava o velho mar nos seus frementes ais,
Buscando ver se via a nau em que partira
– O noivo que se fora e não voltara mais.

No consultório

Mas, Doutor, essa tosse... o sangue e... a falta de ar,
São males, a meu ver, que nunca mais tem cura.
Vejo a morte a sorrir, de mim se aproximar
E aberta vejo perto a minha sepultura

Divirta-se bastante e esquece tal pensar
“Vinte e um anos é a vida em plena construtura.
Olhe! a noite, na esquina, é a clara luz do luar,
Um Trovador feliz, em voz possante e pura”

“Canta tanto!... e tão bem! Imita-o por piedade!
Pois assim há de ver em pouco suplantado
O mal que diz minar-lhe a flor da mocidade”

– Imaginem vocês o sofrimento meu,
– A sentença de morte... o Médico enganado...
Fui eu que andei cantando. O Trovador sou Eu.

Tia Chica (Fogueira de S. Pedro)

Para o amigo Etucildes Negrão

Jamais pude esquecer!... Qual divinal Trindade,
Da Fogueira fitando o fumo esgazeado,
Duas velhas e um velho. Um bloco de saudades
Invocando, entre si, venturas do passado

A primeira a falar foi dona Soledade,
Que era irmã do Vigário, o Padre Romualdo.
- Desesperos de amor... desilusões... vaidade...
Tudo ali foi por ela aos poucos relatado.

Depois, o seu Tomaz com voz meio cansada
Também disse o que foi, amaldiçoando o ocaso
De uma vida sem sol já sem calor... sem nada.

E quando ele baixinho a história terminou,
Tia Chica também nos quis contar seu caso,
Mas... não pode falar... o pranto não deixou.

Transviada

Dizem que em ti, que em todo esse teu lindo porte.

Realça o que de mal existe à luz da vida.

Que n'alma dás abrigo à trágica coorte

Dos crimes onde a dor é lei nunca vencida,

Que até no teu olhar fulgura o impulso forte

da vida a que te impões; da qual serás punida.

Que renegaste Deus; que insultas rindo a morte

Ultrapassando vaidosa, a sã moral querida.

No entanto ao ver o afeto em tudo abençoado

Com que trazes contigo o filho inocentinho

Cujo pai dizes ser um homem ignorado.

Maldigo a Sociedade, a vil, que a tanto quer,

Que lança sobre ti seu riso de escarninho,

Esquecendo que és mãe, que amaste e... que és Mulher

O primeiro defunto

Bem junto da casinha onde eu então morava,
Morrera, certo dia, o seu Joaquim Leonel,
Um pardo reformado e que negociava,
Com frutos, mel de abelha e sacos de papel.

Eu era ainda rapaz. Na sala onde ele estava
Com seu velho fardão de bravo coronel,
Repercutia fundo a prece que rezava
O Padre João Bernardo, o Cura do quartel.

Encomendando o morto, o padre e o sacristão
Saíram porta afora, e, o preto José Flores,
Chorando pôs a jeito a tampa do caixão.

Tudo isso eu assisti. Depois, apavorado,
Em casa, a noite inteira, a medo e com tremores,
Em todo o canto eu via um coronel fardado

Procissão do Senhor Morto

Mamãe quando não ia à Santa Procissão,
O que ela acreditava um crime, uma heresia,
Mandava a ‘Sinhá’ Rosa, a avó do Julião,
Que me levasse à festa em sua companhia.

E, eu, ante o rumor do povo, que seguia
O enterro do Senhor, deitado em seu caixão.
Com medo de perdê-la, agarradinho eu ia
No seu vestido preto e velho de fustão.

De alguma coisa ainda hoje, e cheio de saudade,
Eu me recordo bem: – Na frente o seu Tomás,
Um velho que era tido o exemplo da bondade.

Tocava uma matraca. E o seu Bartolomeu,
Por causa de promessa e outras coisas mais,
Ia atrás do caixão vestido de Judeu...

Finados

Criança e pela mão de crença muito antiga.
Coroas de papel, medroso e comovido,
Eu ia colocar na cruz tristonha e amiga,
De um morto que nem mesmo eu tinha conhecido.

Depois, já moço, então, na quadra em que se abriga
Do nosso ser de luz, um ser desconhecido,
Eu ria dessa cruz que a tradição obriga
A resguardar um corpo há muito apodrecido.

Mas, hoje, Deus do Céu!... Que diferença em tudo!...
Sem rir e sem chorar, sem gosto e sem fala,
Vencido e já cansado, espavorido e mudo,

Eu vou, mas, pela mão de tremula saudade,
A ler de cruz em cruz, qual delas assinala,
A Campa onde dormita a minha mocidade.

Sexta-Feira Santa

Talvez que fosse assim, magoado, entristecido,
O dia em que morreu Jesus, o Redentor;
Talvez que o próprio sol se houvesse escurecido
Curvado sob o peso atroz de tanto horror;

Talvez; mas, eu não creio, embora a natureza
Chorasse e ainda chore o crime universal.
Não creio mesmo vendo em toda essa tristeza
A mágoa que, sem fim, jamais encontra igual;

Não creio, embora a dor de Cristo em seu fadário
Fizesse estremecer a terra, o céu e o mundo,
Ruindo em desespero as pedras do Calvário.

Para mim, o que ofuscou o sol no augusto dia,
Foi ver aos pés de Cristo, exausto, moribundo
Transformava-se em flor, o pranto de Maria.

Torradinho

O inverno era cruel. A noite escura e fria.
Mamãe que do bom Deus tem hoje a eterna unção,
Me agasalhando bem, baixinho me dizia:
– Em casa falta tudo. O açúcar... lenha... o pão...

Tem paciência! ... Vai! O vento parecia
Querer tudo arrasar. Naquela escuridão,
Criança, vacilante e apavorado, eu ia,
Sozinho e sem que alguém me guiasse pela mão.

Tristeza não ter pai! Deserto era o caminho.
E, para suavizar do medo os mil tormentos,
Sem ver ninguém gritava: – O moço!... Torradinho?!...

Debalde! Tudo em vão – À luz de uma candeia,
Naquela noite triste e cheia de lamentos,
– Mamãe e todos nós fomos dormir sem ceia

Não te esqueças

Ela há de perguntar se alegre ainda hoje eu canto
E faço, como outrora, aquelas serenatas,
Que ricas de virtudes e fortes de volatas
A fiz ouvir no tempo em que era o meu encanto.

Dirá também, eu sei, que em convulsivo pranto,
Que em lágrimas de dor, do sofrimento natas.
Jamais pudera ouvir cândidas sonatas
Que mais ela gostava e que as queria tanto.

E, tu, depois de ouvir-lhe a voz toda veludo,
A mesma que me fez, mocinho, bem criança,
Jogar-lhe aos pés a lira de poeta... tudo,

Responde-lhe assim: Compreenda se quiser:
– É o mesmo trovador, e às vezes por vingança,
– Maldiz, e com desdém, um nome de Mulher.

Flor Preta

Quase sempre de noite, a minha Avó Geralda,
Que o sofrer conhecia em toda a sua escola,
Com linguagem singela, humilde e abençoada;
Sem o rasgo da frase e o requintar da fala.

Contava-me, saudosa, a historia já passada,
Em que ela como moça era o encantar da sala;
A deusa que se impunha, a única adorada
Nos bailes da fazenda, em meio da Senzala.

E, para bem provar o que me relatava,
Contente como nunca, a boa da pretinha,
Sem recear censura e, a requebrar, dançava

Com o mesmo gosto e jeito e a mesma sensação,
Que a fez ser na Senzala, em tempos de mocinha,
- A flor de mais destaque em plena escravidão.

Violão

Ainda hoje, mesmo velho e quase já vencido,
Se escuto o teu planger, de noite, em mortas horas,
Eu fico na incerteza... em ânsias... iludido...
Se tu cantas cantando ou se cantando choras...

Eu sei que também tu, como eu, já tens sofrido
A dor que a alma destrói, a qual não ignoras;
Que cantas num lamento e acordas num gemido,
As santas ilusões que n'alma tens, que adoras.

No entanto, noto em ti que quanto mais antigo
Tu ficas nessa vida ideal de andar sonhando,
Mais doce é o teu cantar, meu divinal amigo.

Mas, que destino atroz!... Como eu triste o deploro!...
– Em busca de ilusões tu vens sempre cantando,
– Por tê-las já perdido, eu não mais canto... choro.

A Corcundinha

Ante o riso da turba hostil e inconsciente,
Alheia ao pranto, à mágoa, ao sofrimento e à dor,
Tristonha ela transita e finge que não sente
O desprezo e o desdém que a envolvem com rancor.

E sob a crueldade atroz de toda gente,
Olhos fitos no chão, vencidos de pavor,
Isolada ela passa, a tudo indiferente,
Por ver em tudo o escárnio a lhe causar horror.

Mas quando a vejo assim, zombada e escarnecida
Pelo povo que, rindo, a própria dor engana,
Baixinho diz minha alma, em que prantos, comovida:

- Não te queixes da sorte a qual te foi mesquinha,
 - Quanto mais te escarnece a impiedade humana,
- Mais eu gosto de ti, formosa Corcundinha.

A curandeira

Embora já contasse os seus oitenta e tantos,
A dona Zeferina, a mãe do Zé Ventura,
Curava nervo torto, olhados-maus, quebrantos,
Exume, erisipela, insônia e rendidura.

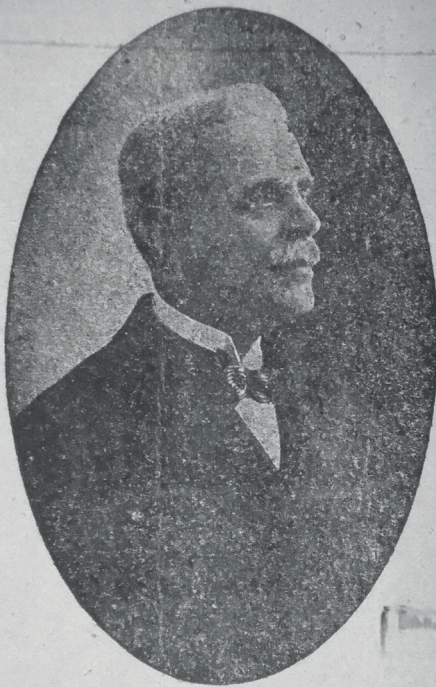
E, assim, mostrando ao mundo os seus raros encantos,
Os dons que deus cedera a sua alma humilde e pura,
Fez coisas do outro mundo, e causou mesmo espantos,
Curando um aleijão com simples benzedura.

Mas, tudo tem seu fim! De febre má, ferina,
Depois da confissão, do Santo Sacramento,
Morreu sem um gemido a dona Zeferina.

Jamais pude esquecer o enterro da velhinha:
– Toda a gente chorava, e o Padre Livramento
Cantava, mas, tristonho, a santa Ladainha.

MINHA TERRA

Commemorando a inauguração da Ponte "HERCILLO LUZ,"
e rendendo uma palida homenagem ao seu grande realizador.



EXPOENTE MAXIMO DO PROGRESSO CATHARINENSE

TRAVANO MARGARIDA

Minha Terra

Comemorando a inauguração da Ponte Hercílio Luz
e rendendo uma pálida homenagem a seu grande
idealizador

1926

Feliz quem é desta terra,
A flor mais bela do Sul.
Onde o mar tem por dossel,
Lindo Céu de eterno azul.

Da terra berço de heróis,
D'entre todas, a divina.
Feliz quem é desta terra,
Desta Princesa Sulina.

Terra em que as aves em bando,
Do mar ouvindo os rumores,
Mostram a praia almejada,
Aos ousados pescadores,

E, depois, num vôo altivo,
Que delas é a realeza,
Mais variada e mais linda,
Tornam sua natureza.

Terra em que Deus com carinho,
Com paciência sem fim,
Dela fez seu paraíso,
Um majestoso Jardim,

De onde se vê toda a noite,
Brilhar a luz do Cruzeiro,
Que é de todo o vasto Sul,
O fanal mais verdadeiro.

Feliz quem é desta terra,
Toda de encanto e realeza,
Que de Deus soube alcançar,
Tudo que há de beleza.

Que lhe deu formosas praias,
Quais sentinelas do mar,
Deu-lhe o perfume das flores,

Terra e Céu a embalsamar.

Deu-lhe o cicio da brisa,
E o vendaval sem rancor,
Tudo o que é nobre e o que é santo,
E as suas bênçãos de amor.

Feliz quem é desta terra,
A flor mais bela do Sul.
Onde o mar tem por dossel,
Lindo céu de eterno azul.

Onde o vento agita e rouba,
A branca areia da praia,
Na qual a onda raivosa,
O dorso atira e desmaia.

Que tem rica a natureza
E que em tudo há esplendor,
Feliz quem é desta terra,
Deste encantado primor.

Feliz quem é desta terra,
Cheia de encantos sem fim,
Que se orgulha em ter por filhos,
Vultos como o Irmão Joaquim.

Que vê coberto de louros,
Todo o seu belo passado.
Que entre os heróis brasileiros,
Conta o seu filho – Machado.

Que em Meirelles o grande e nobre artista,
De todos, o maior, o genial,
Vê a glória que encanta e que deslumbra,
A glória que suplanta sem igual.

Em Delfino o cantor tão mavioso,

Almas das almas meigas e louças,
Tem do verso a riqueza que arrebatava,
No Trio primoroso – As três irmãs.

Conta ainda outra glória fulgurante,
Cujo brilho ofuscar-lhe ninguém ousa.
– O grande simbolista e ativo artista,
– O Príncipe do verso – Cruz e Sousa.

Orgulhosa de filhos tão ilustres,
Que alcançaram o brasão dos imortais,
Tem ainda o Araújo Figueiredo,
O maior dos poetas atuais.

O poeta da dor, do sentimento,
Da Fé, da Compaixão, e da Piedade.
O sublime cantor das tradições,
– O poeta das “Praias” da “Saudade”.

E de outras glórias mais ainda se ufana,
Minha terra querida e hospitaleira.
– A cantora dos “Lizes” e “Martírios”,
A Poetiza Delminda da Silveira.

Feliz quem é desta terra,
A flor mais bela do Sul.
Onde o mar tem por dossel,
Lindo Céu de eterno azul.

E se orgulha também a minha terra,
De possuir os profundos professores,
Que à nova geração ativos guiam,
No caminho das letras, todo em flores.

Barreiros, o vernáculo e o Poeta
“Das mãos”, “Pandorgas” e “Figuinhas d’ouro”;
Artista do real, dono do verso,
Que nele encontra todo o seu tesouro.

Altino o Polemista incontestável,
O crítico de escol e prosador.
Cujo nome nas letras desta terra,
Já firmou sua glória e seu fulgor.

Na imprensa do País que luta e vence,
Também conta um notável pugilista.
– Dinis Júnior, talento que fulgura,
Na difícil missão de jornalista.

No Clero que é por todos respeitado,
Cheio de bênçãos, paz, todo louvores,
Vê um filho que a eleva e que a enaltece,
João Leite, o maior dos oradores.

No Exército de feitos tão gloriosos.
Que em nome conquistou o mundo inteiro,
Tem o exemplo do bravo e do ilustrado;
Do honrado Nestor Passos – o Engenheiro.

Como estadista eminente,
Conta um valor sem igual.
– Lauro Müller que se há feito,
Uma glória Nacional.

Em político sem jaça,
Mui digno de que se imite,
Lembra orgulhosa o seu filho,
– O intransigente Schmidt.

Na armada, que no estrangeiro
Honra o Pendão Santa Cruz,
Tem com destaque e relevo
Arnaldo Pinto da Luz.

Também lembra, feliz, Adolpho Konder
Que por ser um seu filho ainda criança

É do povo que o quer, que já o adora,
Novo astro a brilhar – sua esperança.

Por isso, confiante em seu talento,
No seu novo ideal tão belo e puro,
Vê fulgir muito além a santa estrela,
Da grandeza sem fim do seu futuro.

E ainda Vidal Ramos, que escudado
Nos sentimentos nobres da razão,
Fez surgir como um Sol em todo o Estado,
A luz bendita e santa da Instrução.

E muitos outros filhos conta ainda,
Cujos nomes lhes servem de riqueza.
Astros de eterno brilho em pátrio Céu,
Sem iguais no fulgor e na grandeza.

Astros que entre os demais fulguram tanto,
Tamanha é a luz e tão divina,
Que ao vê-los dizem logo – Os esplendores,
– As riquezas de Santa Catharina.

Feliz quem é desta terra,
A flor mais bela do Sul.
Onde o mar tem por dossel,
Lindo Céu de eterno azul.

Terra que é toda a beleza,
Que tem do progresso a flux,
Que também serviu de berço,
Ao saudoso Hercílio Luz.

Hercílio Luz, cujo nome,
Grande glória em si encerra.
Hercílio Luz, o maior
Estadista desta terra.

Que tinha no coração,
Que tantos dotes lhe deu,
De um lado toda a família,
D'outro a terra em que nasceu.

E, por isso com denodo,
Num trabalhar incessante,
Colocou-a entre as maiores,
De futuro a mais radiante.

Deu-lhe estradas amplas, longas,
Praças, Jardins, Avenida.
Tudo fazendo, feliz,
Por sua terra querida

Hercílio Luz, que num gesto,
Comum aos homens de ação,
Prometeu realizar,
Do seu povo a inspiração,

Prometeu e realizou.
Lutando altivo e valente,
Conseguiu ligar p'ra sempre,
Capital e o Continente.

Conseguiu realizar,
Tudo o que os outros sonharam,
Que os terríveis pessimistas,
Sempre, sempre duvidaram.

Num abraço de gigante
De eterna fraternidade,
Do Estreito suplantou,
– Distância e profundidade.

Para a glória do seu nome,
Que forte ecoa no espaço,
Tem a grandeza da Ponte,

Eterno gigante d' aço.

E por isso o povo inteiro,
Hoje freme de alegria.
Cantando a sua memória,
Hinos de luz, de harmonia.

Louvando o seu grande nome,
Imperecível que vence,
E que há de encher de mais brilho,
A História Catarinense.

Feliz quem é desta terra,
A flor mais bela do Sul,
Onde o mar tem por dossel,
Lindo Céu de eterno azul,

Terra de encantos, grandeza,
Que só belezas traduz;
Que sentida chora a perda
Do seu filho Hercílio Luz.

Salve Hercílio! Oh! Destemido!
Alma de herói! Alma d' aço!
Da tua querida terra,
Recebe um saudoso abraço.

Abraço de comoção,
De verdade e sentimento,
Abraço que em si traduz,
Feliz reconhecimento.

Feliz quem é desta terra
A flor mais bela do Sul
Onde o mar tem por dossel,
Lindo Céu de eterno azul.

FIM

Carnaval

Canções carnavalescas

1930

PREÇO 1\$000

CARNAVAL

DE

FLORIANOPOLIS

EM

1930

CANÇÕES CARNAVALESCAS

POR

TRAJANO MARGARIDA



11-122

e

ULDT"

1930

Morto mesmo...

Quando eu já estiver morrendo,
Na minha última agonia,
Quero ouvir do Carnaval
Seus batuques de arrelia.

CORO

Pois lá no céu
Que não há mal,
também terá
Seu Carnaval.

Como ultimo conforto,
Em lugar da confissão
Quero ouvir toda negrada
Requebrando num cordão.

Quando eu for p'ro cemitério,
Deitadinho num caixão,
Quero ser acompanhado
Por um Bloco ou um Cordão.

Nem mesmo assim

O Raimundo, que andava atrapalhado,
Sem dinheiro e sem roupa, pobretão,
Teve um dia a ideia, um lindo achado,
Comprar roupa fiado, em condição.

Muitos ternos comprou. Mas, o coitado
Fica a morrer de forte indigestão,
E, por isso não pôde em tempo dado,
Satisfazer nem uma prestação.

Agoniza o Raimundo. Está sem fala.
Em todos reina o pranto e o desconforto,
Quando grita um dos filhos lá da sala:

– Ó mamãe!... Ó mamãe!... tem gente aqui!
Nisso, diz o Raimundo quase morto:
– Se for o Prestação, diz que eu morri.

Nosso gozo

Nesta vida em que a tristeza
Faz a gente envelhecer,
Carnaval é o lenitivo,
Sol do encanto e do prazer.

CORO

Por isso então,
Num gozo ideal,
Gozar queremos
O Carnaval.

Quem nasceu na terra santa,
Do Brasil encantador,
De pequeno sente n'alma,
Da alegria o resplendor.

Brasileiro quando nasce
Da alegria nasce eleito.
De gozar nunca se cansa,
Pois o bom já nasce feito.

Nos festejos a seu Momo,
Sempre velho e prazenteiro,
Em prazer ninguém se iguala
Ao que sente o brasileiro.

Nota da organização: na edição da Folha Nova, de 03 de março de 1930, os versos foram publicados com a seguinte introdução: “Seguem interessantes versos que foram cantados pelos componentes do apreciado bloco Tira Mão [...] Letra de Trajano Margarida e música do Sargento Procópio Wagner.”

A confissão de Arlequim

– Pequei bondoso Padre, eu sei, grande é o meu crime
E, o remorso cruel que da alma não me sai,
– A confissão do mal, irmão, o mal redime.
Não negueis vossa culpa, em alta voz falai!

– Durante o Carnaval, que só loucura exprime,
Beijei Arlequinete. Oh! Céus! Oh! Deus! Perdoai!
– Da santa lei do amor, ninguém, ninguém se exime,
Estais perdoado irmão, em nome de Deus Pai.

E ao vê-lo já distante, o velho confessor
Que as almas dá o amparo, alento, salva e cura,
Ante o Cristo falou: – Perdoa-lhe, Senhor!

Não sei por que se diz tão criminoso assim!
No entanto eu o absolvo e invejo-lhe a ventura,
De andar quando lhe apraz, vestido de Arlequim.

Sertanejas

Somos nós todo o encanto,
Tudo em nós é sedução,
Ao nos verem, gritam logo:
– Lindas flores do Sertão.

Coro

Por isso, alegres,
Sempre a cantar,
No Carnaval
Viemos gozar.

Quando nasce a madrugada
Com seu luzente clarão,
Antes de tudo, da vida
As roseiras do Sertão.

A lua só tem beleza,
Tem encanto e tentação,
Quando banha venturosa,
As tristezas do Sertão.

Tico-tico quando canta,
No seu canto de oração,
Diz aos outros passarinhos;
– Viva as filhas do Sertão.

Carnaval

A ventura mais falsa que sentimos,
Que mais ilude o homem nesta vida;
É aquela que sonhamos que a fruimos;
Que anda sempre de encantos revestida.

É aquela que ante as dores que curtimos,
Na fúria que a domina, enraivecida;
Rindo destrói o pouco que possuimos
Da esperança que em nós já foi nascida.

É aquela que só quer que o nosso mal,
Nossa angústia, martírio e nossa mágoa,
Morram quando é nascido o Carnaval;

Que esquece ser as suas vis loucuras
Três dias tão somente: – Gotas d'água,
Num gigante oceano de amarguras.

Viva quem goza

Moreninha, quebra, quebra,
Como estou quebrando agora
Aproveita, o Carnaval
Passa logo e vai embora.

Coro

Vem moreninha
Que não faz mal,
Vamos gozar
O Carnaval.

Quem é velho e já cansado,
Cheio mesmo de arrelia,
Com saudade do passado,
Também quebra neste dia.

Quem alegre for na vida
E feliz souber gozar,
Um instante só não deixa,
De mexer e de quebrar.

Minha gente, todos quebram
Como estou quebrando agora.
Aproveitem, que o Deus Momo
Passa logo e vai embora.

Ilusões de Pierrot

Loucura, meu Pierrot. Tudo simples loucura
Querer que a másc'ra esconda assim, só por momentos,
Tudo quanto a tua alma acolhe de amargura,
De magoas, de ilusão, de angústias e tormentos.

De coisa alguma vale a artística pintura
Que te faz esquecer dos rudes sofrimentos.
Sem másc'ra é que se vê a forte construtura
Dos que sabem vencer sem loucos fingimentos.

Passado o Carnaval, seus três ruidosos dias,
Com mais veemência então irás te aprofundando
No tenebroso mar, no mar das agonias.

Faz como eu, ó, Pierrot! Tira essa máscara, tira!
– Eu que sempre lutei e ainda estou lutando,
Nunca pus sobre o rosto a másc'ra da mentira.

Eterno gozo

Não há nada neste mundo
Que suplante esta alegria,
Que sentimos dentro d'alma.
Neste tão ruidoso dia.

Coro

Que seja eterno,
O nosso mal.
Que nunca morra,
O Carnaval.

Pensa a gente ser a vida,
Manso lago de esplendores
Ante o Momo a gente esquece.
Até mesmo os dissabores.

Para as mágoas desta vida,
Que torturam sem cessar.
Criou Deus esta folia,
Que tem tudo de encantar.

São três dias de venturas,
Que esperamos com saudade,
Que transformam em alegria,
Desde o Sertão à Cidade.

Se houver quem neste dia.
Não demonstre o seu prazer,
E que vive sem ventura,
– Deve pois logo morrer.

Alvorada do Sertão

Música do maestro Pedro N. Pavão

Estava escura, bem escura a madrugada,
Nem uma estrela a gente via
Por causa da escuridão.
Tudo era triste e tudo triste repousava,
Tudo, tudo dormitava
Em derredor do Sertão.

Nem mesmo a luz de um vaga-lume iluminava
O negror daquela noite
Que gelava o coração.
Parece até que a morte tinha devastado
Tudo o que fora criado
Para o encanto do Sertão.

Mas, nesse instante, da casinha onde ela mora,
Eis que se abre uma janela
Do seu quarto de oração:
De alegria fiquei como alucinado:
Ela tinha despertado,
E, com ela o meu Sertão.

Quando ela veio e debruçou-se na janela,
Surgiu rindo a madrugada
Com seu límpido clarão.
O passaredo deixou logo de ser mudo,
Pois com ela surgiu tudo
Que dormia no Sertão.

Bendito seja quem lhe deu o ser na vida
E criou nos olhos dela
Tanta luz e sedução.
Bendito seja quem lhe deu tão lindo encanto
Quem lhe pôs o nome santo

Brack

Poemeto
por Trajano Margarida

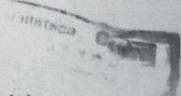
1936

== B R A C K ==

⇒ P O E M E T O ⇐

== P O R ==

TRAJANO MARGARIDA



01816.4/-1
7b

FLORIANOPOLIS

1 9 3 6

Sem jamais invejar Artistas que os possuíram,
Que os cantaram na Lira em rimas de emoção,
E, sem mesmo invejar o amor que eles sentiram...
Como um homem qualquer, eu também tenho um
Cão.

Um bonito exemplar, um cão de alto destaque,
Perdigueiro da gema, e, que se chama “Brack”.

Não é ele um “Fiel”, nem tampouco um “Veludo”,
E, também para ter intrínseco valor,
Nunca andou pela praia a procurar sisudo,
“Corrente com Medalha” ou “Gorros de Pintor”.
Nunca andou a fazer sucesso em Picadeiro,
Provocando vaidoso, o gargalhar humano.
É um simples cão de raça, um belo Perdigueiro,
– Que me deu um amigo há pouco mais de um ano

Por ser bom, muito meigo, humilde e ser mansinho,
E, por nunca brigar com os cães da vizinhança,
Muitas vezes o deixo a solta no caminho,
Sem temer que ele avance ou morda uma criança.
E, por isso, depois que o tenho ao meu cuidado,
É que pude saber que em toda a criação,
Há uma luz que a transforma em Templo abençoado,
Luz que aclara, que aquece e chama-se – Razão.
Que em tudo isso que eu vejo e que palpita e sente,
Deus deixou como herança, o amor eterno, igual,
– Dando para a alma humana a mesma luz fulgente
– Que ilumina também, uma alma de animal.

Que tudo isso que prende os pensamentos meus,
Tudo teve um princípio, uma só causa... Deus!

Acredito não tenha o meu bom Perdigueiro,
O falado conceito e os dotes de um “Veludo”,
Que fugido de um mar raivoso, traiçoeiro,
Foi morrer junto ao algoz, a quem perdoou tudo.

Creio mesmo não tenha a rara inteligência,
Do outro cão, o “Fiel”, que embora a sua dor,
Mostrou ter dentro d’alma a máxima indulgência,
Em salvando ao morrer, o “Gorro do Pintor”.

Pode nada possuir meu belo cão de raça!
Mas, de todos que eu sei, que existem na cidade,
Um não há, que, como ele, abrigue n’alma a graça,
De saber como é bom fazer a caridade.

Para bem demonstrar os rasgos invejáveis
Que ele tem em favor dos outros cães magrinhos,
Que famintos, sem dono, e, como indesejáveis
Morrem às vezes de sede e fome nos caminhos;
Demonstrando o valor da sua alma amiga e boa,
Que em pureza jamais encontra semelhante,
Contarei o que fez a um cão pequeno, à toa,
Que da raça se fez, o seu “Judeu Errante”.

Uma tarde, e quando ele estava calmamente
Em completo repouso, após haver jantado.
Num momento notou, que, muito e atentamente,
O espiava de longe, a medo e admirado,
Um pequeno cãozinho.
Um mísero indigente,
Que faminto talvez, cavasse em algum monturo,
Na esperança de achar perdido pelo chão,
Mesmo cheio de pó, bastante velho, duro,
Um pedaço de carne ou pedaço de pão,
Um cãozinho infeliz que teve a triste sina,

De não ter um Senhor, que, piedoso e amigo,
Conhecesse a Lei que a todos nós ensina
A fazer d'alma um manto, a fazer d'alma abrigo.
Um coitado que andava a revirar ansioso,
Os monturos de lixo expostos pela rua.
Tão magrinho e infeliz, tão triste e desditoso,
Que da fome sentia o frio n'alma nua.
É por isso, invejoso, o faro ativo, esperto,
Esquecendo da vida o fragor da ironia,
Vendo o meu gordo cão, talvez que assim pensasse:
– Um irmão tão feliz, tão farto e ali tão perto
– Dessa minha desgraça atroz de todo o dia.
Duplamente a sofrer, resignado e triste,
Parecia uma estátua o pobre animalzinho
Que não só tinha a dor que à fome sempre assiste,
Como tinha também, pedradas no caminho.

E o meu cão sem fazer um gesto indelicado,
Qualquer rasgo genial de insólita bravura,
Meigamente o fitou. Depois, como elevado
Por um novo sentir da sua alma meiga, pura;
Como quem pelo amor age feliz, vencido,
Ante o pobre animal que a própria dor consome,
– Deixa um osso cair – e, fica convencido,
De que deu sem vaidade o pão que mata a fome.
E, depois, sempre olhando o pobre animalzinho,
Como quem por ser bom, ao sofredor consola,
Disse coisas sem fim, mas, sem falar, baixinho,
Sobre o pouco valor da sua parca esmola.

E, talvez se mostrasse, e, mesmo bem sentido,
 Dos horrores sem fim do seu sofrer insano.
– O que disse não sei. Não foi compreendido,
 Como nunca há de ser pelo saber humano.

Sei que muito lhe disse, e sem palavras, mudo,
 Na expressão desse olhar que sem falar diz tudo,

Sobre o que ele falou, ainda hoje estou pensando.
 Disse muito, porque, o infeliz cãozinho,
Tendo o osso na boca, a passos e chorando,
 Lá se foi a perder na curva do caminho.

E, o meu “Brack”, ao voltar, cabeça baixa, lento,
 Tinha tanta expressão da sua oculta mágoa,
E tão grande era a dor do seu cruel tormento...
 – Que os dois olhos, eu vi, trazia rasos d’água.

Paz

1936

P a z

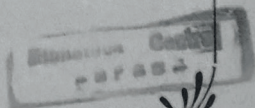


Trajano Margarida

- Florianopolis -

Imprensa Oficial

—1936—



16.4)-1

42

À mulher catarinense

Para vós, em cuja alma intacta amparais
As tradições da Fé, carinho e da bondade,
Que abençoada e pura, o belo conservais
Sob o amparo de luz, da excelsa divindade;

Para vós, que em virtude e amor bem igualais
À divina Maria, – o Sol da castidade,
E, que n'alma feliz, ditosa entronizais
Tudo quanto Deus fez de puro e de verdade,

Escrevi este Livro, é uma lembrança minha.
Pois ditou-o minha alma onde a cantar realça
Vossa imagem de Mãe, Mulher e de Rainha.

Escrevi para vós, e, aos vossos pés deponho.
Oferenda de amor, de adoração e graça
A quem, bem eu não sei, se ainda é mulher ou sonho.

Paz

Do austero Corcovado onde o puseram um dia
Simbolizando a paz de um povo que o queria
 No seu amor sem fim.
Jesus ante o terror da luta desumana
Que envolve o mundo inteiro em tenebrosa chama
 Dirá, chorando, assim:

“Meu Pai! quanta tristeza eu vejo em tudo agora!
Desde que a noite desce até o surgir da aurora
 Só vejo mágoa e pranto.
Na terra, amado Pai! que eu quero e amo ainda.
Só vejo o sangue e a dor da luta que não finda
 E que me ofende tanto.”

“Do alto deste monte, onde eu vivo esquecido,
Debalde aos filhos teus. Senhor, tenho pedido
 Que se unam pela paz.
Que cesse, por teu nome, a luta que os definha,
Que cantem como irmãos, do amor a Ladainha...
 E que... não lutem mais.”

“Que todos, num abraço amigo e fraternal,
Se queiram e, como irmãos, que esqueçam todo o mal
 Que ao bem amaldiçoa.
Que invoquem o nome teu que só doçura encerra,
Que se unam pela paz, que esqueçam a cruel guerra
 Que agora os agrilhoa.”

“Que o coração virtuoso e cheio de bondade,
De amor, de crença e Fé, de luz e caridade,
 Da mulher brasileira.
Também peça, Senhor, na prece que eu bendigo,
Do teu poder de Pai, o santo e eterno abrigo
 E, a paz alvissareira.”

“Debalde, ao florescer dos meus primeiros anos,
Na quadra em que a esperança é flor, não desenganos,
Eu suplantei Doutores.
Debalde, sobre o mar, fremente e rancoroso,
Andei para mostrar teu gáudio poderoso
De Paz, Perdão e Amores.”

“Debalde, em minha dor, em meio do caminho,
Eu recebi sorrindo apodos como o espinho
Que o rosto me sangrou.
Debalde sobre o ombro, eu tive o atroz madeiro
Com que remi, chorando, o mundo e um povo inteiro
Que à morte me levou.”

“Debalde!... tudo em vão!...
Um dia, entre o clamor de gritos que feriam,
De Jairo a filha morta, em prantos conduziam
À campa muda e fria.
Mostrando o teu poder de Pai, toda bondade,
Eu fiz voltar-lhe a vida e a flor da mocidade
Que tanto a enriquecia.”

“Se Lázaro já morto, em campa sepultado
Ergueu-se a minha voz, falando ao meu mandado
De Mestre e Salvador,
Foi para que os cruéis que tanto me odiavam,
Reconhecessem as leis que então me iluminavam...
As tuas leis, Senhor.”

“Bem cedo, desde a infância, em plena adolescência,
Eu sempre doutrinei firmado na clemência
Do teu amor sem fim.
No entanto, hoje, O que vejo? a luta que destrói,
E a Paz que o próprio amor na sua lei constrói,
Num caos que não tem fim.”

“Multiplicando os pães; fazendo d'água, vinho,
Curando os que com fé corriam ao meu caminho

De crença e devoção,
Eu dei o exemplo santo, em tudo de verdade,
De que, sem o amor da excelsa caridade,
Ninguém tem salvação.”

“Daqui, sozinho e triste, eu vivo abençoando
A todos que a mim vêm com preces, suplicando,
E que são filhos teus.
Debalde eu os ensino a estrada da grandeza.
Que os há de conduzir com toda a realeza,
Ao teu reinado, ó Deus.”

“Por eles, Pai! sofri torturas não sofridas,
Torturas tão cruéis, que todas as feridas
Senhor, me ardiam tanto,
Que até sem que eu pensasse, em ver tanta rudeza,
Chorou entristecida a própria natureza,
Seu carinhoso pranto.”

“Da Cruz, eu te pedi, que o Dimas, o ladrão,
Também fosse amparado em todo o teu perdão
De Pai... Senhor e Deus.
Mas, aí!... Querido Pai!... Debalde supliquei
Que amassem o meu exemplo, o exemplo que então dei,
Em bem dos filhos teus.”

“A culpa, amado Pai, bem vês que não é minha,
Pois não foi esta a lei do amor com que eu vinha
A todos doutrinando.
Por eles foi que um dia suportei as dores,
Na cruz que para mim foi tronco vil, de horrores...
Que o sangue derramei.”

“Em Madalena, o afeto, o exemplo por mim dado;
O encanto do perdão que nela foi lançado
Por sua vida triste,
De nada, pois, valeu, porque a humanidade,
O bem sempre olvidando em troca da maldade,

No crime ainda persiste.”

“E, depois disso, Pai, sem que eu pedisse o culto
De um povo que era bom, ditoso e resoluto
Ao qual sempre dei tudo,
Puseram-me aqui no alto deste monte.
Que para mais não ver, viro, chorando, a fronte
E, fico triste e mudo.”

“Em derredor de mim cantavam passarinhos
Que alegres, no esplendor dos seus formosos ninhos
Pareciam rezar.
Mas, hoje, tudo é triste, em todo o coração.
Há o eco funerário e rude do canhão,
O pranto a provocar.”

“Eu nunca imaginei que deste Monte austero,
Viesse a ver ainda os crimes com que Nero
O mundo horrorizou.
Que após o decorrer de mil anos passados,
Eu visse a mesma luta e os mesmos torturados
Que a História assinalou.”

“No entanto, como vês, no horror da exaltação,
Os filhos teus, Senhor, com fúria de leão,
Matam-se sem piedade.
Senhor !... manda outra vez que eu morra preso à cruz
Que eu possa ser o guia, o amparo, o pão e a luz
Na Mísera orfandade.”

“Quanta tristeza eu vejo em tudo agora,
Desde que a noite desce até o surgir da aurora.”

“Se a Paz que há de surgir qual ruiva madrugada
De cores várias, mil, de flores matizada,
Não for a que eu preguei,
Ordena, amado Pai, ao filho teu Jesus,
Que morra uma vez mais nos braços de outra cruz...”

Ordena, que eu irei.”

“E se hoje ou se amanhã, perdido nos espaços.

Rolar este meu corpo em mais de mil pedaços

Qual mundo em tuas mãos,

De lá do alto céu, da Pátria da verdade.

Permite-me Senhor, que os diga e com piedade:

– AMAI-VOS COMO IRMÃOS.”

Trovas Catarinenses

(incompleto)

Noite de São João

(Para o Tito Carvalho)

O arraial dos Cunha amanhecera festivo.

A vivenda do coronel João Ventura deslumbrava não só pelo encanto nunca visto que a ela emprestavam as bandeiras, que em linhas transversais se estendiam por toda a casa, como ainda pela concorrência de convidados e do grande número de moças que, com as variadas e berrantes cores dos seus vestidinhos simples e decentes, davam à festa o aspecto de uma verdadeira multidão de borboletas rubras, brancas, azuis e amarelas, esvoaçando em bailados ingênuos dentro de um jato de luz.

No quarto principal da sala, sobre um altar profusamente florido e iluminado com velas enfeitadas e cingidas de laços de fitas de várias cores, S. João, com o seu tradicional carneirinho ao lado, parecia presidir toda aquela festança mais religiosa do que mesmo profana.

Todo o arraial estava em festas.

.....

Terminada a novena e depois de lida a lista dos novos juízes eleitos para o ano seguinte; depois do tradicional “boa noite”, teve começo o baile, ansiosamente esperado pelos presentes.

A orquestra que se compunha de uma gaita, um violão, um cavaquinho e um contra-baixo, fez-se ouvir com o contentamento de todos, tornando mais alegre a festa que em homenagem a S. João fazia o coronel Ventura e todos os moradores do risonho e florescente arraial dos Cunha.

Alta noite, a convite das moças, Zé da Bica, o mais afamado tocadour de violão e cantador de modinhas daquela redondeza, depois de repenicar as cordas afinadas do seu mágico instrumento cantou cheio de entusiasmo e com toda a voz do seu peito de cantador do sertão:

Antes de saudar as moças,
Deste bonito salão,
Vou pedir que me abençoe,
O divino S. João.

E ainda com mais entusiasmo e mais cheio de si
continuou:

Se eu mandasse nesta terra,
Como sou bom violeiro
Eu faria S. João,
D'entre os santos o primeiro.
Para o céu subir faria,
De quando em quando um balão,
Cada um levando escrito:
– Viva a noite de S. João!

Cá na nossa Freguesia,
Da Santa da Conceição,
Para o céu subir faria
De quando em quando um balão.

Terminadas que foram as últimas estrofes do cantador, uma grande e prolongada salva de palmas atestou frisamente o quanto havia agradado o canto do famoso e conhecido violeiro.

.....

O baile continuava animadíssimo.

Em frente da casa, na esplanada do terreiro, uma grande fogueira dourava com os seus claros de luz, as verdejantes e quietas folhas dos arvoredos hirtos de frio em cujas frondes escuras e contemplativas agasalhavam suaves e quentes ninhos de amor.

De quando em quando, um foguete rasgando o espaço com uma faixa de luz anunciava alto, muito alto, com o estouro de suas bombas, que em festa era todo o arraial

dos Cunha e que alegre, muito alegre era a noite de S. João.

Como eu me lembro bem!...

Amante como sempre fui e ainda sou do som de um violão perdido no silêncio côncavo da noite, a convite do coronel Ventura, olhando a fogueira que tudo aclarava, eu disse:

Noite de S. João

Bendita seja sempre e eternamente a mão
Que pela crença ativa, excelsa e abençoada
Ilumina o esplendor noturno do Sertão,
Desde a tarde que cai, ao vir da madrugada.

Bendito também seja o simples coração
Da matuta feliz, da ingênua namorada,
Que faz o violeiro, um louco de paixão,
Cantar trovas de amor em noite enlutarada.

Bendita seja a dor que faz chorar velhinhos,
Do passado lembrando a época querida,
Em que beijos de amor trocavam nos caminhos
Bendita seja sempre a noite de S. João.

– O folguedo maior de toda a nossa vida...
O encanto sem igual das festas do Sertão.

Que noitada feliz!
Dia nascente.

A lua descambava pálida de vigília, vencida pelas flechas douradas do sol que se levantava, fecundo e vitorioso.

A fogueira crepitava nos últimos fragmentos de lenha, quando Zé da Bica, o festejado violeiro, sentido pela noite que findara, bem na curva do caminho, olhando a casa que se distanciava, quase chorando, deitado no braço da sua

estremecida viola, cheio de tristeza, de amor e de saudades,
cantou...

Antes o sol não nascesse,
Com o seu divino clarão,
Para que eterna fosse a noite
Do Sagrado S. João.

Como eu me lembro bem, Tito!
Eu tinha apenas vinte e dois anos.

Se a gente pudesse viver outra vez o passado, que é
cinza, cinza duma fogueira de São João, cinza da vida....

Lib. Bortolus

TRAJANO MARGARIDA

NELSON

Biblioteca Central
- 8760 -

SONETOS

ESTABELECIMENTO GRAFICO
BRASIL, LTDA.

FLORIANÓPOLIS

1943

(816.4)-1

27 m

Nelson

Sonetos

1943

Perdoa-me

Desejoso de erguer-te um túmulo n'altura
Disso tudo que eu sinto e chamo de saudade,
Um túmulo modesto e alheio à arquitetura
Que se impõe pelo orgulho e tudo o que é vaidade,

Sabes que fiz, meu filho? Entregue a desventura,
Que para mim tem sido um mundo de impiedade,
Vencido pela dor, que eterna me tortura,
E tudo me destrói como louca ansiedade,

Escrevi, com tristeza, os versos que aqui vão.
Neles pus todo o ardor de uma alma lacerada,
E dei tudo o que em mim floriu de inspiração.

Depois, alucinado, andei de porta em porta,
Vendendo-os, um a um, pra ver realizada,
A única ilusão que inda hoje me conforta.

Quando Nelson nasceu

Minha alma me dizia: – Anda depressa, vai!...
E eu, então feliz como qualquer criança,
Saí para cantar, vaidoso, à vizinhança,
Que ele tinha nascido e que eu já era pai.

Que ventura tamanha, a minha nesse dia!
Não descansei um instante, e, alegre, prazenteiro,
A todos eu contava: – É meu filho primeiro,
– Que há de ser no futuro o meu amparo e guia.

– Não é bonito, mas tem tal vivacidade,
– É tão engraçadinho e mesmo tão risonho,
– Que igual não há, eu juro, em toda esta cidade,

E nisso eu levei quase uma existência inteira.
Longos anos vivi sob o esplendor do sonho
Que alenta o coração de um pai à vez primeira.

A primeira escola

Sem o medo infantil, que vê no mestre a algema,
Que insulta a liberdade e que tortura e oprime,
Sem ter nenhuma ideia e sem criar dilema
Que às vezes, por ser mau, confunde e não redime;

Nessa idade em que tudo é sonho e só beleza,
Em que a vida é uma flor que se abre e se estiola,
Nelson teve a ventura, a sensação, riqueza,
Dos encantos sem par de uma primeira escola.

Qualquer pai, sendo bom, tem glórias nesse dia.
E por isso, eu me achei, contente, ressurgido,
Dentre o que de real dá vida a uma alegria.

Desde então, nele eu tinha, além de uma esperança,
Tudo o que de feliz me havia enriquecido,
Tudo aquilo que eu fui no tempo de criança.

A primeira comunhão.

Querendo fazer dele um homem justo, crente,
Eu mesmo, como pai, levei-o pela mão,
Pra receber o encanto, a luz aurifulgente,
Do amor, do bem, da paz, da excelsa comunhão.

Na igreja, e, ante o Padre, humilde, reverente,
Senti a vez primeira o êxtase, a unção,
Que a uma alma de criança alenta e faz ciente,
Dos ideais da fé, direito e da razão.

Depois daquele dia, abençoado e puro,
Eu me senti feliz, porque, sob o seu manto,
Jesus o guiaria em todo o seu futuro.

O amor é uma ilusão que alenta, passa e vai,
Mas sempre se faz lei, destino, luz, encanto,
Quando é nascido livre, em coração de pai.

Emancipado

Quando ele completou sua maioridade,
Que se fez homem, livre, embora bem mocinho,
Que, encorajado, forte, em plena flor da idade,
Sorriu ao ver da vida o rústico caminho;

Quando ele nem sabia o que era uma saudade,
Ferindo o coração como se fosse espinho,
Em tudo vendo o ardor que faz a mocidade
Das ilusões, viver, no eterno torvelinho;

Quando ele tinha em si tudo o que é forte e puro,
Surgiu-lhe frente a frente, impávido, aguerrido,
O destino a turbar-lhe o sol do seu futuro.

Pra salvá-lo fiz tudo o que podia...
Lutei como um herói, mas acabei vencido,
Porque a própria fé perdi naquele dia.

Filho enfermo

Entregue a dor cruel que fere lentamente,
Lá se ia o pobrezinho aos poucos definhando,
Sem lhe valer, no entanto, a prece pura, ardente,
Que, respeitosa e triste, os seus iam rezando,

E, assim, sempre a sofrer, gemendo eternamente,
Tentava, quase exausto, ir mesmo suplantando
O mal que o torturava, o mal audaz, pungente,
E alheio à própria fê que o vinha iluminando.

Longos meses lutou, vivendo em desatino,
Sem saber a razão por que tanto o feria,
Essa lei poderosa e forte do destino.

A tudo que o magoava eu implorei clemência.
Mas de nada valeu, porque tudo mentia,
Desde o encanto da prece às luzes da ciência.

Quando Nelson morreu

Depois de me pedir que, como pai que eu era,
Lhe aliviasse o mal que o torturava tanto,
A dor que o definhava, a dor que dilacera,
Mesmo quando a existência é sol de eterno encanto;

Depois desse sofrer sem fim que desespera,
E tudo o que é ventura envolve no seu pranto;
Depois dessa expressão que a um pai fere, exaspera,
Trucida, insulta, esmaga, oprime e causa espanto;

Depois de receber das bênçãos o conforto,
De ter do nosso beijo a luz da eterna união,
Nos braços meu caiu, mas já sem vida... morto.

E nesse instante, eu vi, ferida, soluçando,
Ruir a catedral da última ilusão,
Que eu vinha desse moço, alegre, edificando.

Caixão fúnebre

Todo preto e por cima, uns quatro galõezinhos,
Ocultando do povo afeito ao que é grandeza,
Os estorvos que eu tenho achado nos caminhos,
Desta vida de luta, enganos e pobreza.

Dentro dele, e já morto, embora os meus carinhos,
Coloquei o meu filho, a jeito e sem rudeza,
Com temor que o ferisse a multidão de espinhos
Que tornaram minha alma um templo de tristeza.

E no dia seguinte, em procissão calada,
De mil flores coberto e à minha mágoa alheio,
Ele mesmo o levou à última jornada.

Ironia cruel que eu nunca esquecerei:
– Num caixão pobre, rude, esguio, negro e feio,
– Coube tudo o que em vida eu mais idolatrei.

Vela de cera

Tu podes ser alheia a tudo o que o esplendor
Distingue, cria, eleva, alenta e envaidece;
Tu podes não possuir nem mesmo o encantador
Que dá realce, arroubo, e as coisas enriquece.

No entanto, és piedosa e dona de um valor
Que igual só tem a paz no aconchegar da prece.
Embora a palidez que te enche de amargor,
Tens tudo o que de puro o sol da vida aquece.

Quando morreu meu filho, ó vela companheira!
Fiel a minha angústia, o corpo seu velaste,
Durante o decorrer da noite derradeira.

O bem que me fizeste eu nunca olvidarei,
Porque, além da luz com que o iluminaste,
Choraste, bem eu vi, como eu também chorei.

O enterro

À frente do cortejo e como alheio a tudo,
Seguia o carro preto, o carro funerário,
Rondando em “zig-zag”, a fonfonar, sisudo,
Cumprindo a lei fatal do seu atroz fadário.

Depois, o povo e eu, que fiz da força o escudo
Em que fui me amparando em todo o itinerário,
Embora o meu sofrer fosse profundo, mudo,
Levei meu filho morto ao fim do seu calvário.

Os quatro que no mundo o tinham como irmão,
Puseram-no na cova e lhe jogaram flores,
Cobrindo e embelezando a tampa do caixão.

– Voltei, sozinho e triste, ao desolado lar.
Tamanha era a saudade a encher-me de amargores,
Que, sem querer, confesso, eu tive de chorar.

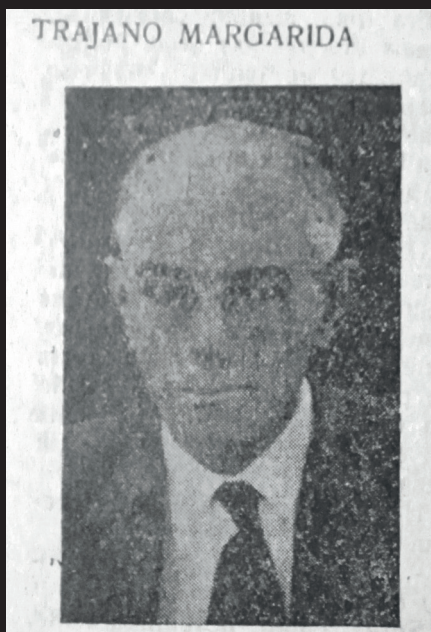
Crucifixo

Da cruz onde te pôs, vencida, a mesma crença
Que a todos ensinaste e deste por ser pura,
Tu contemplaste, mudo, a dor profunda, imensa,
Da minha impiedosa e rude desventura.

E, quanto mais cruel, mais funda e mais intensa,
Se tornava a paixão que inda hoje me tortura,
Maior era o desprezo e mesmo a indiferença,
Do teu amor de Pai, tão cheio de candura.

Durante aquela noite, as velas, em segredo,
Choraram com pesar de ver o sofrimento
E a dor que me pungia e lhes causava medo.

No entanto, amado meu! Tu não te apiedaste!
Diante da extensão sem fim do meu tormento,
Todo o mundo chorou, só tu que não choraste.



Revista Atualidades, Florianópolis, edição 1, janeiro de 1946, p. 11.



Túmulo da família de Trajano Margarida, Cemitério Municipal do Itacorubi, Florianópolis, 2019. Acervo das autoras.



Junto à Força Pública. Acervo pessoal Fábio Garcia.

Térmo de óbito.

Tragano Margarida. - Aos catorze dias
do mês de fevereiro do ano de mil novecen-
tos e quarenta e seis, neste segundo sub-di-
strito da sede da Comarca de Florianópolis,
Capital do Estado de Santa Ca-
tarina, em Cartório, compareceram e são
São Eugênio Fortes, Comerciário, res-
idente neste sub. distrito e declarou que
a sua esposa Saraiva, sem numero, neste
sub. distrito, faleceu hoje, dia catorze
de fevereiro de mil novecentos e quarenta
e seis, as doze horas, Tragano Mar-
garida, de São Lourenço, do sexo mas-
culino, de profissão funcionário público
estadual, aposentado, natural do Estado,
nascido em Florianópolis, com
cincoenta e seis anos de idade, com-
tiliado e residente neste sub. distrito,
casado com Manuel Margarida, fi-
lho de Fernando Ferreira e de Maria
Lúcia Ferreira, ambos naturais deste
Estado e já falecidos. Não deixou
bens a se inventariados, nem fi-
lhos menores. Segundo o atestado
firmado pelo doutor Fernando Fortes,
causa da morte foi Insuficiência
cardio-circulatória, devido a Bron-
quite crônica. O cadáver vai ser
fóssilado no Cemitério de Itacorubi.
E para constar, lavrei este termo.

Certidão de óbito. Escrivania de Paz, 2º Subdistrito do Estreito -
Comarca da Capital

CRONOLOGIA DA VIDA E OBRA

1889

Nasce Trajano Margarida em 16 de Janeiro em Florianópolis, filho de Alexandre e Francelina Ferreira. Em 14 de abril, na mesma cidade, nasce Mamede Luz, futura esposa do poeta.

1909

Qualifica-se como eleitor em Florianópolis.

1910

Atua como professor e é transferido da primeira para a quarta escola da capital.

1912

Nomeado professor provisório da segunda escola do sexo masculino de Itajaí.

1913

Transferido para a vila Brusque a fim de ocupar o mesmo cargo.

1914

Exonerado a seu pedido da escola de Brusque. Organiza atividade cívico-literária em Florianópolis para celebrar os 26 anos da Abolição da Escravidão. Publica *O Natal do orfãozinho ou o presente de Jesus*.

1915

Organiza segunda edição da sessão cívico-literária na capital em prol do 13 de Maio.

1916

Colabora com o jornal Folha Rôsea. Promove evento cultural em benefício da Associação Asilo Irmão Joaquim. Dirige grupo de pastorinhas e terno de reis. Participa da Festa do Lápis e da Canção em Laguna. Publica *Amor e Sangue e Caridade*.

1917

Nomeado servente da extinta Secretaria Geral do Estado. Publica *Sonetos (Horas Tristes) e Pátria*.

1918

Ingressa como amanuense na Secretaria do Interior e da Justiça.

1919

Ê suspenso do cargo por 15 dias. Suspenso novamente por três dias. Ê colaborador da Revista Ilustrada. Publica *A Fome e a Sede no Ceará*.

1920

Funda o Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, do qual torna-se o primeiro presidente. Inicia a campanha para inauguração do monumento para Cruz e Sousa. Ministra as aulas do 1º e 3º ano da Escola Noturna Cruz e Sousa, vinculada ao Centro.

1921

Ê fundado o Figueirense Football Club, no qual toma posse como 1º secretário e escreve seu hino. Representa o Club Náutico Cruz e Sousa de Itajaí diante da Associação Náutica Catarinense. Abre, em sua residência na Rua Padre Roma, n. 25, um curso noturno gratuito de

alfabetização para crianças. Participa das reuniões no Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo.

1922

Faz parte da comissão de propaganda da Liga Patriótica Pró Candidatura de Arthur Bernardes e Urbano Santos. É aceito como sócio da Junta Republicana. Organiza, na sede do Centro Cívico, grande celebração do 13 de Maio.

Publica *Sonetos de Páscoa*.

1923

O monumento para Cruz e Sousa, promovido pelo Centro Cívico e Recreativo Cruz e Sousa, é inaugurado.

1924

Promovido a segundo oficial da Diretoria de Interior e Justiça. É eleito presidente do Centro Cívico e Recreativo Cruz e Sousa.

1925

Está entre os fundadores do Centro Catarinense de Letras.

1926

Publica *Minha Terra*.

1927

Organiza o Cordão Carnavalesco Gozo da Vida, junto a outros associados do Centro Cívico e Recreativo Cruz e Sousa. Organiza sessão literária beneficente no Teatro Álvaro de Carvalho.

1929

Promovido a primeiro oficial da Diretoria de Interior e Justiça. É escolhido para orador da União dos Garçons de Florianópolis. Escreve *Carta aberta aos homens de cor de minha terra*.

1930

Publica *Carnaval*.

1932

Associa-se à Sociedade Literária da Biblioteca Catarinense. Escreve marchinhas para grande parte dos blocos de Florianópolis.

1935

Suspenso do cargo por oito dias devido a comentários feitos em seus versos *Três por dia*, publicados n'A Gazeta.

1936

Publica *Brack e Paz*.

1940

Morre de tuberculose Nelson Margarida, seu único filho.

1941

Após 23 anos, aposenta-se do serviço público.

1943

Publica *Nelson* em sua homenagem.

1946

Falece em 14 de fevereiro de insuficiência cardiocirculatória. Está sepultado no Cemitério Municipal do Itacorubi em Florianópolis.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XIX*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2017.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC, 1989.

AZEVEDO, Geraldino. Bucolismo (ao Trajano Margarida). *A Gazeta*, Florianópolis, ano I, n. 208, terça-feira, 30.04.1935, p. 2.

BARBOSA, Renato. *O garoto e a cidade*, Florianópolis dos anos 20. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1979.

BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Sena Pereira. Florianópolis: Edições Academia Catarinense de Letras, 1993.

BITTENCOURT, Liberato. *Nova história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ginásio 28 de Setembro, 1945.

BORGES, Elisa. *O Centro Cívico e Recreativo José Boiteux e sua atuação em Florianópolis na década de 1920*. Monografia (Gradação em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CALLADO, Petrarcha. Poeta do povo. *A Gazeta*, Florianópolis, ano XI, n. 2.625, terça-feira, 16.01.1945, p. 1.

CARDOSO, Paulino; RASCKE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot-Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). *Vozes, Pretérito & Devir*: Revista de História da UESPI, n.5, p. 99-121, 2016.

CARDOSO, Paulino; MORTARI, Cláudia. Territórios negros em Florianópolis no século XX. In: BRANCHER, Ana (org.). *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CARNAVAL de Florianópolis. *A Pátria*, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

CASTIGADO pela publicação de um soneto, o popular poeta Trajano Margarida. *A Gazeta*, Florianópolis, ano I, n. 152, terça-feira, 19.02.1935, p. 1.

COELHO, Nelson de A. Trajano Margarida: poeta e seresteiro. *Revista Anuário Catarinense*, p. 124-125, 1950.

CÔRREA, Carlos Humberto P. *História da cultura catarinense*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. *TOPOI*. Revista de História, n. 12, p. 118-139, 2011.

GARCIA, Fábio. Intelectuais negros no pós-abolição: associativismo negro em Florianópolis (1915 - 1925). In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, 2011.

GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões: A presença de intelectuais, músicos e poetas negros nos jornais de Florianópolis e Tijucas no início do século XX*. Florianópolis: Editora Umbutu, 2007.

GARCIA, Fábio (org.). *Ildefonso Juvenal da Silva: um memorialista negro no sul do Brasil*. Florianópolis: Editora Cruz e Sousa, 2019.

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da Nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013.

GOMES, Manuel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Ed. Luardelli, 1990.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2009.

HERRERA, Julio N. Homenagem póstuma a Trajano Margarida. *Revista Atualidades*, nº 5, Florianópolis, abril/maio, 1948.

MALCHIADES, Juvenal. Soneto (dedicado a Trajano Margarida). *A Gazeta*, Florianópolis, ano I, n. 487, terça-feira, 14.04.1936, p. 2.

MARIA, Maria das Graças. *Imagens invisíveis de Áfricas presentes*: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

MATTOS, Hebe; RIOS, Ana Lugão. *Memórias do cativo*: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MATTOS, Felipe. *Armazém da Província*: vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

LONER, Beatriz, MONSMA, Karl; MATTOS, Hebe; ABREU, Marta; DANTAS, Carolina. *Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico*. Identidades e Projetos Políticos. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PEREIRA, Lucésia. *Florianópolis, década de trinta*: ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

PEREIRA, Lucésia. Trajano Margarida: o trovador urbano. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera. *A casa do baile*: estética e modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006, p. 237-262.

RASCHE, Karla Leandro. *Samba, caneta e pandeiro*: cultura e cidadania no sul do Brasil. Curitiba: CRV, 2019.

RASCKE, Karla Leandro. Escritos de Trajano Margarida: intelectualidade negra no pós-abolição em Santa Catarina (Brasil). In: *Estudios afrolatinoamericanos 3: actas de las Quintas Jornadas de GEALA*. Ediciones del CCC Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorin, v. 1, p. 250-260, 2017.

RASCKE, Karla Leandro. *Entre a caneta e o pandeiro: letras e enredos de agremiações afrodescendentes em Florianópolis - SC (1920-1950)*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

REIBNITZ, Cecília de Souza. *A literatura catarinense a partir da Revista Terra: canonização, crítica literária e sociabilidades*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ROSA JUNIOR, João. De longe (ao poeta mavioso Trajano Margarida). *República*, Florianópolis, ano I, n. 279, quinta-feira, 24.09.1931, p. 3.

SACHET, Celestino. *História da Literatura Catarinense*. Editora Lunardelli, 1985.

SANTA AFRO CATARINA. A Desterro de Cruz e Sousa. Disponível em: <http://santaafrocatarina.sites.ufsc.br/santaafrocatarina/>. Acesso em: 10.03.2019.

SÃO THIAGO, Arnaldo. *História da literatura catarinense*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1957.

TEIXEIRA, Luana. A herma e a imagem: Cruz e Sousa e os homens de letras na Florianópolis nos anos 1920. In: *Anais 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Florianópolis, 2019.

TRAJANO Margarida. *Dia e Noite*, Florianópolis, ano IV, quinta-feira, 11.05.1939.

REFERÊNCIAS

13 de Maio. O Olho. Semanário Ilustrado. Florianópolis, ano I, n. 6, 13.05.1916.

A cigana. República, Florianópolis, ano II, n. 887, 13.06.1933, p. 7.

A confissão do Arlequim. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

A Corcundinha. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 140, 02.11.1934, p. 1; A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 339, sexta-feira, 11.10.1935, p. 6.

A culpa é dos pais. Poemas recolhidos em jornais, referenciados um a um. Obra íntegra não encontrada.

A curandeira. (Reminiscências). Diário da Tarde, Florianópolis, terça-feira, 21.6.1938.

A fome e a sede no Ceará. Poesia. Florianópolis: Typographia da Livraria Central, 1919.

A fumaça do meu cigarro. O Oriente, Florianópolis, ano II, n.51, 10.10.1915, p. 1.

A irmã Tereza. (Reminiscências). O Oriente, Florianópolis, ano 2, n.52, 17.10.1915; República, Florianópolis, ano I, n. 77, domingo, 17.06.1934, p. 6.

A monja do convento. 15 de agosto de 1919. Revista Ilustrada, setembro de 1919.

A noiva. O Estado, Florianópolis, Ano IX, n. 2931, quarta-feira, 02.04.24, p. 2.

A prece. (Horas Tristes). O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 27, 25.04.1915, p. 1.

A primeira comunhão. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

A primeira escola. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Abandonada. O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 53, 24.10.1915, p. 3.

Adeus! O Oriente, Florianópolis, ano I, n. 12, 10.01.1915, p. 2. Observação: a última palavra do segundo verso e parte das últimas palavras do terceiro e quarto não estavam acessíveis devido à mutilação do original, sendo preenchidas em virtude do contexto.

Alvorada do Sertão. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Amanhã. Revista Ilustrada, Florianópolis, ano 2, n. 13, junho de 1920.

Amor e medo. República, Florianópolis, ano I, n. 72, domingo, 18.01.1931, p. 3.

Amor materno. República, Florianópolis, ano I, n. 123, 12.08.1934, p. 1; A Gazeta, Florianópolis, ano III, n. 485, sábado, 11.04.1936, p. 2.

Andaluzas. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Ano novo. O Oriente, Florianópolis, ano I, n.11, 01.01.1915, p. 2.

Ano velho. O Estado, Florianópolis, ano VII, n. 2257, sábado, 31.12.1921, p. 2.

Ao Exmo. Sr. Dr. Hercílio Pedro da Luz. XXIX de Maio, Florianópolis, número único, 29.05.1920, p. 3.

As duas mães. República, Florianópolis, ano I, n. 46, quarta-feira, 17.12.1930, p. 4; República, Florianópolis, ano I, n. 117, 05.08.1934, p. 1.

As três lágrimas. O Dia, Florianópolis, ano XIV, n. 7.582, 06.08.1914, p. 2.

Ave Maria. (A culpa é dos pais). O Imparcial, Florianópolis, ano I, n. 19, 13.08.1916, p. 1.

Brack. Poemeto. Florianópolis, edição do autor, 1936.

Caixão fúnebre. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Canção do Figueirense. República, Florianópolis, ano XVII, n. 947, sábado, 24.12.1921, p. 3.

Canto da ratoeira. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Carnaval. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Carta aberta aos homens de cor da minha terra, meus irmãos de raça. A República, Florianópolis, ano 3, numero, 868(A), domingo, 01.09.29, p. 4.

Chupa, mas não engole. Correio do Estado, Florianópolis, quinta-feira, 31.01.1935.

Confissão. O Estado, ano VI, n. 2132, quinta-feira, 04.08.1921, p. 2.

Coisas da nossa terra. O Estado, Florianópolis, ano V, n. 1642, segunda-feira, 01.11.1920, p. 6.

Crucifixo. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Deixa-me. A Gazeta, Florianópolis, ano. II, n. 470, segunda-feira, 23.03.1936.

Desalento. O Dia, Florianópolis, ano XII, n. 7039, 17.10.1912, p. 1.

Desilusão. Atualidades, Florianópolis, n. 3, março de 1946; O Estado, Florianópolis, ano XXXI, n. 9.615, domingo, 24.02.1946, p. 6.

Deus. (A culpa é dos pais). Revista Phenix. Seminário ilustrado. Florianópolis, 20 de agosto de 1916.

Devolução. República, Florianópolis, ano III, n. 604, quarta-feira, 01.04.1936, p. 5.

Dia dos meus anos. República, Florianópolis, ano III, n. 988, 16.01.1930, p. 4.

Domingo de Passos. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 123, domingo, 22.03.1931, p. 2.

Domingo de Ramos. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano II, n. 747 domingo, 09.04.1933, p. 4.

É tarde. Revista do Centro Catarinense de Letras. n. 1, maio de

192. Apud: BERTOLINO, Pedro. Viagens com Maura. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Sena Pereira. Florianópolis: Edições Academia Catarinense de Letras, 1993, p. 64.

Em tempo. Revista Anuário Catarinense, 1948, p. 90.

Emancipado. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Esperança nova. O Dia, Florianópolis, ano XVII, n. 8.578, 15.05.1917, p. 2.

Eterno gozo. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Eterna Saudade. A Gazeta, Florianópolis, ano III, n. 780, sexta-feira, 21.05.1937, p. 2.

Finados. (Reminiscências). A Gazeta, Florianópolis, ano III, n. 616, sábado, 31.10.1936.

Filho enfermo. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Filhos da lua. A Pátria, Florianópolis, quinta-feira, 17.01.1935.

Flor da raça. República, Florianópolis, ano I, n. 267, quinta-feira, 07.02.1935, p. 6.

Flor Preta. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 112, 31.07.1934, p. 1; República, Florianópolis, ano III, n. 780, terça-feira, 10.11.1936, p. 6; A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 327, sexta-feira, 27.09.1935, p. 6.

Hoje. O Dia, Florianópolis, ano XIII, n. 7.353, 30.10.1913, p. 2.

Horas Tristes. Poemas recolhidos em jornais, referenciados um a um. Obra íntegra não encontrada.

Ilusões de Pierrot. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Imprensa. República, Florianópolis, ano III, n. 846, sábado, 30.01.37, p. 2.

Irmã Tereza. O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 52, 17.10.1915; República, Florianópolis, ano I, n. 77, 17.06.1934.

Japonesas. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Madrugada morta. Diário da Tarde, segunda-feira, 23.03.1936.

Mágoas do artista. República, Florianópolis, ano XIV, n. 147, 27.03.19, p. 1; República, Florianópolis, ano I, n. 163, 30.09.1934, p. 6.

Mar Revolto. O Oriente, Florianópolis, ano 2, n. 25, 11.04.1915, p. 2.

Margaridas. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Máscara comum. República, Florianópolis, ano I, n. 95, domingo, 15.02.1931, p. 4.

Meus anos. Diário da Tarde, Florianópolis, ano I, quinta-feira, 16.01.1936.

Minha terra: comemorando a inauguração da Ponte Hercílio Luz e rendendo uma pálida homenagem a seu grande idealizador. Florianópolis: Ed. do autor, 1926.

Miséria e dor. O Imparcial, Florianópolis, ano I, n. 5, 30.01.1916, p. 2.

Mistérios d'alma. Diário da Tarde, Florianópolis, ano III, sábado, 20.08.1938.

Mocidade alerta (título atribuído). República, Florianópolis, ano III, n. 985, domingo, 12.01.30, p. 3.

Morro do Mocotó. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Morto mesmo... Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Na noite de São João. O Dia, Florianópolis, ano XVII, n. 8.612, 24.06.1917, p. 2.

Não te esqueças. (Reminiscências). A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 325, quarta-feira, 25.09.1935, p. 6.

Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Nem mesmo assim. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

No consultório. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 28, quinta-feira, 27.11.1930, p. 4; República, Florianópolis, ano I, n. 75, sexta-feira, 15.06.1934, p. 6.

No dia da procissão. A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 423, sexta-feira, 24.01.1936, p. 2.

No dia em que tu partires. O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 47, 12.09.1915, p. 2.

Noite de natal. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 358, sexta-feira, 25.12.1931, p. 3.

Noite de São João. (Trovas Catarinenses). República, Florianópolis, ano III, n. 1115, terça-feira, 24.06.1930, p. 5; República, Florianópolis, ano I, n. 83, domingo, 24.06.1934, p. 6.

Nosso gozo. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Novena de Maio. A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 322, sábado, 21.09.1935, p. 6.

Nostalgias. República, Florianópolis, ano I, n. 100, 15.07.1934, p. 6.

O bloco é outro. República, Florianópolis, ano I, n. 276, 17.02.1935, p. 1.

O cego do cavaquinho. A Gazeta, Florianópolis, ano III, n. 625, segunda-feira, 05.10.1936, p. 2.

O enterro. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

O Natal do orfãozinho ou o presente de Jesus. Florianópolis: Typographia a Eletricidade da Livraria Moderna, 1914.

O primeiro defunto. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 151, domingo, 16.09.1934, p. 6.

O que tu és. O Dia, Florianópolis, ano XIV, n. 7.414, 14.01.1914, p. 2.

O tanger dos sinos. O Oriente, Florianópolis, ano 2, n. 54, 31.10.1915, p. 2.

Os cegos. O Estado, Florianópolis, ano IX, n. 2.888, terça-feira, 12.02.24, p. 3.

Os dois morféticos. Dia e Noite, Florianópolis, ano IV, n. 325, 14.05.1939.

Palhaço. República, Florianópolis, ano I, n. 99, domingo, 22.02.1931, p. 3.

Pão. O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 48, 19.09.1915.

Papai Noel. República, Florianópolis, ano IV, n. 1.106, 25.12.1937, p. 5.

Parabéns. Cadernos de pesquisa de Lucésia Pereira, 2000.

Pátria: poemeto patriótico. Florianópolis: Oficina Gráfica da Phe-nix, 1917.

Paz. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1936.

Perdoa-me. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Pois sim. República, Florianópolis, ano I, n. 96, quinta-feira, 19.02.1931, p. 3.

Presentes de Natal. Dia e Noite, Florianópolis, segunda-feira, 25.12.1939.

Procissão de Senhor dos Passos. A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 477, terça-feira, 31.03.1936, p. 2.

Procissão do senhor morto. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano II, n. 881, terça-feira, 06.06.1933, p. 5; Diário da Tarde, Florianópolis, quinta-fera, 09.04.1936.

Quando Nelson morreu. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Quando Nelson nasceu. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Que importa? O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 49, 26.09.1915, p. 3.

Recusando. (Horas Tristes). O Imparcial, Florianópolis, ano I, n. 19, 13.08.1916, p. 1. Publicado novamente com o título **Recusa** e algumas revisões em: Revista Anuário Catarinense, 1953, p. 108.

Reminiscências. Poemas recolhidos em jornais, referenciados um a um. Obra íntegra não encontrada.

Ressurreição. O Estado, Florianópolis, ano XXXI, n. 9.615, do-

mingo, 24.02.1946, p. 6.

Roceiras. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Sábado de Passos. (Reminiscências). República, ano II, n. 446, domingo, 25.03.1928, p. 3; A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 475, sábado, 28.03.1936, p. 6.

Santa. O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 44, 22.08.1915, p. 2.

Saudação. República, Florianópolis, ano I, n. 50, domingo, 13.05.1934, p. 2.

Secreta mágoa. O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 49, 26.09.1915, p. 2.

Senhor! O Imparcial, Florianópolis, ano I, n. 12, 13.05.1916, p. 3.

Senhora. O Imparcial, Florianópolis, ano I, n. 3, 01.01.1916, p. 3.

Sertanejas. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Sertanejos. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Sexta-Feira Santa. (Reminiscências). O Estado, Florianópolis, ano V, n. 1475, quinta-feira, 01.04.1920, p. 8; República, Florianópolis, ano I, n. 133, sexta-feira, 03.01.1931, p. 4; A Gazeta, Florianópolis, ano I, n. 198, quarta-feira, 17.04.1935, p. 6. Versos, palavras e acentuação foram modificados entre as versões.

Sofredores. O Estado, Florianópolis, ano VI, n. 2.001, quinta-feira, 03.03.1921, p. 1.

Soneto. Revista Atualidades, Florianópolis, ed. 45, abril/maio 1948, p. 38.

Tamanqueiras. A Pátria, Florianópolis, sexta-feira, 22.01.1932.

Tia Chica (Fogueira de S. Pedro). (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 88, domingo, 01.07.1934, p. 6.

Torradinho. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 107, 25.07.1934, p. 6; A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 336, terça-feira, 08.10.1935, p. 6.

Transviada. (Reminiscências). República, Florianópolis, ano I, n. 94, 08.07.1924, p. 6; República, Florianópolis, ano I, n. 90, domingo, 08.07.1934, p. 6.

Trovas Catarinenses. Referenciado na bibliografia, único texto recolhidos em jornais, referenciado acima. Obra íntegra não encontrada.

Vela de cera. Nelson. Sonetos. Florianópolis, Estabelecimentos Gráficos Brasil, Ltda, 1943.

Vela de Cera (II). Diário da Tarde, Florianópolis, ano III, segunda-feira, 12.09.1938.

Verônica. República, Florianópolis, ano I, n. 239, domingo, 17.07.1927, p. 3.

Violão. (Reminiscências). A Gazeta, Florianópolis, ano II, n. 328, sábado, 28.09.1935, p. 6.

Viva quem goza. Carnaval. Florianópolis, Typ. Schuldt, 1930.

Volta! O Oriente, Florianópolis, ano II, n. 53, 24.10.1915, p. 2.

APONTAMENTOS SOBRE A OBRA

Os livretos de Trajano Margarida transcritos nesse livro encontram-se preservadas no Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. No entanto, há informações da existência de outras publicações coletadas durante o trabalho de pesquisa realizado para este livro. Fragmentos de poemas pertencentes a obras não encontradas em sua integralidade também foram transcritos. Para contribuir com investigações futuras, algumas observações sobre sua produção ficam registradas abaixo.

Horas Tristes/Sonetos. Em 1916, Trajano Margarida escreveu diversos poemas veiculados em jornais da capital, anotando que faziam parte da obra *Horas Tristes*. *O Imparcial* (Florianópolis, ano I, n. 20, 20.08.1916, p.1) escreveu matéria afirmando que em breve seria publicada a obra, na “qual se acham reunidos, além de outras poesias, mais de 50 sonetos, em sua maioria inéditos”. O jornalista afirmou que leu os originais e que há ali verdadeiras jóias poéticas. Possivelmente é o livro que *O Dia* (Florianópolis, ano XVI, n. 8445, 01.11.1916) comentou que seria lançado em novembro daquele ano. Ao que tudo indica, Trajano decidiu publicá-lo com outro nome: *Sonetos*. No natal de 1917, Trajano Margarida enviou correspondência para Fúlvio Adulcci, presenteando-o com a obra, o que confirma sua publicação (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, índice cronológico da correspondência de diversos para o Governo do Estado e Secretaria Geral dos Negócios. 1917, v, 4, p. 336).

A culpa é dos pais. Dois poemas publicados em 1916 são referenciados como fazendo parte dessa obra, mas, em 1919, a Revista Ilustrada noticiou que ele ainda estava em preparo. Talvez nunca tenha sido publicada.

Amor e sangue. Em *O Dia* (Florianópolis, ano XVII, n. 8.580, 17.05.1917) foi escrito: “Manoel e Timótea. Quem

esqueceu esse crime que atingiu um pobre menino de 17 anos. Trajano Margarida esta distribuindo pela cidade um pequeno opúsculo em versos” e afirmam terem recebido exemplar com esse título.

Pic-nic da morte. Foi publicado entre 1914 e 1919. Pouco se sabe desta obra, mas é referenciado como efetiva publicação do autor pela Revista Ilustrada em 07 de outubro de 1919. É possível que se trate de *Amor e Sangue* re-intitulado, pois a revista não a menciona (além de *Pic-nic da morte*, são citadas *O Natal do orfãozinho*, *A Pátria e o Sorteado*, *Sonetos e a Fome e a Sede no Ceará*).

Caridade. Segundo *O Dia* (Florianópolis, ano XV, n. 8.687, 10.07.1917), tratava-se de um folheto distribuído em prol de recursos para o Asilo Irmão Joaquim.

Nulidades. Referenciado por Ildefonso Juvenal como livro em fase de finalização (*O Estado*, ano VI, n. 1642, 01.11.1920, p. 1). Não há notícias se efetivamente foi publicado.

Sonetos de Páscoa. A *República* (Florianópolis, ano XVII, n. 1.021, 30.03.1921) noticiou os sonetos sobre a páscoa e diz que o folheto está à venda. *O Estado* (Florianópolis, ano VII, n. 2.333, sexta-feira, 31.03.1922) escreveu que Trajano acabava de compor e iria reunir em um pequeno folheto, listando os onze poemas que compunham a obra: “Domingo de Ramos”, Lava-pés, A última ceia, Jesus orando, O beijo de Judas, Ecce homo, Ante Pilatos, Em caminho do calvário, “Verônica”, Morte e Morte dolorosa. Aqueles gritados entre aspas estão presentes neste livro (*Reminiscências* e seção Sonetos).

Trovas catarinenses. A *República* (Florianópolis, ano I, n. 205, 07.06.1927) publicou que *Trovas Catarinenses* era o título de um trabalho de Trajano Margarida que ma-

peava a evolução da poesia no estado, trazendo dados biográficos dos poetas. No entanto, não há indícios concretos que tenha sido publicado.

Flores mortas. É citada por Coutinho (2001). No setor de obras raras da UFSC há um exemplar (sem data) datilografado e marcado com lápis, indicando que o poema estava ainda em construção. Por estar finalizado, foi transcrito integralmente neste livro, priorizando os trechos datilografados.

Acuso-te. Citado por Coutinho (2001), sem mais referências.

No meu tempo de rapaz. Citado por Coutinho (2001), sem mais referências.

ACERVOS

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. Setor de Obras Raras.

Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Hemeroteca Digital Catarinense.
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

NOTA DA REVISÃO

A obra de Trajano Margarida, reunida nesse volume, foi publicada originalmente sem que houvesse um rigoroso trabalho de revisão. Segundo Nelson Coelho (1950), amigo de Trajano, em virtude dos afazeres da vida e da ânsia de publicar, o poeta “escrevia sonetos que, sem o mínimo retoque, mandava às redações dos diários da terra. E tais versos eram, assim, publicados”. De fato, os poemas que foram republicados em vida pelo autor costumavam apresentar revisões e correções. No entanto, não o temos mais junto a nós para apontar quais versos são definitivos e onde eles poderiam ser melhorados.

É preciso ter em vista que a quebra da regra formal é em si mesma parte importante do valor literário e histórico da obra de Trajano Margarida. Como poeta do povo, imprimiu em seus versos um ritmo próprio do falar cotidiano, expressão que não respeitava a dureza das normas acordadas pelos cultos de gabinete. Portanto, a opção tomada foi a de mínima intervenção sobre os originais. Apenas a atualização ortográfica foi amplamente empregada, visando facilitar a comunicação entre a obra e os novos leitores.

Especificações técnicas:

Fonte: Bookman Old Style

Formato e acabamento: 140x210mm, lombada brochura, costurada.

Capa: 4x0, Cartão triplex 250g/m²; 140x210mm; Orelha 80mm + 80mm
laminação frente fosco e Verniz base d'água fosco total frente. Miolo: 1x1

Offset 75 g/m² 140x210mm.

A EDITORA CRUZ E SOUSA em parceria com as pesquisadoras Luana Teixeira, Lucésia Pereira e com o projeto “*Afrodescendentes no Sul do Brasil*”, apresenta ao público a obra completa de **Trajano Margarida**.

Também conhecido como “o poeta do povo”, Trajano Margarida integra a primeira geração de negros e negras do pós-abolição em Santa Catarina, ao lado de escritores, poetas, políticos e músicos como Antonieta de Barros, Leonor de Barros, Ildefonso Juvenal da Silva, João Rosa Júnior entre tantos outros.

Trajano Margarida, ainda criança, iniciou sua jornada como vendedor de torrquinho, estudou, tornou-se professor e mais tarde, funcionário público. Porém sua vertente artística sempre prevaleceu entre suas habilidades. Barítono por natureza era conhecido como excelente orador, poeta e seresteiro.

A reedição de sua obra se fazia necessária há muito tempo, ora para permitir que as gerações mais novas possam conhecer a produção literária dessa grande personalidade que fora Trajano Margarida, ora para preservar e democratizar o acesso de sua obra, salvaguardando-a de se perder no tempo.

A editora Cruz e Sousa cumpre assim sua função social em prol do interesse coletivo de compartilhar a produção dos escritores negros do pós-abolição, com a ânsia de despertar novos leitores e poetas no Sul do Brasil.

Boa leitura!

Fábio Garcia

EDITOR-CHEFE DA EDITORA CRUZ E SOUSA



REALIZAÇÃO



APOIO



DESENHO